Abril

Editora ABRIL
edição 2754 - ano 54 - nº 35
8 de setembro de 2021

veja

www.veja.com

INIMIGO DE SI MESMO

Dólar alto, avanço da inflação e dificuldades na retomada. O comportamento incendiário de Jair Bolsonaro, com confrontos e provocações, produz estragos na economia, em uma incompreensível estratégia de sabotagem de seu próprio governo — e de suas chances de reeleição

A HORA
DA MUDANÇA
É AGORA.

AINDA DÁ TEMPO DE
SER PARTE DA SOLUÇÃO.

WMcCANN | JBS

O aquecimento global é uma preocupante realidade em todo o planeta. E, para ajudar a mudar essa história, a JBS, uma das maiores produtoras de alimentos do mundo, lançou um compromisso global: ser net zero até 2040.

Ano após ano, a empresa vai melhorar ainda mais o jeito que produz, além de investir 1 bilhão de dólares em projetos para reduzir as emissões de gases de efeito estufa no processo produtivo. Usará 100% de energia elétrica limpa, criando novos produtos a partir de materiais recicláveis, desenvolvendo novas tecnologias e a ciência e monitorando cada vez mais.

A JBS tem tolerância zero ao desmatamento ilegal entre seus fornecedores há mais de 10 anos e agora desenvolveu uma ferramenta para monitorar os fornecedores deles também. Não vai ser fácil, mas muito ainda será feito para tudo isso sair do papel.

JBS Net Zero 2040.
Alimentar a mudança é o nosso compromisso.

Acesse: www.jbs.com.br/netzero

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

Grande São Paulo:
(11) 3347-2121
Demais localidades:
0800-775-2828

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
www.abrilsac.com.br

Grande São Paulo:
(11) 5087-2112
Demais localidades:
0800-775-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Para baixar sua revista digital
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editora Executiva: Monica Weinberg **Editor Especial:** Daniel Hessel Teich **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Figueiredo Pinto, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Alexandre Senechal Duarte, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Augusto Fernandes Conconi, Caique Vicentini de Alencar, Eduardo Gonçalves, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Giulia Vidale, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, João Pedroso de Campos, Josette Goulart, Julia Teixeira Braun, Laisa de Mattos Dall Agnol, Leonardo Lellis, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Costa de Oliveira e Sousa, Luisa Purchio Haddad, Manoel Francisco Schlindwein, Meire Akemi Kusumoto, Reynaldo Turollo Jr., Sabrina Gabriela de Brito, Simone Sabino Blanes, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Letícia de Luca Casado, Rafael Moraes Moura ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editoras:** Fernanda Thedim, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Caio Franco Merhige Saad, Carolina Barbosa da Silva, Cássio Bruno Gomes Silva Gonçalves, Cleo Guimarães, Ernesto Augusto de Carvalho Neves, Jana Sampaio, Marcela Capobianco Souza Pinto, Ricardo Ferraz de Almeida **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Dora Kramer, Fernando Schüler, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE PUBLICIDADE Jack Blanc **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2754 (ISSN 0100-7122), ano 54/nº 35. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

"É A ECONOMIA, ESTÚPIDO!" Bolsonaro em Uberlândia e capa de VEJA sobre a eleição de Clinton de 1992: ataques às instituições são um processo de autossabotagem

ALAN SANTOS/PR

PRESIDENTE DE OPOSIÇÃO

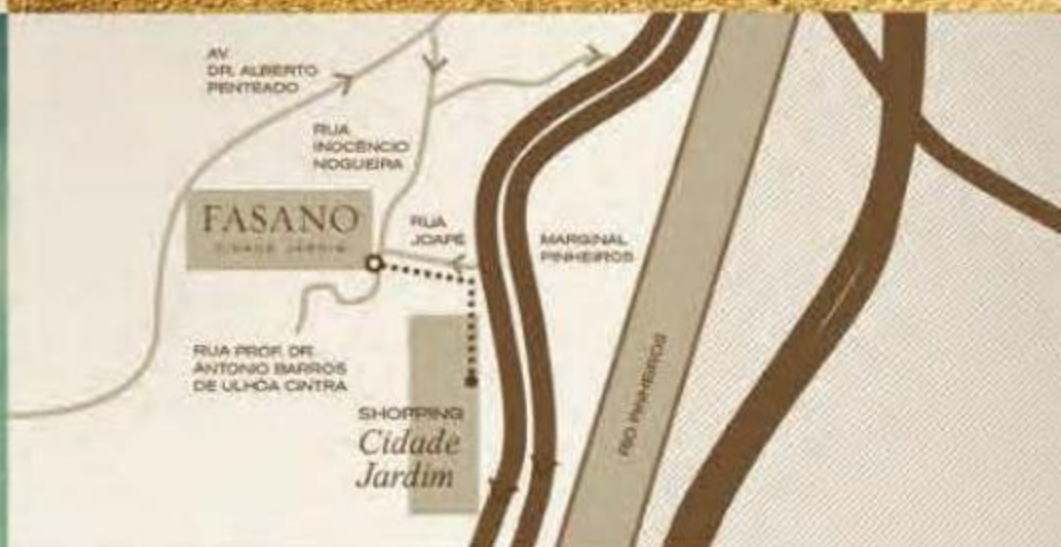
QUADRAGÉSIMO PRIMEIRO presidente dos Estados Unidos e sucessor de Ronald Reagan, George H.W. Bush (1924-2018) teve um mandato atípico. Depois de bater em 80% de popularidade ao deflagrar a Guerra do Golfo, em 1991, ele viu sua aceitação entre o eleitorado despencar no ano seguinte, o que o levou a perder uma reeleição que muitos analistas já consideravam ganha. O motivo para a insatisfação foi uma abrupta crise econômica, que lançou o país em uma recessão. Para vencer Bush, o rival democrata Bill Clinton fustigou-o com críticas ao déficit fiscal e ao aumento nos impostos, seguindo à risca a orientação de James Carville, seu estrategista de campanha. É de Carville a frase que define esse contexto e que entrou para a história da política: *"It's the economy, stupid!"* (É a economia, estúpido!).

Passados quase trinta anos, o presidente Jair Bolsonaro talvez não conheça a máxima de Carville — ou simplesmente acredite estar imune ao fenômeno que representa. Se fosse mais atento, perceberia que perigosas nuvens se alinham no horizonte a cada ataque que faz à estabilidade democrática do país, aos demais poderes constituídos e à ordem institucional. Sob o júbilo da horda de ultrarradicais que o seguem e idolatram, a turma que vai sair às ruas no próximo 7 de setembro, a crescente turbulência provocada pelo presidente tem solapado a economia do país, em um surpreendente processo de autossabotagem jamais visto em um ocupante do Palácio do Planalto. É como se tivéssemos um presidente de oposição — uma inovação esdrúxula, ridícula e altamente prejudicial ao Brasil.

Pouco afeito às questões técnicas de gestão pública ou aos fundamentos econômicos, Bolsonaro, ao subir continuamente o tom de seus arroubos autoritários, está pulverizando a confiança dos investidores potenciais no país — e, consequentemente, piorando a vida da população brasileira. A reportagem que começa na página 24 mostra como e por que, impulsionados pelo destempero da autoridade máxima da nação, o dólar se mantém em patamares muito mais elevados que o esperado e o investimento estrangeiro despencou a um volume que equivale a menos de um quarto do registrado em janeiro. Em resumo: o Brasil, que poderia estar se aproveitando da alta liquidez internacional e do novo ciclo de commodities, na verdade se vê acuado diante do fantasma da inflação, dos preços astronômicos dos combustíveis e da ameaça de uma grave crise energética.

Ao promover o caos, Bolsonaro trai a maioria daqueles que cravaram 17 no último pleito presidencial. Os eleitores o elegeram para governar o país e implantar um sistema econômico liberal. Empossado, porém, ele prefere promover uma contínua confusão, sem pesar as consequências de seus atos. Na realidade paralela em que habita, as adversidades são sempre parte de um complô armado por adversários e inimigos imaginários. Em seus devaneios, acredita que passeios de moto e manifestações, associados a um pacote de obras eleitoreiras, impulsionarão sua popularidade (obviamente, em queda vertiginosa no momento). Iludido, não percebe que tais medidas podem até lhe trazer fotos e votos, mas dificilmente conseguirão impulsionar a recuperação econômica de que o país tanto precisa e que poderia representar a sua própria reeleição. Amante de armas, Bolsonaro está dando um verdadeiro tiro no pé. ■

ELE AMOU O PRÉDIO. ELA AMOU A PLANTA. AS CRIANÇAS AMARAM O CLUBE E O SHOPPING. FASANO CIDADE JARDIM, SUA FAMÍLIA VAI AMAR.

O Fasano Cidade Jardim tem tudo o que a sua família concorda que é fundamental: liberdade para cada um fazer o que mais gosta. Reúne residência, club e hotel, conectados ao Shopping Cidade Jardim. Com opções de plantas personalizadas, arquitetura Triptyque, decoração por Carolina Proto do Estúdio Obra Prima e paisagismo por Maria João d'Orey. Tudo para todos concordarem com todos.

Fasano Residences

CLUB + HOTEL + RESIDENCES

FASANO

CIDADE JARDIM

UM EMPREENDIMENTO COMPLETO E EXCLUSIVO PARA SUA FAMÍLIA.

SHOWROOM: ACESSE PELO PISO TÉRREO DO SHOPPING CIDADE JARDIM.
VENDAS: (11) 3702-2121 | (11) 97202-3702 **FASANOCIDADEJARDIM**.COM.BR
CONHEÇA OS DETALHES E AS OPÇÕES DE PLANTAS, BAIXE O APP: JHSF REAL ESTATE SALES.

Incorporação registrada na matrícula nº 242.419 do 18º Registro de Imóveis da Capital em R.04 de 16/08/2019. Em conformidade com a legislação vigente, as fotos, as perspectivas e as plantas deste material são meramente ilustrativas e podem sofrer alterações sem aviso prévio. Conceito, Gestão e Comercialização Imobiliária Ltda. CRECI: 029841-J

TODOS CONTRA UM

O governador defende a formação de uma frente para impedir a reeleição de Bolsonaro e diz que Lula é quem, por enquanto, reúne as melhores condições para liderar a oposição em 2022

LETÍCIA CASADO

LÉO CALDAS

A UM ANO E MEIO de concluir seu segundo mandato de governador de Pernambuco, Paulo Câmara se prepara para abraçar um projeto ousado: construir as pontes que permitam a aliança do PSB, seu partido, com o PT com vista às eleições presidenciais. Não por acaso, foi por Recife que o ex-presidente Lula começou seu périplo no Nordeste em busca de apoio político. Não será um casamento fácil. A relação entre os dois partidos sempre foi pendular. Em 2014, os socialistas se afastaram dos petistas para lançar Eduardo Campos como candidato ao Planalto. O ex-governador morreu em um acidente de avião durante a campanha e foi substituído por Marina Silva, que acusou o PT de jogo sujo durante as eleições. No segundo turno, o partido apoiou Aécio Neves (PSDB). Anos depois, marchou com a oposição em favor do impeachment de Dilma Rousseff. Mesmo no quintal do governador, a convivência entre as duas agremiações é pouco amistosa. Câmara, no entanto, antevê que essas diferenças serão superadas a partir do instante em que todas as forças políticas se conscientizarem de que existe um único adversário a ser batido: Jair Bolsonaro. Aos 49 anos, o governador tem bons índices de popularidade e acredita que, no momento, apenas Lula tem condições de vencer o presidente da República nas urnas. Nesta entrevista a VEJA, ele defende a formação de uma frente de oposição, diz que apoiar o impeachment de Dilma foi um erro e que o governo federal é um desastre.

O PSB estará ao lado do PT nas eleições do ano que vem? Desde a redemocratização, o PSB caminhou muito mais ao lado do PT do que como oposição. Em 2018, na minha reeleição, o PT estava nos apoiando. A gente tem tido esse cuidado de conversar com os partidos progressistas, que estão conscientes da grande tarefa para 2022 que é combater a forma como o Brasil vem sendo administrado. O PT tem clara a posição de oposição ao governo Bolsonaro. Nós também.

Quais são as dificuldades para estabelecer desde já essa aliança? Há uma diretriz do PSB de só discutir alianças em 2022. Mas as portas estão abertas. Não apenas ao PT, mas a todos os partidos do campo progressista que queiram conversar sobre um Brasil melhor. A aliança com o PT é uma das alternativas. A possibilidade de aliança com o presidente Lula é real. Ele continua sendo o político mais popular no Nordeste. Aqui ele é imbatível. O que vai nos unir em 2022 é tirar o presidente Bolsonaro do poder e mudar tudo que está acontecendo no Brasil.

O senhor acredita na inocência do presidente Lula? Os processos dele foram anulados. O necessário agora é fazer o que a Justiça determinou: que sejam iniciadas as apurações, sem contaminação, seguindo o que diz a lei. Agora o ex-presidente vai ter todo o direito de defesa, que não deram a ele antes. A parcialidade do ex-juiz Sergio Moro foi demonstrada e reconhecida pela Justiça.

Tudo o que a Lava-Jato descobriu sobre corrupção envolvendo o ex-presidente, portanto, deve ser desconsiderado? Os processos judiciais é que vão dizer. Algumas ações já foram arquivadas e outras estão no mesmo caminho. É preciso imparcialidade e respeito aos ritos da Justiça, como

> **“A candidatura do Lula é uma opção contra a forma como o Brasil vem sendo administrado. O país fez avanços importantes durante os governos do ex-presidente”**

aconteceria com qualquer cidadão e como a Constituição preconiza.

O PSB apoiou e votou a favor do impeachment de Dilma Rousseff. Isso não é uma contradição? No meu entendimento, não do PSB, o impeachment não fez bem para o Brasil. Com a assunção do presidente Temer não houve a pacificação. Houve apenas uma mudança de rota fruto de um processo que terminou sem resultar em melhoria do país. O país piorou com a chegada do Temer. E a gente vê também que foi um processo traumático e o crime de responsabilidade que tanto foi propagado não se configurou. O partido sempre teve discussões em relação a isso. Aqui em Pernambuco já fizemos esse debate e acreditamos que o impeachment da presidente Dilma foi ruim para o Brasil.

Quais os argumentos para convencer o eleitor a dar uma segunda chance a Lula e ao PT? A candidatura do Lula é uma opção contra a forma como o Brasil vem sendo administrado. O país fez avanços importantes durante os governos do ex-presidente. A desigualdade na Região Nordeste foi diminuída nesse período. Houve obras estruturantes e uma preocupação efetiva com a redução da pobreza, além de políticas públicas que chegavam a todos. Houve claramente ações de crescimento do país e respeitabilidade internacional — o que não existe mais.

Qual a avaliação que o senhor faz do governo Bolsonaro? É um absoluto retrocesso, um desastre. Não há mais política de educação. A saúde foi esse desastre que a pandemia mostrou. São quase 600 000 vidas perdidas. Segurança também é assunto que não existe no âmbito federal. E não há pautas que pensem a economia a curto, médio e longo prazo. Todos sabemos que a economia é muito baseada em expectativas. O Brasil vive expectativas negativas. Vivemos um momento muito difícil e que vai exigir esforço em 2022 para unificar este país contra o atual governo. Destruir é muito fácil e rápido.

O senhor vê riscos à democracia? É preocupante ver essas agressões contra o Supremo Tribunal Federal, governadores e prefeitos. Mas confiamos nos poderes constituídos e sabemos que, mesmo tendo uma pessoa que não está à altura do cargo de presidente, o país vai superar tudo isso. Depreciar a imagem pública de pessoas e instituições não encontrará eco na sociedade. O Brasil é maior que isso.

Parte da bancada do seu partido apoiou o voto impresso, defendido pelo presidente Bolsonaro. Isso não é outra contradição? Quem defende pautas bolsonaristas está fora de sintonia com o que pensa o PSB. Aqui não é lugar para pessoas que pensem desse jeito. O PSB é um partido progressista, que sempre lutou por liberdade e justiça, pela pauta de direitos

humanos. Quem acha que pode flertar com o bolsonarismo ou com qualquer ação autoritária pode ter certeza de que o caminho não é pelo PSB. Pessoas que insistem em continuar defendendo esse tipo de pauta no PSB com certeza não vão ter lugar.

Até que ponto a politização das polícias militares preocupa? Essa questão da politização é grave e nós, governadores, devemos estar muito atentos. É um risco, uma ameaça. Em Pernambuco, tratamos essa questão de maneira muito clara e rígida junto aos comandos. Não vamos admitir a politização e isso está sendo colocado claramente para todos os comandantes.

Mas um dos casos mais emblemáticos ocorreu justamente em Pernambuco, onde duas pessoas foram atingidas por tiros de bala de borracha durante uma manifestação contra o governo Bolsonaro. Essa ação foi desastrosa, não obedeceu a nenhum tipo de padrão operacional e deixou duas pessoas com lesões permanentes. Tivemos o cuidado de apurar tudo, afastamos os envolvidos e fizemos alterações no alto-comando. Ficou muito claro nesse episódio que nossa gestão não vai admitir que a polícia extrapole suas prerrogativas. Esses fatos não podem se repetir. Não podemos afirmar, porém, que isso que aconteceu no Recife tenha sido uma ação influenciada pela extrema direita ou por grupos ligados ao bolsonarismo.

O senhor diz que o Nordeste é lulista. O Auxílio Brasil não pode inverter essa tendência? Esse Auxílio Brasil é uma ideia do governo federal para de alguma forma influenciar as eleições de 2022. A população não quer migalhas e auxílio, quer emprego e possibilidade de os filhos estudarem. E gestores que tenham cuidado com a saúde da população. O que se tem de discutir no Brasil não é apenas a instalação do auxílio, que é importante e necessário neste momento que estamos vivendo com o desemprego, o aumento da fome e da miséria. Torna-se necessário discutir também a porta de saída, e a gente não vê nenhuma discussão. O governo não fez estudo ou debate, não conversou com ninguém. Não procurou alternativas que vislumbrassem o que a população realmente quer: emprego e serviços públicos de qualidade.

A pandemia vai influenciar no resultado das urnas? São quase 600 000 vidas perdidas. Todos conhecemos pessoas que infelizmente não resistiram. Hoje vemos uma conscientização maior sobre o uso de máscaras, o respeito ao distanciamento social e aos horários restritos. A pandemia está muito viva na vida das pessoas. E as marcas dela também. Esse é um debate que não pode estar ausente em 2022 diante da gravidade da Covid. A gente tem de ter a responsabilidade de contar a verdade desse processo, o que poderia ter sido feito e não foi, todas as omissões que ocorreram. Isso vai estar presente, não tem como não estar, apesar da vacina. A gente tem de ter a responsabilidade, como gestor público, de nunca mais deixar acontecer fatos graves como vimos no Brasil neste período.

> **“Não tenho dúvida de que derrotar o presidente Jair Bolsonaro e todos aqueles que o apoiam é uma causa em favor do povo brasileiro e das futuras gerações”**

As pesquisas mostram que a maioria do eleitorado não quer Bolsonaro nem Lula. O senhor acredita numa alternativa aos dois, a chamada terceira via? Sempre há espaço para a apresentação de candidaturas. A história recente do Brasil mostra isso. Algumas surgiram de repente e outras são fruto de discussão. Lula foi eleito presidente depois de disputar e perder três eleições. Fernando Henrique Cardoso foi eleito a partir de experiência no Ministério da Fazenda com o Plano Real. Bolsonaro foi eleito dentro do ambiente conturbado que estava no Brasil. Evidentemente que pode surgir uma terceira via.

O senhor defende a criação de uma frente de oposição? O adversário em 2022 é Jair Bolsonaro. Isso é muito claro. Vamos estar abertos a discussões contra a forma como o Brasil vem sendo administrado, até porque a gente entende que está claro o mal que o presidente tem feito ao povo brasileiro. O PSB tem muito a contribuir no debate em 2022, seja em aliança com o PT ou o PDT, seja em movimentos que possa realizar. Temos de ter a capacidade de fazer uma grande frente pela civilidade, pelos valores democráticos e pela melhoria da vida do povo com políticas públicas inclusivas. Não tenho dúvida de que derrotar o presidente Jair Bolsonaro e todos aqueles que o apoiam é uma causa em favor do povo brasileiro e das futuras gerações. O que não podemos admitir é o Brasil continuar mais quatro anos sendo governado desta forma, no improviso, sem planejamento, com políticas públicas que têm feito mal à população. ■

UMA MADRUGADA DE TERROR

HÁ DIAS que ficam marcados na história de uma comunidade. Os moradores de Araçatuba, município de 198 000 habitantes no interior de São Paulo, não se esquecerão de segunda-feira 30, quando ao menos duas dezenas de bandidos com explosivos, fuzis e metralhadoras (além de drones, carros blindados e coletes à prova de balas) submeteram a cidade ao terror. Usaram reféns como escudos, explodiram três bancos, incendiaram veículos e trocaram tiros com a polícia por mais de duas horas **(no flagrante da imagem ao lado, dois bandidos em ação).** O saldo foi trágico: dois residentes mortos (além de um suspeito), ao menos seis feridos (um teve os pés amputados) e uma população traumatizada. Na terça-feira, a região central foi interditada, o comércio fechou e as aulas foram suspensas até que a polícia localizasse nada menos que 98 explosivos espalhados pelos criminosos em fuga. Cinco suspeitos foram presos nos dias seguintes. A PF entrou na investigação, até porque esse tipo de ação se tornou comum no país, sempre com o mesmo padrão: atacar cidades médias, com razoável rede bancária e uma estrutura policial modesta. O modus operandi rendeu ao ataque o rótulo de "novo cangaço". O "velho cangaço" acabou sendo sufocado por uma ofensiva ordenada por Getúlio Vargas e as cabeças dos bandidos foram expostas como símbolo da vitória. Desta vez, o triunfo só virá com inteligência policial, aparelhamento das forças de segurança e uma investigação séria que aponte quem dá estrutura a esse tipo de terrorismo. ■

José Benedito da Silva

REPRODUÇÃO

30/08/2021 00:32:33

LAURENCE GRIFFITHS/GETTY IMAGES

“Foi a primeira vez que me senti humana.”

SIMONE BILES, ginasta americana considerada a melhor do mundo, que se retirou de várias provas na Olimpíada do Japão por se sentir mentalmente despreparada, ao revelar que ficou surpresa com o apoio recebido

“Tive Covid e não me fez cócegas. Prefiro Covid do que essa merda de vacina.”

FABIO RIGO, herdeiro da fabricante do arroz Prato Fino, em postagem nas redes sociais. Depois, disse que a conta foi hackeada

“Uma catástrofe para a justiça racial e econômica.”

UNIÃO DAS LIBERDADES CIVIS AMERICANAS, reagindo à aprovação de uma nova lei de aborto no Texas que praticamente proíbe o procedimento, liberado no país (com restrições) por decisão da Suprema Corte desde 1973

“A estratégia *(do governo)* é primeiro pressionar e, se não conseguir pressionar, jogar na prisão.”

DMITRI GUDKOV, político de oposição russo, justificando a fuga de dissidentes e jornalistas da Rússia este ano, considerada a maior onda de emigração política desde o fim da União Soviética

“O presidente nunca é culpado de nada.”

OMAR AZIZ, presidente da CPI da Covid no Senado, jogando com as palavras em diálogo com o senador governista Luis Carlos Heinze sobre de quem era a culpa de seu nome não aparecer na lista de inscritos para falar

“Não permitiremos viadagem em sala de aula.”

CLÉSIO SALVARO, prefeito de Criciúma (SC), em vídeo anunciando a demissão de um professor da rede pública que exibiu a alunos de 14 e 15 anos um clipe de música, na sua opinião, “inapropriado”

“Assassinaram Geronimo.”

HELEN MACDONALD, enfermeira veterinária britânica dona de uma alpaca com este nome sacrificada por agentes sanitários. Há quatro anos Helen tentava reverter a ordem para abater o animal, que testou positivo (falso positivo, segundo ela) para tuberculose bovina. A saga de Geronimo mobilizou o Reino Unido

"Falamos o mínimo possível. (...) A gente ficou isolado em uma casa no meio do mato. Foi imersivo. Foi muito importante no processo. Você respirar e ficar em silêncio é importante."

LUCIANO HUCK, apresentador com um pé na política, que, por sugestão da mulher, Angélica, fez cinco dias de meditação em um retiro quando se sentiu "angustiado com as decisões que tinha que tomar"

"Uma vez estava indo para um trabalho em uma van e todo mundo havia dormido, menos eu e um produtor. Ele então virou-se para mim e disse: 'Seus olhos brilham até no escuro'. Eu respondi com algo que minha mãe dizia quando eu era criança: 'É verme'."

GRAZI MASSAFERA, atriz, falando das cantadas que recebia no início da carreira

"Nosso corpo não tem mais caixa. J-Lo é o novo 50 e Madonna é o novo 60. O mundo que lide com isso."

MAYANA NEIVA, atriz de 38 anos, reclamando dos comentários sobre sua boa forma, coisa que não acontece "com os atores homens"

INSTAGRAM @ISABELIFONTANA

"Eu nunca tive um abdômen assim, mas estou me esforçando bastante."

ISABELI FONTANA, modelo, escancarando o Photoshop em ensaio de biquíni

JOÃO MIGUEL JÚNIOR/TV GLOBO

BEST-SELLER Thalita: "O streaming mostra que não existe história sem autor"

"A ESSÊNCIA NÃO MUDA"

Aos 46 anos, a autora carioca que já vendeu 2,3 milhões de livros infantojuvenis lança novo filme na Netflix na quarta 22 e revela os segredos para escrever com êxito para os adolescentes por duas décadas

Como faz para se manter conectada com o universo jovem aos 46? Escrevo há 21 anos e, por mais que hoje eles tenham o mundo na palma da mão, noto que os dilemas são os mesmos, as espinhas são as mesmas e as insatisfações com o corpo também. Eles podem estar muito mais antenados, mas é só eu fechar os olhos e me lembrar de como eu era aos 14 anos para me sintonizar. A essência dos adolescentes não muda.

Tetê, protagonista de *Confissões de uma Garota Excluída*, que estreia dia 22 na Netflix, é toda feminista. Mudou a forma de retratar as meninas? Com certeza. A gente acompanha as mudanças e reflete os novos tempos. Na minha época, não havia redes sociais, e agora tem. O bullying tinha outro nome, mas já existia. Há coisas que sempre aconteceram, só que com nomes diferentes. Mas é bacana mostrar a Tetê como uma garota que não se depila, e coisas assim. Eu adoro vê-la bigoduda.

E as garotas se identificam com isso? Acredito que sim. A gente fez pequenas adaptações na história *(o livro homônimo é de 2016)* para que se encaixe no tempo em que as meninas estão vivendo. Mas não é só por isso que elas se identificam. As meninas se veem refletidas na alma inconformada de uma personagem que se sente excluída.

Você está em seu segundo filme para a Netflix, e um terceiro vem aí. O que o streaming representa para os autores? Nunca me senti tão valorizada como escritora. O streaming veio para mostrar que não tem história sem autor. Antes se falava apenas dos diretores, dos atores, como se a história não saísse da cabeça de um escritor, de um roteirista. Fico feliz de estar viva para ver essa virada, porque até pouco tempo atrás autor bom era autor morto.

Pretende seguir escrevendo para os jovens? Os adolescentes me escolheram. Meu primeiro livro era para jovens adultos, de 18 a 25 anos, mas quem amou foi a galera de 11 a 14. Percebi que eles se identificavam com o que eu escrevia, e que poderia ajudar a transformá-los em novos leitores. Eles me ajudaram a realizar meu sonho de infância, que era ser escritora.

Qual mensagem você quer passar para os jovens? A de que eles não estão sós. Um adolescente passa por coisas que um monte de gente já passou, ou ainda vai passar. Em mais de duas décadas como autora, nunca deixei de receber mensagens de adolescentes falando como foi bom ler sobre alguma situação e se identificar. Quero que eles entendam que seus conflitos são uma fase da vida, e que ela vai passar. ■

Amanda Capuano

UM DIRIGENTE OLÍMPICO

Foi o então presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), o belga **Jacques Rogge,** quem anunciou o Rio de Janeiro como sede dos Jogos de 2016. Houve surpresa naquela cerimônia de 2 de outubro de 2009, em Copenhague, na Dinamarca — os favoritos eram Madri e Chicago. Cirurgião ortopédico especializado em medicina esportiva, Rogge competiu na classe Finn da vela em três Olimpíadas: 1968, 1972 e 1976. Foi eleito presidente do COI em 2001, em um dos períodos mais conturbados da entidade. Em 1998, no processo de definição da cidade onde ocorreria a Olimpíada de Inverno de 2002, descobriu-se que o filho de um dos membros do COI tinha a escola paga pelo comitê organizador de Salt Lake City, nos Estados Unidos, que seria agraciada. A denúncia culminou com a expulsão de dez membros da cúpula olímpica e uma mancha até hoje incômoda. Coube a Rogge estabelecer métodos de controle contra a corrupção, no que foi razoavelmente bem-sucedido.

FRANCK FIFE/AFP

O ANÚNCIO Em 2009, em Copenhague, o então presidente do COI anuncia o Rio de Janeiro como sede dos Jogos de 2016: vitória contra Madri e Chicago

Em uma outra linha de preocupação, e que ele próprio assumiu como missão, houve mais dificuldades: a briga contra o doping. Nos últimos anos de sua presidência, encerrada em 2013, já começavam a surgir relatos das contrafações promovidas pela Rússia e que culminariam, em 2016 e 2021, na exclusão do país da maior de todas as competições — embora, de modo hipócrita, tenha sido autorizada a participação de equipes com uma bandeira neutra e a alcunha de Comitê Olímpico Russo. Rogge tinha 79 anos. Morreu em 29 de agosto, de causas não reveladas pela família.

O SALVADOR DALÍ DA MÚSICA

Não haveria Bob Marley e o fenômeno global do reggae, a partir do fim dos anos 1970, sem o produtor, compositor e cantor jamaicano **Lee "Scratch" Perry.** Ele começou a carreira profissional como vendedor de discos em uma loja de Kingston. O dono do comércio abriu um estúdio de gravação — e Perry aproveitou para começar seus experimentos. Especializou-se numa técnica, o dub, de desconstrução de trilhas desconhecidas em formas diferentes da original, muitas vezes irreconhecíveis. No meio do caminho conheceu Marley, a quem ajudou a definir o som sincopado, suingado e viciante a partir de registros iniciais de Bob Marley & The Wailers, como *Soul Rebel* (1972) e *Small Axe* (1973). Sem nunca ter aprendido a ler ou escrever música, era pura intuição. "É o Salvador Dalí da música", disse o rolling stone Keith Richards. "Ele é um mistério, o mundo é seu instrumento." Perry trabalhou também em álbuns do The Clash, Beastie Boys e Paul McCartney. Morreu em 29 de agosto, aos 85 anos, de causas desconhecidas, em Lucea, na Jamaica. ■

INSTAGRAM @LEE_SCRATCH_PERRY

PIONEIRO O produtor, compositor e cantor: o descobridor de Bob Marley

FERNANDO SCHÜLER

A POLARIZAÇÃO COMO VÍCIO

A POLARIZAÇÃO está em toda parte. Os grupos de WhatsApp se tornaram uma empreitada difícil. Você entra em um grupo para discutir a obra de Santo Agostinho e uma semana depois passa a receber, de hora em hora, figurinhas, vídeos e "alertas" sobre Lula ou Bolsonaro. Nada contra, é um direito das pessoas. De certo modo, direito ao trivial. As coxas do Lula, o fumacê dos tanques em Brasília, o último golpe dado por não sei quem, tudo isso que parece divertir nosso cotidiano político, mas talvez não devesse.

Há um lado mais complicado nisso tudo. Além de explodir amizades e partidos (o Novo está aí para mostrar), a polarização obsessiva traz um problema à governabilidade do país. Gera um clima de incerteza que desestimula investimentos, prejudica a formação de consensos mínimos para reformas e, o mais importante, afeta o funcionamento das instituições, gerando incentivos para que seus titulares entrem em um tipo de jogo que jamais deveriam entrar. Nem aí para essas coisas, nos preparamos para assistir a mais dois dias de comícios, um "em defesa das liberdades" e outro "contra o fascismo", num exercício de grandiloquência a gosto pela toxina política poucas vezes visto por estas bandas.

A polarização atende a um tipo de mercado. Diante do avanço dos meios digitais, parte da mídia abre mão do distanciamento jornalístico e passa a atender nichos de opinião que lhe garantam uma audiência fiel. Ganha espaço o jornalista-militante, o blogueiro, o youtuber, em múltiplas plataformas digitais. A regra é simples, como li por esses dias: "se você não causar", se não for capaz de atiçar os instintos de uma tribo política, "não terá audiência". Vale o mesmo para políticos, em busca de repercussão fácil. E em menor escala para magistrados, policiais ou promotores, alçados a líderes de opinião. Criou-se uma economia da polarização. Para um bom número de pessoas, ajudar a pôr fogo no circo se tornou um bom negócio.

ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

SOMBRA INCÔMODA Carl Schmitt: a estética da guerra dá o tom político

Algumas coisas já sabemos sobre a hiperpolarização. Uma delas é que ela sempre transborda, fazendo com que a lógica da política inunde as demais áreas da vida. As salas de aula, exposições de arte, o mercado de trabalho. E as amizades, por óbvio, que começam a balançar porque o João vai à Paulista no dia 7 e a Catarina, no dia 12. Vem daí o traço do exagero. O debate feito à moda do espantalho. A ideia de que o outro lado é "inadmissível" e nós somos a "própria democracia", como ouvi, curiosamente, de dois tipos, um governista, outro antigovernista, e ambos bastante autoconfiantes, dias atrás.

Outra coisa que sabemos é que a polarização aguda está longe de ser um fenômeno da base da sociedade. Seu ecossistema é o da minoria barulhenta, que dá o tom do debate público, em especial na internet. A democracia digital se tornou um gigantesco mecanismo de seleção adversa. Em vez de selecionar gente ponderada para liderar, disposta a gerar consensos e resolver problemas (pasmem: é para isso que a política foi inventada), ela tende a premiar o bufão ou o "grande moralista". O senador que lacra na CPI, o deputado que bomba detonando o STF (supondo que não irá preso), e assim por diante.

O resultado disso é a mediocrização do debate público. A maioria dos temas importantes da vida pública não se encaixa na lógica do tudo ou nada, e só ao pequeno mundo político interessa ir contra ou a favor de alguma coisa apenas porque ajuda ou atrapalha o governo. Há, em regra, boas razões a favor e contra qualquer política relevante. Há ajustes a fazer e gente diferente a ser escutada. É uma perfeita bobagem tratar essas coisas como religião. Havia, pasmem, prós e contras no tema do voto impresso, tanto quanto há na ideia da renda básica de cidadania. A polarização doentia expulsa a sutileza e a atenção a efeitos adversos de qualquer decisão. E de quebra torna boa parte da im-

■ *Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de* VEJA

prensa acrítica, ao confundir senso crítico com a adoção de uma agenda política, que em geral se resume a variações sem fim dos mesmos xingamentos.

A polarização obsessiva tenciona as instituições, mas é essencialmente um tema da cultura política de nossas democracias. Vivemos em paz, mas é a estética da guerra que parece dar o tom de nosso mundo político. Daí o interesse renovado pela obra de Carl Schmitt. Suas construções sombrias, feitas nos anos difíceis que assistiram ao fim da República de Weimar, parecem pairar sobre a política atual. A ideia de que a vida política "é a vida essencial", a descrença na suavidade e nas abstrações da democracia liberal. E a partir daí a ideia de que é a inimizade, e não o diálogo, que define o sentido da política. Nada das palavras doces de Joe Biden sobre converter inimigos em adversários. O elemento natural da política é a relação amigo-inimigo. Nos definimos, como comunidade política, precisamente sabendo quem é nosso "outro", e o limite disso tudo é a guerra, não o direito.

> **"Há uma cultura que joga pelo ralo valores da tradição liberal"**

A democracia liberal, nessa visão, com seu respeito ao pluralismo, direitos individuais e toda a parafernália de freios e contrapesos, se torna algo como uma fantasia. É evidente que não estamos nesse ponto, entre outras razões porque não estamos na Alemanha dos anos 30. Mas há nuvens no horizonte. Andamos namorando com uma cultura que joga pelo ralo valores importantes da tradição liberal.

Meio século depois da adesão de Schmitt ao nazismo, Norberto Bobbio fazia uma conferência em Milão sobre a Mitezza. A serenidade ou "moderação" como a virtude desejável na democracia. Bobbio era o sábio europeu. Ao menos eu o via assim em minha juventude. Havia passado por tudo, pelo fascismo, pela reconstrução, e ninguém fez mais do que ele pela cultura da democracia, naquele quase fim de século. Seu argumento, depois transformado em livro, prefaciava um tempo em que não há mais tiroteios pelas ruas, mas os modos da guerra, seus jeitos e sua intolerância, pareciam sobreviver. E isso não era bom.

Daí sua pregação algo utópica sobre a Mitezza. A virtude das pessoas simples que não desejam o poder pelo poder. A virtude horizontal, das pessoas que se miram na altura dos olhos, como iguais em legitimidade e direitos. A virtude "fraca", diz Bobbio, por definição "impolítica", novamente contrastando com Schmitt, nos lembrando que a política não é tudo, que ela tem limites e que o poder não pertence aos homens, mas ao direito. E, por fim, uma virtude estética: a suavidade ao invés da arrogância. A Mitezza não exclui a crítica, o contraditório, mas aprecia dizer as coisas no subjuntivo, como um dia escutei de Richard Sennett, oferecendo espaço para a aproximação com o outro. Não como o inimigo que me define, mas como a possibilidade de um encontro sempre renovado.

Andamos longe disso, e nada indica que o suave liberalismo de Bobbio, no ambiente turvo de nossas democracias polarizadas, vai vencer a sombra implacável de Carl Schmitt. De qualquer modo, não trato de uma batalha de curto prazo. Um certo cansaço da gritaria já começa a se fazer sentir. Escuto vozes falando em moderação e bom senso. A infração a direitos, praticada por instituições de Estado, começa a gerar algum desconforto. Cada um pode escolher como agir, e fazer alguma diferença. De todo modo as lições da história estão aí, ao nosso dispor, e não tenho dúvidas de que, devagar, vamos aprendendo. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

LUIZ FUX
O presidente do STF foi um dos ministros que garantiram maioria no Supremo à constitucionalidade da lei que garante a autonomia do Banco Central.

COMPROVANTE DE VACINA
A exemplo do que já ocorre no exterior, o documento será exigido aqui em algumas cidades para a entrada em eventos e estabelecimentos como bares e restaurantes.

LONDRES
A capital inglesa é a melhor cidade para viver no mundo, segundo ranking elaborado pelo Boston Consulting Group.

DESCE

CARLOS BOLSONARO
Suspeito de praticar "rachadinha", o vereador do Republicanos-RJ e filho Zero Dois do presidente terá os sigilos fiscal e bancário quebrados por ordem do TJ.

SÉRGIO CAMARGO
O MP do Trabalho pediu o afastamento do presidente da Fundação Palmares, que é acusado de assédio moral por funcionários.

ERIC CLAPTON
O guitarrista inglês lançou a música *This Has Gotta Stop* (Isso tem que parar), nova desafinada dele na linha negacionista em relação à pandemia.

ALAN SANTOS/PR

CIRCO Alvorada: a cerimônia de 7 de setembro terá helicópteros e ação da Marinha

Pirotecnia
Jair Bolsonaro planejou um **7 de setembro** de arromba no Alvorada. Militares da Marinha vão simular uma operação de resgate com helicópteros pousando no gramado do palácio. Blindados e até um lançador de foguetes do Exército serão expostos.

Será?
A despeito de todo o barulho presente no discurso bolsonarista, um ministro do governo resume o que deseja Bolsonaro no feriado: "Ninguém vai quebrar nada. O presidente só quer uma foto impactante, de multidão".

Batalhão de choque
Apesar do tom mais brando do Planalto, Brasília terá protocolo de segurança máxima na Esplanada. Rodrigo Pacheco ficará ali de prontidão. Já Luiz Fux, por orientações de segurança, ocultará seu paradeiro no feriado.

Todo o cuidado é pouco
Em São Paulo, a Polícia Militar vai reforçar a segurança na casa do ministro Alexandre de Moraes, alvo prioritário dos aloprados bolsonaristas.

A gente tenta outro dia
Bolsonaro convidou Ciro Nogueira para estrear no ato bolsonarista na Paulista. O ministro da Casa Civil, diz um colega, desconversou.

Abandonar o navio
Partido do chefe da Casa Civil, o PP começou a abandonar Bolsonaro. Em diferentes estados do Nordeste, a sigla já encaminhou a aliança com Lula.

Tenho lado
Vice de Rui Costa na Bahia, João Leão é que vem costurando o apoio do PP a Lula: "Estamos juntos com Lula independentemente de qualquer condição".

Camarote vip
Apenas candidatos a algum cargo eletivo em 2022 — e que sejam próximos do presidente — poderão subir no carro de som de Bolsonaro na Paulista.

O piloto sumiu
De Ciro Nogueira a Guedes, Pacheco recebeu diferentes ministros de Bolsonaro nesta semana para falar de temas de governo. "Alguém tem de trabalhar", brincou com um interlocutor.

Tô fora
Monitorando a organização de atos no Rio, o governo de Cláudio Castro não vê motivo para preocupação com violência. Castro não irá ao protesto.

Desejo de voltar
Eduardo Cunha reuniu seu grupo político no Rio. Quer voltar às urnas em 2022 e já pensa numa tese jurídica para isso. Se até Lula conseguiu...

Seu futuro
Num almoço recente com **Eduardo Paes,** Ciro Nogueira, amigo do prefeito dos tempos de PUC, fez uma previsão: "Você ainda será presidente da República". Também na mesa, o governador Castro não discordou.

Vem problema por aí
O MPF abriu inquérito para investigar atos da Casa Civil do Planalto sobre "possível prática de improbidade administrativa, enriquecimento ilícito e prejuízo ao Erário". O caso é sigiloso.

Na prancha
Bem-visto no STF, o chefe da Polícia Federal, delegado Paulo Maiurino, entrou na mira de Bolsonaro.

Conexões perigosas

Nesse caso das *fake news* no STF, Eduardo Bolsonaro, o amigão de Steve Bannon, terá surpresas em breve. O esquema de faturamento nas redes já foi quase todo mapeado pela PF.

Nova encarnação

Investigado na Lava-Jato por corrupção, o ex-deputado João Pizzolatti é hoje auditor fiscal da Fazenda em Santa Catarina. Recebeu neste mês, com penduricalhos, 50 000 reais de salário.

Pago quando puder

Até hoje preso, o mensaleiro Pedro Corrêa pediu ao STF para ser solto mesmo sem ter pago a multa milionária imposta pela Corte.

Não precisa

Apesar da crise hídrica, o ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, descarta a volta do horário de verão. "Do ponto de vista da economia de energia não há necessidade", diz.

LEO MARTINS

PRESTÍGIO Eduardo Paes: para Ciro Nogueira, ele será presidente um dia

Guerra de versões

Nessa confusão do manifesto, tanto Paulo Skaf quanto Isaac Sidney ligaram para Paulo Guedes para dar explicações. Skaf culpou a Febraban. Sidney, a Fiesp. "Alguém mentiu pra mim", disse Guedes a um interlocutor.

Balanço

Pedro Guimarães, o presidente da Caixa, ganhou pontos políticos com Bolsonaro por causa da guerra com a Febraban, mas ficou mal dentro da própria Caixa, que vê na atuação do banqueiro um componente político nocivo aos interesses da instituição.

Conta salgada

Sonhando em ser candidato em 2022, Guimarães criou uma gerência na Caixa — com dezenove funcionários — só para administrar "eventos, visitas institucionais e o canal Fale com o Presidente". Custo mensal: 330 000 reais.

Com o seu dinheiro

Além desses gastos, as viagens de Guimarães pelo Brasil também desagradam a colegas de governo. Só um passeio do chefe da Caixa pelo Jalapão teve custo estimado em 80 000 reais.

Nome sujo

Poderoso cacique do Centrão, Valdemar Costa Neto entrou na Justiça recentemente para limpar o próprio nome. O mensaleiro foi incluído no Serasa por uma dívida de 6 400 reais em 2019. Ele nega que a fatura seja dele.

Atirou e matou

Com essa guerra em torno do 7 de setembro, Bolsonaro sepultou a Semana do Brasil, data criada pelo governo para ser a black friday brasileira.

ALAN SANTOS/PR

HOLOFOTES Guimarães: atuação na Caixa desperta amor e ódio no governo

De estimação

CEO da Nestlé Purina, Marcel de Barros apresentou ao governo um plano de investimento de 1 bilhão de reais. O grupo vai erguer no Sul uma nova fábrica voltada para o mercado pet food.

Preserve o verde

Num espaço de dezoito dias, uma ação das Forças Armadas e do governo do Pará desmontou dezesseis acampamentos de garimpeiros e fechou nove garimpos já avançados na Amazônia.

Lavagem milionária

O MPF descobriu um engenhoso sistema de operações imobiliárias num cartório da Bahia. Os criminosos lavavam a receita de suas operações ilegais comprando imóveis em dinheiro vivo (e os donos do cartório não comunicavam as somas ao Coaf). ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.

LEIA MAIS NO SITE DE VEJA

A APOSTA NO CAOS

O comportamento incendiário de Jair Bolsonaro, com confrontos e provocações, produz estragos na economia, em uma incompreensível estratégia de sabotagem de seu próprio governo

CARLOS EDUARDO VALIM, VICTOR IRAJÁ E LARISSA QUINTINO

Uma lei não escrita da política estabelece que, numa democracia, um chefe de governo só alcança reeleição se a economia vai bem. É um pressuposto de obviedade cristalina, uma vez que o ambiente de estabilidade econômica e negócios vibrante reflete diretamente no bem-estar da população. Sob esse ponto de vista, se as eleições fossem hoje, o presidente Jair Bolsonaro teria imensa dificuldade em sair vencedor — e boa parte do problema em decorrência de suas próprias escolhas. Na quarta 1º, o IBGE divulgou os resultados do produto interno bruto relativo ao segundo trimestre. Depois de registrar crescimento nos três trimestres anteriores, os números revelaram uma queda de 0,1% no total de riquezas e serviços produzidos no país. A estagnação, que frustrou tanto as expectativas do governo como de bancos e entidades financeiras, diz respeito basicamente à atrapalhada condução inicial do processo de vacinação contra a Covid-19 e, principalmente, aos contínuos conflitos criados pela mais alta autoridade do país, que resultaram numa drástica redução nos investimentos.

Nas últimas semanas, Bolsonaro vem promovendo uma escalada cada vez mais agressiva — e incompreensível — de provocações institucionais. Contestou, sem apresentar provas, a segurança das urnas eletrônicas que o elegeram. Depois, no começo de agosto, no dia em que o Congresso discutia uma possível volta do voto impresso, fez tanques de guerra desfilarem na Esplanada dos Ministérios. Ato contínuo, desferiu ataques, xingamentos e ameaças ao presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e ministro do STF, Luís Roberto Barroso, que defendia a lisura das urnas eletrônicas. Ainda pediu o impeachment de outro nome do STF, Alexandre de Moraes, que concentra processos sobre *fake news* e atos antidemocráticos, os quais afetam os aliados do presidente e que levaram à prisão de Roberto Jefferson, presidente nacional do PTB. E, como ápice desse processo de esticar a corda ao máximo, Bolsonaro se dedica a insuflar os ânimos dos radicais de sua base de apoio para uma série de manifestações no dia 7 de setembro a seu favor, e contra o que considera excessos do STF.

Tais investidas podem até colher louros entre seus apoiadores mais radicais nas redes sociais, mas, no mundo real, elas têm um efeito devastador nos fundamentos econômicos que o próprio Bolsonaro deveria zelar. Nada incomoda mais investidores, empresários e executivos de grandes empresas do que as instabilidades e incertezas. São elas que tornam mais desfavorável a relação de risco e benefício para a realização de qualquer negócio. Menos investimentos significam menos empregos — e, obviamente, mais eleitores insatisfeitos. "Disputar e ganhar eleição é uma coisa. Governar um país da complexidade do Brasil é outra muito diferente. Cedo ou tarde, os que assumem o cargo acabam se dando conta disso", disse a VEJA o economista Pedro Malan, ex-ministro da Fazenda. "Apesar de ameaçadores, os gestos e as falas do presidente não devem levar à ruptura institucional. Mas certamente prestam um desserviço à economia ao elevar ainda mais os riscos hoje existentes e as incertezas projeta-

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE SHUTTERSTOCK

SHUTTERSTOCK; FÁTIMA MEIRA/FUTURA PRESS

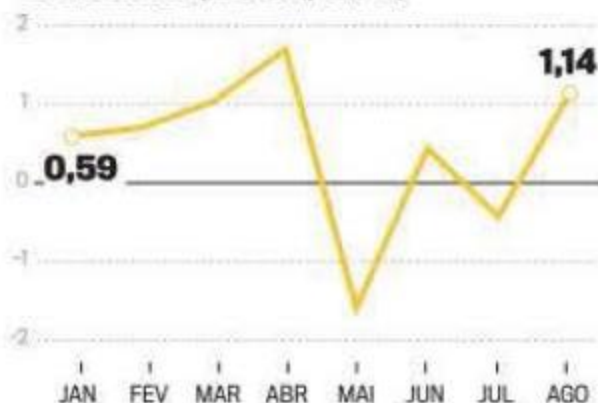
das para os doze meses à frente, já que o presidente deixa claro que não pretende mudar sua estratégia."

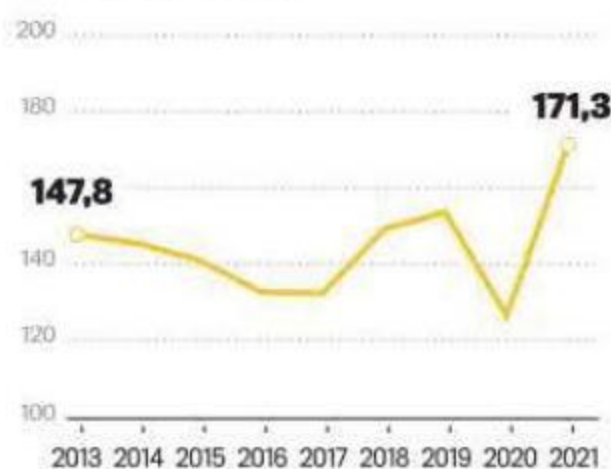
Baseado em conspirações e fantasias delirantes, o comportamento incendiário de Bolsonaro é especialmente prejudicial quando se leva em conta que há muitos problemas reais sobre os quais ele deveria se debruçar. Na divulgação do PIB do segundo trimestre, por exemplo, diversos dados demonstram que a retomada econômica tem sido bastante turbulenta. Mesmo com a volta do auxílio emergencial, para enfrentar o recrudescimento da segunda onda de Covid-19, o consumo das famílias ficou estável, e a indústria, que vinha ajudando a manter o dinamismo da economia no primeiro ano de pandemia, apresentou queda de 0,2%. Mas nada preocupa mais do que a forte baixa de 3,6% nos investimentos diante do primeiro trimestre. "O país está repleto de oportunidades que não são aproveitadas em função deste cenário de instabilidade institucional. É um diagnóstico que vem se agravando, a tensão aumenta e o quadro se deteriora. É muito difícil elencar todos os possíveis caminhos a partir da situação atual do Brasil", analisa Arminio Fraga, ex-presidente do Banco Central e sócio-fundador da gestora Gávea Investimentos. "O governo não vai bem na gestão e, sobretudo, no que diz respeito às qualidades institucionais do país. Por esse prisma, estamos mal."

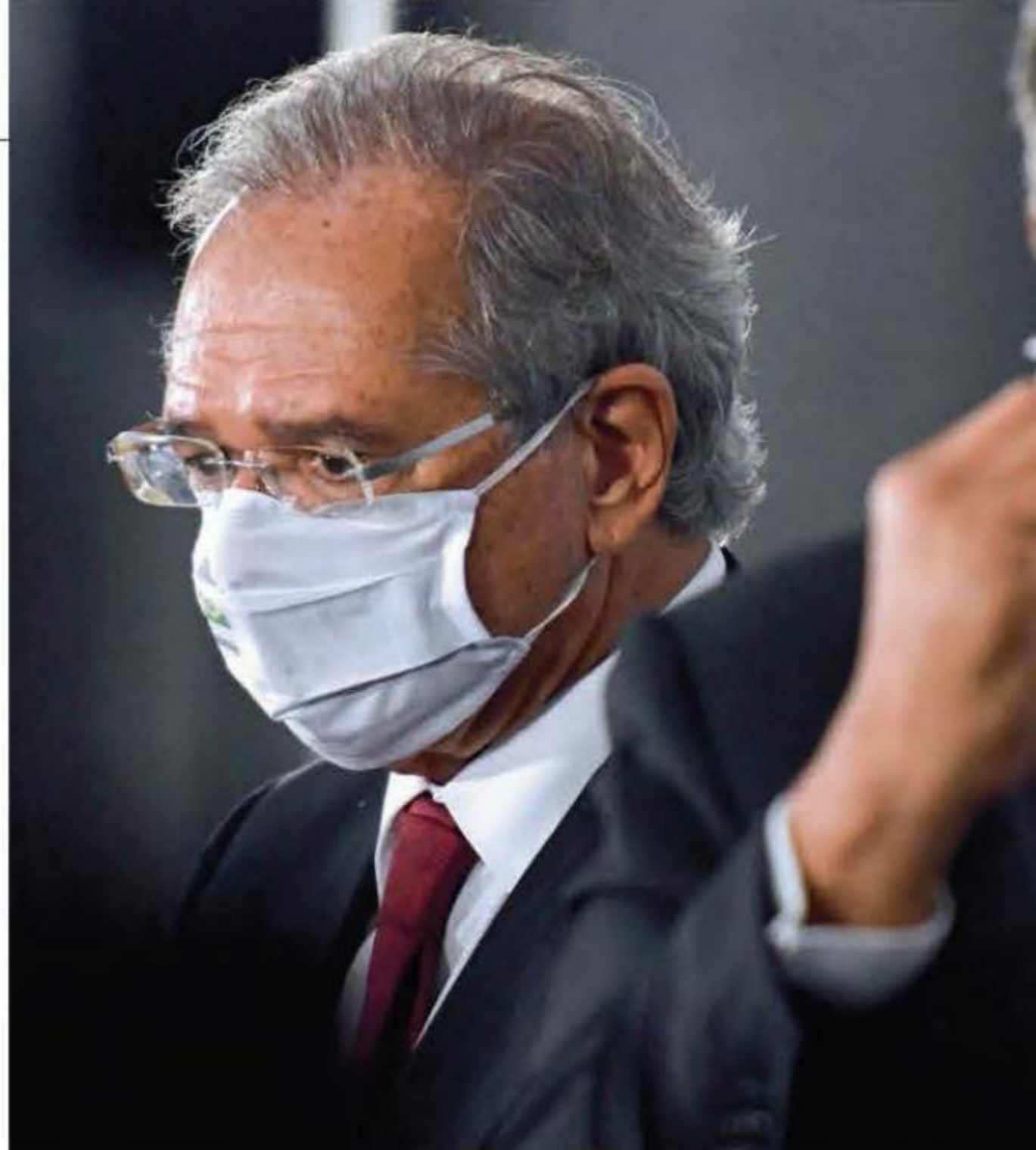
De fato, desde que o presidente intensificou suas investidas contra o Poder Judiciário, a instabilidade cobra o seu preço na economia. O custo Bolsonaro fica especialmente claro na cotação do dólar. Em junho, pela primeira vez desde a disparada registrada no começo da pandemia, a moeda americana variou abaixo dos 5 reais. Era um movimento que refletia o aumento gradual da taxa de juros, definida pelo Banco Central, medida que tem potencial para atrair recursos estrangeiros. No entanto, o fenômeno de baixa do

UMA ECONOMIA QUE SE MOSTRA RESILIENTE...

Alguns sinais indicam boa recuperação da economia

Crescimento da atividade econômica (IBC-BR, em %)

Os serviços começaram a reagir (Pesquisa Mensal de Serviços – PMS/IBGE, em %)

Arrecadação de impostos para o mês de julho foi o maior em 27 anos (em bilhões de reais)

Valor das commodities ajuda
Produtos metálicos (a partir de base 100)

Fontes: *Fundação Getulio Vargas, IBGE, Receita Federal e MB Associados*

dólar foi bruscamente interrompido, no mesmo momento em que os impropérios presidenciais subiram de tom, levando a moeda americana a superar os 5,45 reais. Segundo as contas do economista Livio Ribeiro, do FGV-Ibre, o Instituto Brasileiro de Economia ligado à Fundação Getulio Vargas, e um dos maiores especialistas em câmbio do país, as condições econômicas permitiam uma cotação em torno dos 4,20 reais. Estes cerca de 30% a mais no valor da moeda americana ficariam na conta da bagunça institucional brasileira causada por Bolsonaro, tornada mais aguda ao andar em paralelo com as expectativas de uma desaceleração da economia chinesa e aumento dos juros no Estados Unidos. No primeiro dia de setembro, mesmo com a melhora do humor quanto ao cenário externo, a cotação do dólar ainda estava em 5,15 reais. "Muitos exportadores estão vendendo os produtos e, ao invés de trazer o dólar para o país, estão deixando-o fora. Isso pode ser um indicador de incerteza", conta Fabio Akira, economista-chefe da gestora BlueLine e ex-chefe de cobertura do setor público no JPMorgan Chase.

Uma moeda desvalorizada não significa apenas impacto em transações internacionais ou para aqueles que já podem viajar ao exterior. Ela encarece os insumos para produção e os preços das commodities cotadas lá fora. Evidentemente, esses preços acabam sendo repassados para toda a economia e contribuem para a forte alta da inflação, com previsão de fechar o ano em 7,27%, segundo a mediana de projeção dos economistas. Um mês atrás, a alta estimada era de 6,79%. Ou seja, o custo Bolsonaro começa no dólar e deságua na inflação — duas pancadas sem dó no bolso da maioria dos brasileiros.

Outros fatores também impactam nas expectativas inflacionárias. Por

EDU ANDRADE/ASCOM/ME

CONSELHEIROS O ministro Guedes e o presidente da Câmara, Arthur Lira: pedidos de moderação sem efeito

exemplo, o agravamento da crise hídrica, em razão de questões ambientais, causa o aumento do preço da energia elétrica. E, claro, aumentos do petróleo e dos alimentos ocorreram no mundo todo. Mas a crise inflacionária poderia ser menos severa em outro contexto político. Por exemplo, se a cotação do petróleo do tipo Brent, que serve como referência internacional para o custo dos combustíveis, avança hoje além dos 70 dólares, ela valia mais de 100 dólares em 2014. Bolsonaro costuma responsabilizar os governadores pelo fato de a gasolina estar rondado os 7 reais por litro em alguns estados. Segundo ele, seria culpa do ICMS. No entanto, não foi o imposto estadual que andou variando nos últimos tempos, mas, sim, o dólar, que em 2014 estava na casa dos 3 reais. Ou seja, se o imposto permanece estável e o preço internacional do petróleo já foi maior, são suas ações erráticas que explicam o preço recorde da gasolina.

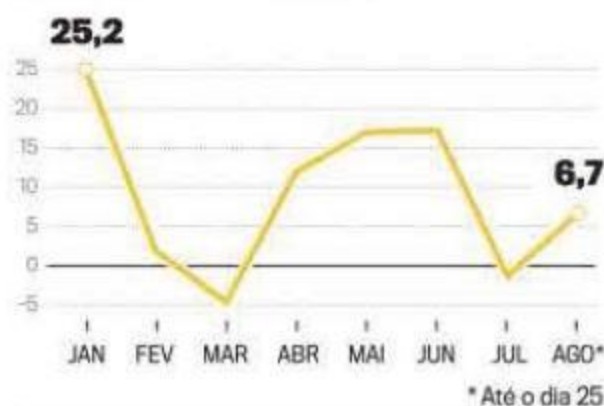
A sensação de dificuldades econômicas para a população, porém, não vem apenas da inflação e do dólar, mas também do elevado nível de desemprego que afeta o país. Mesmo com o aumento de 2,1% de empregos com carteira assinada no setor privado no segundo trimestre, o Brasil ainda convive com um contingente de 14,4 milhões de desempregados, o equivalente a 14,1% dos habitantes. E, no fim de junho, o número de brasileiros ocupados somava 87,8 milhões de pessoas. Isso significa que mais da metade da população em idade para trabalhar, exatos 50,4%, estava desempregada ou desalentada. Provavelmente, tal contingente de brasileiros estaria mais satisfeito vendo o chefe da nação liderando grupos de trabalho para o enfrentamento das crises sanitárias, do desemprego e energé-

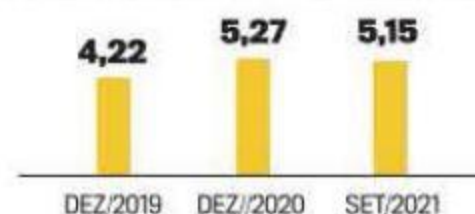
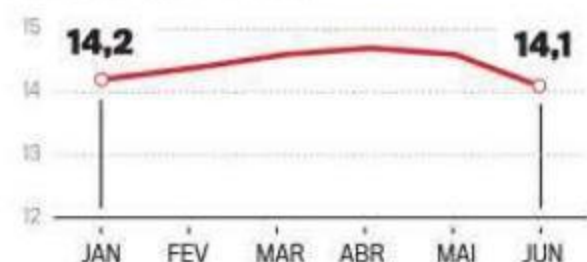
...E UM PRESIDENTE QUE ESTRAGA TUDO

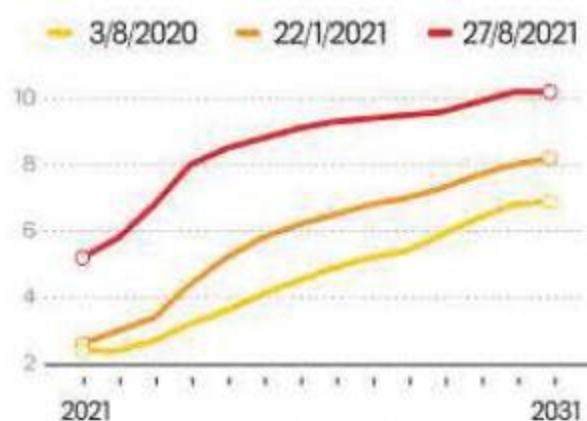
Reversão de expectativas com a instabilidade política

Entrada de investimentos externos na bolsa brasileira, que vinha forte na virada do ano, foi afetada

Saldo mensal de investimentos estrangeiros na B3 (em bilhões de reais)

* Até o dia 25

Instabilidade institucional pressiona o dólar

Cotação da moeda americana (em reais)

Apesar do aumento das contratações de trabalho formal, o desemprego permanece alto (desemprego** em %)

** PNAD é uma pesquisa trimestral móvel (novembro, dezembro e janeiro; dezembro, janeiro e fevereiro; janeiro, fevereiro e março; e assim por diante)

Risco aumentado levou juros futuros a subirem (% cobrada)

Fontes: B3, FGV-IBRE, IBGE e MB Associados

tica do que organizando motociatas eleitoreiras — até mesmo em dias úteis. “O país, dessa forma, não cresce. As perspectivas razoáveis são destruídas pelo comportamento errático do presidente, que anda de motocicleta. Ele é um provocador que não ajuda a restabelecer o equilíbrio”, afirma Delfim Netto, ex-ministro da Fazenda.

Tamanha dissociação entre as preocupações dos eleitores e do mandatário explica o porquê de, em apenas um mês, a avaliação negativa de sua gestão ter subido de 44% a 48%, segundo pesquisa da Quaest Consultoria. Para 21% dos entrevistados, a economia é o principal problema do país, atrás apenas da pandemia, que preocupa 28% dos respondentes. Em julho, a questão era citada apenas por 10% das pessoas. O ministro da Economia, Paulo Guedes, e políticos aliados, como o presidente da Câmara, Arthur Lira, avisam continuamente o presidente de que a economia deveria ser a sua prioridade, se ele deseja tanto uma reeleição. Mas os sábios conselhos são continuamente ignorados. “Presidente não fala, se pronuncia. Toda e qualquer declaração de um presidente faz a agenda do país. Bolsonaro precisa tomar muito cuidado quando fala. É importante que todos os seus pronunciamentos e demais autoridades sejam na linha da conciliação, o que pede a Constituição. Qualquer frase mais pesada cria problemas e impactos econômicos”, explica o antecessor de Bolsonaro no cargo, Michel Temer. “Em matéria de governo, não existe não voltar atrás. É necessário decidir em nome do povo para o povo”, diz o ex-presidente, que também tentou aconselhar Bolsonaro a aliviar a tensão e encerrar os embates.

Convulsionado por turbulências estéreis, o país está perdendo uma janela de oportunidade que pode se fechar rapidamente. Apesar das dificuldades, o mercado doméstico se mostra resiliente, como prova o recorde de arrecadação de impostos para o mês de julho. Já a reativação sincronizada de economias de todo o mundo no arrefecimento da pandemia incentivou

MATHILDE MISSIONEIRO/FOLHAPRESS

DESEMPREGO Desocupação em alta: mais da metade da força de trabalho ainda está fora do mercado

JOEL SILVA/FOTOARENA

ESTIAGEM Lago da Usina Hidrelétrica de Furnas: a perspectiva de risco energético é mais um problema no horizonte

as exportações brasileiras — principalmente para a China. Ao mesmo tempo que isso acontecia, os estímulos econômicos adotados mundo afora criaram um excesso de capital global em busca de ativos de países em desenvolvimento, como as ações de empresas brasileiras. No entanto, tamanha bonança pode estar chegando ao fim com a perspectiva de mudanças no cenário internacional, caso aconteça uma desaceleração chinesa e o aumento dos juros nos Estados Unidos. "O próximo ano será desafiador. O ambiente externo poderá não ser mais tão favorável. Pela minha experiência, nunca vi os juros americanos subirem e o Brasil ganhar com isso", avalia Ilan Goldfajn, ex-presidente do BC e atual presidente do conselho de administração do Credit Suisse no Brasil. "Aquilo que os economistas chamam de tempestade perfeita é algo muito mais frequente do que se gostaria que fosse. Um fator prejudicial sempre acaba reforçando outro."

No caso do Brasil, uma piora do ambiente externo casada com a alta inflação e a perda de popularidade do presidente em ano eleitoral podem significar uma pressão maior nas contas públicas. O mercado financeiro teme que a situação fiscal piore caso o governo acredite que só vai ganhar a eleição se conseguir recuperar a economia à força por meio de gastos públicos, algo que assusta investidores. "Uma das grandes lições não aprendidas pela nossa classe política é que tentativas de aumentar gastos em conjunturas que não dão espaço para isso acabam não funcionando. O efeito é mais negativo sobre a atividade do que positivo", argumenta Tony Volpon, ex-diretor de assuntos internacionais do BC e agora estrategista-chefe da gestora de fortunas Wealth High Governance. "A incerteza de onde sairão os recursos para a política social é muito ruim."

Pressionado pelo risco fiscal aumentado, o índice Ibovespa passou a operar, a partir de agosto, no negativo em relação ao início do ano. A queda no mês foi de 2,47%, num momento

AGÊNCIA PETROBRAS

FRACASSO Refinaria Abreu e Lima: interessados na compra fugiram

"O Brasil não cresce e as perspectivas mais razoáveis são destruídas pelo comportamento errático do presidente, que anda de motocicleta."

Antonio Delfim Netto,
ex-ministro da Fazenda

EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS

em que as bolsas americanas superavam máximas históricas. Os investidores estrangeiros também passaram a evitar o Brasil. Apenas em dois meses de 2021 o saldo de entrada de capital internacional na bolsa foi negativo: em março, com a crise causada por Bolsonaro por trocar o presidente da Petrobras em razão da alta do petróleo, e em julho, quando a sua retórica antidemocrática se acirrou. O risco de novos desatinos também afeta o trabalho de outras áreas do governo, além dos limites do Ministério da Economia. A Petrobras anunciou no fim de agosto que os interessados na compra de sua Refinaria Abreu e Lima desistiram de apresentar proposta. A análise no mercado foi que os investidores ponderaram a chance de Bolsonaro intervir, para efeitos eleitoreiros, nos preços dos combustíveis.

A aversão ao risco por parte dos investidores estrangeiros começa a ser percebida também na rodada de concessões que o Ministério da Infraestrutura vai ofertar no último trimestre do ano. Entre os ativos, estarão a rodovia Dutra e os aeroportos de Congonhas, em São Paulo, e Santos Dumont, no Rio de Janeiro, que prometem atrair interessados, mas restritos às empresas que já estão no país. "Era para estar chovendo grupos do exterior, mas não é isso que estamos vendo", afirma Claudio Frischtak, fundador da Inter.B, consultoria internacional de negócios. Em sua avaliação, a imagem da política ambiental brasileira, associada ao flerte com o autoritarismo, está assustando o resto do mundo.

Tantos ruídos prejudicam mais Bolsonaro do que ele parece perceber. É um comportamento típico de um líder autoritário, incapaz de ouvir e dialogar com quem esteja fora de sua órbita de seguidores. Também insiste em manter posições que a cada dia se tornam mais indefensáveis, a exemplo do voto impresso. "Bolsonaro atrapalha a economia ao criar uma turbulência política que ameaça a democracia. Além disso, sua agenda antiambiental afugenta o capital estrangeiro. A consciência social cresceu muito no mundo corporativo. Poucos CEOs querem expandir operações em um país retrógrado que contribui para o aquecimento global", afirma Pérsio Arida, ex-presidente do BC e do BNDES e um dos criadores do Plano Real.

O risco agora é esse falatório incontrolável comprometer de tal modo sua gestão que nada mais possa ser feito para resgatar o país do desastre,

RICARDO BORGES/FOLHAPRESS

"O país está repleto de oportunidades que não são aproveitadas em função desse cenário de crise institucional."

Arminio Fraga,
ex-presidente do Banco Central

ZO GUIMARAES/FOLHAPRESS

“As falas do presidente prestam um desserviço à economia ao elevar ainda mais os riscos e incertezas hoje existentes e os projetados para os próximos doze meses.”

Pedro Malan,
ex-ministro da Fazenda

como aconteceu no fim da gestão da presidente Dilma Rousseff. Na época, nem mesmo o liberal e competente Joaquim Levy como ministro da Fazenda conseguiu reverter a derrocada. No caso de Bolsonaro, já seria um fator de alívio se parasse com as provocações e com a autossabotagem. Mas, infelizmente, ele parece não entender que foi eleito presidente para resolver os problemas do Brasil — não para criá-los. ■

Colaborou Luisa Purchio

EM FAVOR DO BRASIL

Provocar tensões não interessa ao país nem à cidadania

ÀS VEZES as desgraças não vêm sozinhas. Mesmo com uma gestão firme do Banco Central, reservas abundantes e geração de superávits cambiais, temos hoje um real superdesvalorizado. Para muitos, as trapalhadas do governo federal no campo político nos custam, no mínimo, 1 real na cotação do câmbio com o dólar. Também estão influenciando o valor da nossa moeda as idas e vindas nas discussões em torno da reforma tributária e o inesperado meteoro dos precatórios.

Acrescente-se que a reação sanitária à pandemia foi inconsistente diante da dimensão do problema. Como se não bastasse, podemos ter de enfrentar em breve uma crise hídrica que demorou a ser priorizada. A confluência da conjuntura trágica da Covid-19 e de suas consequências na cadeia de suprimentos com a gestão politicamente turbulenta de Jair Bolsonaro, entremeada de narrativas agressivas, resulta em um real desvalorizado, uma inflação crescente e mais incertezas no cenário econômico. Em tese, poderíamos ter o real cotado abaixo de 4,50 em relação ao dólar e um pouco menos de inflação.

“Custa crer que o presidente possa se beneficiar em 2022 de um ambiente de tensão institucional”

Apesar da gravidade do momento, a pauta no país vem sendo dominada por anunciadas manifestações potencialmente agressivas no 7 de Setembro. Com quase 600 000 mortos pela Covid-19 e uma taxa de desemprego que pune mais de 14 milhões de brasileiros, provocar tensões não interessa nem ao país nem à cidadania. Fora isso, custa crer que o presidente possa se beneficiar eleitoralmente em 2022 do ambiente de tensão institucional provocado por seus aliados mais radicais em torno de agendas já superadas.

Assim, não é apenas por causa do 1 real de desvalorização adicional de nossa moeda que devemos nos preocupar. O dramático é que tais circunstâncias nublam o cenário de consumo, a inflação e uma retomada do crescimento. Sobretudo podem afetar o ânimo de investir no Brasil, impedindo um círculo virtuoso e dificultando as reais chances de um crescimento vigoroso.

Considerando esse quadro, o governo entrará em ano eleitoral com elevada rejeição, eficiência duvidosa e imensos desafios. Até em sua base política há dúvidas de que Bolsonaro possa chegar competitivo ao ano que vem, ainda que consiga, por exemplo, aprovar um auxílio emergencial robusto. Em política, porém, tudo é possível. Até mesmo Bolsonaro dar a volta por cima. Se isso acontecer, não será, certamente, por um caminho populista e fiscalmente irresponsável. A autonomia do Banco Central blinda o país de aventuras tresloucadas e, no campo político, forças sociais pró-democracia se posicionam a favor da estabilidade e das instituições.

Vale lembrar um trecho do manifesto feito por entidades do agronegócio sobre o atual momento político: “Somos uma das maiores economias do planeta, um dos países mais importantes do mundo, sob qualquer aspecto, e não podemos nos apresentar à comunidade das nações como uma sociedade permanentemente tensionada em crises intermináveis ou em risco de retrocessos e rupturas institucionais. O Brasil é muito maior e melhor do que a imagem que temos projetado ao mundo. Isto está nos custando caro e levará tempo para reverter”. ■

A BANDEIRA DOS RADICAIS

Militares, evangélicos, ultraconservadores e ruralistas formam a tropa de choque que alimenta o discurso do confronto na internet e nas ruas **RICARDO FERRAZ** E **DUDA MONTEIRO DE BARROS**

AS ENGRENAGENS da poderosa máquina digital de mentiras e exageros utilizada pelo presidente Jair Bolsonaro para mobilizar sua base de apoio estão girando a todo vapor na véspera do 7 de Setembro. Nas redes sociais e aplicativos de troca de mensagens, milhares de memes, vídeos, áudios e textões convocam bolsonaristas a ganhar as ruas e pressionar pelas duas bandeiras que, à revelia do republicanismo e da legalidade, não saem da cabeça do presidente: o voto impresso e o impeachment de ministros do STF, em especial Alexandre de Moraes, responsável por inquéritos de difícil digestão pelo Planalto. No comando das manifestações está uma tropa heterogênea de segmentos mobilizados em torno de Bolsonaro, composto de militares da reserva, policiais, produtores rurais, grupos evangélicos, católicos ultraconservadores e parte do empresariado.

O esforço dos organizadores para lotar as ruas pretende rebater com imagens de multidões a queda de popularidade do governo identificada

CLAUDIO MARQUES/FUTURA PRESS

HENRY MILLEO/FOTOARENA

SERGIO LIMA/AFP

PROVOCAÇÃO Bloco na rua: os extremistas insistem na defesa de propostas bolsonaristas, mesmo que estejam fora da legalidade

nas pesquisas — 54% de ruim e péssimo em agosto, de acordo com o Ipespe. Por isso, em vez de espalhar os atos Brasil afora, decidiu-se concentrar esforços na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, e na Avenida Paulista, em São Paulo, ambos com presença anunciada, embora não confirmada, de Bolsonaro. Um levantamento realizado a pedido de VEJA pela Bites, empresa de monitoramento da internet, mostra que 69 500 perfis do Twitter disparam sem parar mensagens dedicadas a tornar realidade a hashtag #dia7vaisergigante, compartilhada quase 700 000 vezes.

As postagens, que começaram em tom de guerra, passaram nos últimos dias por um certo abrandamento, de forma a não afastar simpatizantes menos raivosos e a não arriscar cancelamentos com base em ameaças à paz social. Palavras de ordem como "Fora STF" e "Intervenção Militar Já", disseminadas até pouco tempo atrás (*veja o ideário radical no quadro ao lado*), estão sendo desencorajadas. Alimenta-se, agora, uma suposta defesa da liberdade de expressão contra decisões da "ditadura da toga" que levaram à prisão próceres do livre pensar como o deputado fe-

IDEÁRIO DE CONFRONTO

As aberrações propaladas pela ala extremista do bolsonarismo em passeatas e redes sociais

DITADURA DO JUDICIÁRIO

Acusa o STF de tolher a liberdade de expressão e pede o impeachment dos ministros do Supremo, principalmente de Alexandre de Moraes e Luís Roberto Barroso

INTERVENÇÃO MILITAR

Quer que o presidente atropele os demais poderes para "garantir a aplicação da lei e da ordem"

RISCO COMUNISTA

Apregoa que o marxismo está se propagando no país através, entre outras coisas, da "doutrinação de esquerda" nas escolas públicas

AMEAÇA À FAMÍLIA

Faz campanha contra a legalização do aborto, a educação sexual nas escolas – a temida "ideologia de gênero" – e o casamento gay

ARMAMENTO GERAL

Convoca a população a adquirir armas para lutar contra tiranias e assim "impedir que o Brasil se torne uma Venezuela"

ELEIÇÕES FRAUDULENTAS

Afirma, sem provas, que o sistema eleitoral brasileiro é pouco confiável e defende o voto impresso, proposta rejeitada pela Câmara dos Deputados

REPRODUÇÃO

TRATORES A POSTOS

Porta-voz dos produtores de soja, **Antonio Galvan** *(à dir.)* é investigado pela Polícia Federal, que quer saber se está financiando os atos de 7 de setembro. Ele nega: "Apoiaria o Zé das Couves, se estivesse lutando pelos mesmos ideais".

deral Daniel Silveira (PSL-RJ) e o presidente do PTB, Roberto Jefferson. "É um discurso oportunista, muito adotado pela extrema direita em todo o mundo, mas que só vale para ela", diz Pablo Ortellado, coordenador do Monitor de Debate Político no Meio Digital da USP.

O tom de indignação na internet bolsonarista atingiu o pico depois que o Supremo, acatando pedido da Procuradoria-Geral da República, determinou a realização de busca e apreensão na casa dos principais organizadores dos atos, investigados por atuar contra as instituições democráticas. Ao todo, onze pessoas foram identificadas e impedidas de se comunicar, de manter perfis nas redes sociais e de circular em um raio de 1 quilômetro do prédio do STF. O caminhoneiro Marco Antonio Pereira Gomes, o Zé Trovão, segue tranquilamente descumprindo a ordem, participando de *lives* e enviando vídeos. "Estão tirando meu direito de falar. Não posso cumprir uma ordem ilegal", justifica o caminhoneiro, que já se prestou a "salvar o país dessa carniça chamada ministros podres do STF". Trovão promete manter um acampamento em local não divulgado de Brasília e promover paralisações nas principais rodovias do país. Tudo pacificamente.

Abaixo da superfície, o discurso dos bolsonaristas radicais nos grupos de mensagem, sobretudo, segue colérico e provocador. São comuns as postagens de ameaças, inclusive armadas, contra a esquerda — que, por sinal, também se mobiliza para protestar no feriado. O risco de violência generalizada se intensificou depois que Aleksander Lacerda, coronel da Polícia Militar paulista, ignorou a lei e convocou os policiais da corporação a participar das manifestações pró-Bolsonaro no dia 7. Lacerda foi afastado por ordem do governador João Doria, mas o recado estava dado. Outro coronel da PM, Ricardo Mello Araújo, na reserva e ocupando a presidência da Ceagesp, a empresa de abastecimento de alimentos, por nomeação do Planalto, planeja se encontrar com aposentados como ele em frente ao batalhão da Rota, a divisão de elite da Polícia Militar, e de lá partir para engrossar os atos públicos. Araújo avisa: "É impossível garantir que essas pessoas não estarão armadas. Muitas vivem em bairros perigosos e precisam se proteger".

MAURO PIMENTEL/AFP

REBANHO FIEL

Estratégicos para o projeto bolsonarista, os evangélicos dão voz à agenda conservadora e têm como liderança **Silas Malafaia,** amigo do presidente. "Vamos às ruas. Não dá para ser omisso nem covarde", prega o pastor.

TROMBETA DA ESTRADA

O caminhoneiro **Marcos Pereira Gomes,** o Zé Trovão, está impedido pela Justiça de se manifestar nas redes sociais, mas continua a gravar vídeos convocando para as manifestações do feriado. "Não posso cumprir uma ordem ilegal", justifica o valente.

REPRODUÇÃO

Manifestação política é vedada por lei a militares da ativa, mas um levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostra que a adesão ao bolsonarismo se alastra pelos quartéis e delegacias. A quantidade de policiais militares que circulam pelas páginas pró-Bolsonaro nas redes sociais subiu 24% no último ano — 30% nos perfis mais radicais. O chamado à violência não agrada aos evangélicos, um eleitorado cada vez mais crucial para o presidente, mas isso não impede que suas lideranças estejam na linha de frente da convocação para os atos do 7 de Setembro. Capitaneados por Silas Malafaia, confidente de Bolsonaro, diversos pastores gravaram vídeos e subiram ao púlpito para pedir engajamento dos fiéis — entre eles Estevam Hernandes, da Renascer, e Claudio Duarte, da Projeto Recomeçar, que conta com um rebanho digital de 5,5 milhões de seguidores. Outra voz a divulgar os atos do Dia da Independência é a dos católicos ultraconservadores, que divergem no sistema de governo — a maioria é monarquista —, mas estão juntos na luta contra o aborto e o casamento gay. "Vivemos a ameaça de um socialismo repaginado que avança por meio da ecologia e dos direitos dos animais", exagera Frederico Viotti, diretor do IPCO, a antiga TFP de nada saudosa memória.

Uma outra corneta poderosa a trombetear as manifestações é tocada por uma parcela dos produtores rurais que dispõem de vastos recursos e prometem invadir Brasília com caravanas vindas do Centro-Oeste. A Polícia Federal investiga se a Aprosoja, a associação de produtores de soja, está financiando ataques contra o STF — foi na sede da entidade que o cantor Sérgio Reis gravou um vídeo de enorme repercussão com tolices. O presidente da Aprosoja, Antonio Galvan, restringe sua atuação a convicções ideológicas. "Não tenho nenhuma intimidade com Bolsonaro. Apoiaria o Zé das Couves se ele estivesse lutando pelos mesmos ideais", diz o ruralista. "Todos esses grupos mantêm, sim, relação direta com o presidente. Como não há uma agenda comum, horizontal, ele assume posturas cada vez mais extremadas para mantê-los mobilizados", explica David Nemer, professor da Universidade da Virgínia que estuda a extrema direita no Brasil. Refém de radicais, o Dia da Independência, decretada há 199 anos, não tem como raiar em clima de festa nacional. ■

CLAUDIO BELLI/VALOR/AG. O GLOBO

PIJAMA, NEM PENSAR

Coronel da reserva da Polícia Militar, **Ricardo Mello Araújo,** instalado no comando da Ceagesp por Bolsonaro, mobiliza colegas aposentados para ir às ruas: "Não posso garantir que não estejam armados", avisa.

Com reportagem de Cássio Bruno

ARQUIVO/AG. O GLOBO

BLINDADO Tanque nas ruas do Rio de Janeiro, em 1964: tomada de poder teve o respaldo de boa parte da sociedade civil

NÃO ESTAMOS EM 1964

A fantasia autoritária de Bolsonaro tem dois obstáculos: o Brasil mudou muito desde o golpe militar e ele não conta com a mesma rede de apoios que abriu espaço à ditadura **LEONARDO LELLIS**

EM UMA RETÓRICA própria de líderes de seitas fanáticas, Bolsonaro anteviu três caminhos para o seu futuro: a prisão, a morte ou a vitória. Assim, dentro do peculiar imaginário do capitão, fica descartada a hipótese de uma derrota nas urnas em 2022. Como já afirmou mais de uma vez, o presidente acredita que só não será reeleito se houver um roubo nas urnas — daí a sua insistência em desacreditar o tempo inteiro o sistema eletrônico de apuração. O nível de irresponsabilidade é maior ainda quando insinua que poderá ocorrer um levante no caso de um revés no seu plano de recondução ao Palácio do Planalto. Dessa forma, em pleno século XXI, por incrível que pareça, entrou na pauta de assuntos nacionais a hipótese de uma ruptura democrática. Para pôr mais fogo ainda na história, Bolsonaro aposta todas as suas fichas nas manifestações de simpatizantes pró-governo no 7 de Setembro *(veja reportagem na pág. 32)*. Acredita que, assim, sua fantasia autoritária terá o devido respaldo popular. "Nunca uma outra oportunidade foi tão importante para os brasileiros", afirmou. Para desgosto da claque radical, que incentiva o presidente a tentar alguma maluquice, e para alívio daqueles comprometidos com a democracia, felizmente temos hoje um cenário muito distinto daquele que permitiu a instalação de um regime autoritário em 1964.

Aquele Brasil não existe mais, tampouco Bolsonaro conta com uma rede de apoios que sustentou o golpe há quase seis décadas, a começar pelo respaldo internacional. Se hoje é inimaginável uma nação desenvolvida apoiar uma quartelada nos trópicos, nos anos 60, auge da Guerra Fria, os Estados Unidos mostravam-se empenhados em

CLAUDIO REIS/FRAMEPHOTO

FIASCO Veículo militar solta fumaça em frente ao Palácio do Planalto: desfile era para mostrar força, mas virou piada

evitar que a revolução socialista de Cuba se repetisse na América Latina. Naquele Brasil, envolto em uma crise política desde a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, o apoio de Washington foi fundamental para a tomada do poder pelos militares. Agora, a ameaça comunista aparece materializada apenas nas teorias delirantes dos bolsonaristas. Além disso, o Brasil não só está longe da lista de prioridades dos americanos, como também o presidente Joe Biden antagoniza com Bolsonaro em questões como direitos humanos e meio ambiente. "Os Estados Unidos se opõem fortemente a qualquer tomada ilegítima e antidemocrática do poder no Brasil", afirma o brasilianista Peter Hakim, presidente emérito do Diálogo Interamericano, de Washington.

Além de se acertar com as potências de fora, Bolsonaro teria de combinar o golpe com as tropas daqui — e esse apoio incondicional é improvável. Sua recente tentativa de demonstrar poderio bélico virou piada, com a patética exibição de velhos tanques expelindo fumaça preta por Brasília. A despeito da grande participação de militares no atual governo, há alas de oficiais muito descontentes com o presidente e com a insistência dele em tentar usá-los como uma espécie de milícia particular (expressa na fala "meu Exército", repetida por Bolsonaro). Na época do golpe de 1964, não havia incômodo entre as Forças Armadas em ter um papel de protagonismo na vida política. Muito pelo contrário. "Naqueles tempos, o poder militar exercia papel central na vida

ÁLBUM DE FAMÍLIA

MAU SOLDADO Bolsonaro no Exército: queixas salariais e prisão por transgredir as regras da caserna

ARQUIVO/JB

NAS RUAS Marcha conservadora: católicos lideram passeata em São Paulo contra a ameaça comunista de João Goulart

republicana ao se autoproclamar, e sendo visto assim por grupos civis relevantes, como regulador da vida nacional", observa Marcos Napolitano, professor de história da USP. Superada a ditadura, as Forças Armadas tiveram de se adaptar ao rearranjo institucional e à Constituição de 1988.

No passado e no presente, os militares são sensíveis às vozes da população. Em 1964, eles tinham o apoio de parte expressiva da sociedade para derrubar João Goulart, sobretudo entre as chamadas elites. "Tanto a classe rica quanto a classe média alta eram contra o governo", lembra o economista Luiz Carlos Bresser-Pereira, ex-ministro dos governos Sarney e FHC. Empresários e grandes fatias da população viam na intervenção uma possibilidade de estabilidade ante à tormenta política da época. Após o discurso de Jango para 150 000 pessoas na Central do Brasil, em março, que marcou a sua guinada à esquerda — anunciou a desapropriação de terras e de refinarias e o tabelamento de aluguéis —, a classe média e a Igreja Católica promoveram a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que contou com 300 000 pessoas em São Paulo, pregando contra a ameaça comunista e o governo em um movimento que se espalharia por outras capitais. O suporte religioso, porém, foi se esvaindo com o endurecimento do regime. "Depois de estabelecida a ditadura e a tortura como práticas do Estado, essas lideranças passaram a adotar uma postura de oposição, na qual arriscavam a própria vida", conta Angela de Castro Gomes, docente da Unirio e da Universidade Federal Fluminense (UFF).

No cenário atual, a despeito do barulho que promove em torno do 7 de Setembro para mobilizar sua base radical, Bolsonaro conta com a reprovação da maior parte dos brasileiros. Pesquisa Quaest da semana passada mostra que mesmo o eleitorado evangélico, um dos esteios do bolsonarismo, não está mais tão ao lado do presidente: 35% avaliam de forma negativa a sua gestão ante 32% que a consideram positiva — entre os católicos, a desaprovação vai a 50% e a aprovação, a 21%. "No passado, havia um componente de pragmatismo daqueles que viam no regime a chance de estabilidade e uma oportunidade para emplacar mudanças de seu interesse", explica Sérgio Praça, cientista político da FGV. Esse tipo de pragmatismo atua hoje contra Bolsonaro. Como o capitão é justamente a maior fonte de instabilidade no país neste momento *(veja reportagem na pág. 24)*, a permanência dele no poder justificada com o argumento de que isso poderia aplacar turbulências é mais difícil de engolir que a teoria terraplanista.

INÍCIO DO FIM Jango, na Central do Brasil: discurso ampliou apoio à ruptura

Para aumentar os obstáculos do capitão, saudoso da época do governo dos militares e que inclui entre seus heróis um notório torturador do regime, aquele país da ditadura também não existe mais. Em 1964, o Brasil somava 80 milhões de habitantes — menos da metade dos 213 milhões de hoje —, quase 40% da população era analfabeta e a maioria residia na zona rural. Hoje ela está concentrada nos centros urbanos, tem mais acesso a bens de consumo e a fontes de informação. Ao mesmo tempo, grandes empresários e os setores da classe média representados por profissionais liberais, advogados, médicos, comerciantes, por exemplo, não estão nada satisfeitos com a estagnação econômica, a volta da inflação e o dólar alto. O historiador Daniel Aarão Reis, da UFF, vê um sólido desapontamento desses segmentos com Bolsonaro e outros políticos: "Os estratos médios e superiores da sociedade em 1964 marcharam inclusive ao lado dos setores populares. As classes médias hoje estão muito mais fraturadas pelo desgosto promovido pelo Bolsonaro".

ANO XXXIX — Rio de Janeiro, 4.ª-feira, 1 de abril de 1964

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Ressurge a Democracia!

APOIO Editorial do jornal *O Globo*: parte da imprensa esteve do lado do movimento que tomou o governo

No passado, a simpatia pelo golpe contaminou até quem jamais deveria. Alguns veículos de comunicação embarcaram na aventura militar, inclusive manifestando apoio em editoriais como fizeram os jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo*. "O que eles não imaginavam é que 1964 seria uma coisa que se viraria contra eles mesmos", afirma a professora de jornalismo Marialva Carlos Barbosa, da UFRJ, em referência à censura que calou a maioria dos órgãos de mídia. Hoje, a imprensa é tratada como parte da oposição por Bolsonaro e não há um veículo decente que tenha qualquer simpatia pela quebra da institucionalidade. Nascida em 1968, VEJA sempre se colocou contra o autoritarismo e tem na defesa da democracia um de seus pilares editoriais.

Totalmente anacrônica e sem perspectivas de desdobramentos práticos, a movimentação estimulada por Bolsonaro tem ao menos um ponto positivo: o de criar um efeito preventivo, aumentando os alertas de vigília das instituições, observa o historiador Carlos Fico, professor da UFRJ. "O que nós vemos no Judiciário, na imprensa e na maioria da população é uma rejeição ao autoritarismo. O que pode haver é baderna com a leniência de policiais que não controlem a ordem pública por estarem identificados com o bolsonarismo", avalia. A antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz, da USP, acrescenta outro fator dificultador, relacionado à trajetória do presidente. "Ele sempre atuou na lei do mínimo esforço e, para dar um golpe, teria de fazer *realpolitik*, articulando com setores que muito provavelmente não concordam com ele", diz. Dessa forma, os arroubos de Bolsonaro deverão virar fumaça — como a expelida pelos tanques que causaram constrangimento às Forças Armadas. Ainda bem. ■

Com reportagem de Caíque Alencar

TRABALHANDO EM SILÊNCIO

Com uma agenda poderosa nas mãos, o presidente do Congresso se movimenta para virar protagonista nas eleições do ano que vem **RAFAEL MORAES MOURA** E **LETÍCIA CASADO**

CRISTIANO MARIZ

MINEIRO Pacheco: "Eu não posso falar sobre isso, mas vocês podem"

NA SEGUNDA-FEIRA 30, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), visitou a sede da Confederação Nacional do Comércio em Brasília. A pauta oficial previa um debate sobre os rumos da economia e a defesa da aprovação das reformas tributária e administrativa, que estão em tramitação no Congresso. Como já ocorreu em outras reuniões com representantes do empresariado, Pacheco foi questionado sobre um assunto que ele evita em público, mas trata com especial atenção nos bastidores: a possibilidade de concorrer à Presidência da República em 2022. Sua resposta foi a de costume. "Eu não posso falar sobre isso", desconversou, frisando que qualquer comentário a respeito do tema poderia gerar ainda mais instabilidade entre os poderes. A novidade apareceu na emenda. "Mas vocês podem *(falar sobre a candidatura)*", acrescentou o senador. Embora bem ao estilo mineiro, foi um sinal de que Pacheco, advogado de 44 anos que exerce seu primeiro mandato no Senado, quer ter papel de protagonista na sucessão presidencial — de preferência, disputando o Palácio do Planalto como o candidato da chamada terceira via.

Até aqui, a tentativa de construção de uma candidatura capaz de romper a polarização entre o ex-presidente Lula e Jair Bolsonaro, que lideram as pesquisas, não tem sido bem-sucedida. Uma dezena de nomes já foi testada e os mais competitivos entre eles alcançam no máximo 10% de intenções de voto. Levantamento da Quaest Consultoria divulgado na quarta-feira 1º mostrou Lula com porcentuais entre 44% e 47%, a depender do cenário, enquanto Bolsonaro marcou entre 25% e 26%. Os concorrentes da terceira via com melhor de-

sempenho ficaram muito atrás. O eterno presidenciável Ciro Gomes (PDT), o governador João Doria (PSDB) e o ex-ministro Henrique Mandetta (DEM) atingiram, respectivamente, 9%, 6% e 2%. Eles ainda colheram outro dado ruim. Hoje, os três têm um nível de rejeição superior ao de Lula. "Se quiser se viabilizar, a terceira via terá de apostar num nome desconhecido e com baixa rejeição", defende o cientista político Felipe Nunes, diretor da Quaest. É essa lógica que alimenta os sonhos presidenciais de azarões como o governador Eduardo Leite (PSDB), a senadora Simone Tebet (MDB) e o próprio Pacheco, que são bem menos conhecidos e enfrentam rejeição inferior à de Lula.

Embora o presidente do Senado tenha apenas 1% de intenção de voto, ele ainda é desconhecido por 60% da população e lida com uma rejeição de 31%, menor do que a do petista (40%) e metade da de Bolsonaro (62%). Essa combinação dá a Pacheco condições de garimpar votos, sobretudo entre os indecisos, que chegam a superar 50% nas pesquisas espontâneas, aquelas em que não é apresentada ao entrevistado uma lista de presidenciáveis. O maior trunfo do senador está no cargo que ocupa. Como chefe do Legislativo, ele tem se esforçado para reduzir as tensões institucionais e aprovar pautas capazes de impulsionar a economia. Recentemente, arquivou o pedido de impeachment do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes e foi decisivo para a aprovação do projeto de autonomia do Banco Central. Essa atuação como amortecedor político e catalisador econômico cacifou o parlamentar entre setores cansados da beligerância reinante no país e ainda levou o DEM, seu atual partido, e o PSD, que quer filiá-lo, a testar as suas possibilidades eleitorais.

"O Rodrigo Pacheco se encaixa nesse perfil de renovação. É a pessoa certa no lugar certo", diz o presidente do PSD, Gilberto Kassab. "O crescimento do Rodrigo se dará no ano que vem. Ele não vai abandonar sua responsabilidade como presidente do Senado para entrar numa pré-campanha." Trata-se de uma estratégia de médio prazo, uma maneira de estar no jogo sem receber pedradas enquanto se movimenta. Pacheco sabe que seu cargo pode lhe render cada vez mais aliados, principalmente se ele contribuir para a distensão política e a modernização do país. Além disso, enquanto cuida da agenda legislativa, já há uma estrutura trabalhando por ele nos bastidores. Kassab, por exemplo, está planejando candidaturas fortes do PSD a governador em grandes colégios eleitorais, como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Se depender dele, o partido será representado nesses estados pelo ex-governador Geraldo Alckmin (convidado a trocar o PSDB pelo PSD), pelo prefeito Eduardo Paes e pelo também prefeito Alexandre Kalil.

Longe dos holofotes, o presidente do Senado tem se aconselhado em diversas searas. Entre seus interlocutores, destacam-se o ex-ministro da Fazenda Delfim Netto e o publicitário Nizan Guanaes. Em junho, o senador jantou na casa do apresentador Luciano Huck, no Rio, depois de o global desistir de concorrer em 2022. O encontro foi organizado pelo ex-governador Paulo Hartung e serviu para que os comensais se conhecessem pessoalmente e conversassem sobre cenário político, perspectivas para a eleição e economia. De fala mansa e perfil conciliador,

CRISTIANO MARIZ

SER OU NÃO SER Moro: o ex-juiz faz suspense sobre sua candidatura

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

NA LISTA Mandetta: boa projeção durante a pandemia do coronavírus

TESTE DE HABILIDADE

Nas próximas semanas, Rodrigo Pacheco terá uma grande chance de mostrar a dimensão de seus dotes políticos. Dias atrás, ele foi procurado por dois ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) que lhe pediram ajuda para tentar resolver o impasse em torno da confirmação do nome de André Mendonça para a Corte. O ex-advogado-geral da União foi indicado ao posto por Jair Bolsonaro em 13 de julho. Para assumir o cargo, precisa, antes, ser sabatinado, aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) e confirmado no plenário do Senado. Em busca de apoio, ele já visitou setenta dos 81 senadores. A maioria tem se manifestado a favor da indicação, exceto um: Davi Alcolumbre (DEM-AP), o presidente da CCJ, a quem cabe deslanchar o processo. O parlamentar vem emitindo sinais de que, ao menos por enquanto, pretende deixar o caso dormitando, o que só aumenta o desgaste das relações, que já não são nada boas, entre o Legislativo e o Executivo. Pior: Alcolumbre ainda tem esnobado o candidato a ministro.

No último dia 31, Mendonça encontrou Alcolumbre por acaso no hall de um hotel em Brasília, aproximou-se e não desperdiçou a chance: "Estou à disposição, no seu aguardo", disse a Alcolumbre. O senador, que tem ignorado solenemente as inúmeras mensagens e ligações do pastor presbiteriano, simplesmente desconversou: "Tá bem, tá bem". Para assumir uma cadeira no Supremo, o candidato precisa, no mínimo, de 41 votos. Mendonça acredita já ter angariado pelo menos 55 apoiadores, muitos, inclusive, de partidos de oposição ao governo. O problema maior, ao que parece, é mesmo a resistência do senador do Amapá, que estaria magoado com Bolsonaro. Rodrigo Pacheco até tentou se manter distante do impasse, alegando que não seria "elegante interferir". Mas esse vácuo amplia a tensão entre os poderes, envolve muitos interesses inconfessáveis e é também uma excelente oportunidade para o presidente do Congresso mostrar que tem habilidades diferenciadas dos candidatos que se apresentaram até agora como alternativa para 2022.

JOSÉ DIAS/PR

IMPASSE André Mendonça: a indicação está emperrada no Congresso

Pacheco não costuma comprar briga com ninguém e estende a mão ao diálogo para a direita e para a esquerda. Apoiado por Bolsonaro na eleição para o comando do Senado, ele segurou a instalação da CPI da Pandemia até que uma decisão judicial a tornasse inevitável. Com a comissão criada, nada fez para impedir o seu trabalho, exatamente como queriam os petistas, que também votaram nele para chefiar a Casa.

Apesar da carreira política construída em Minas, Pacheco nasceu em Rondônia. Caso se decida pela candidatura presidencial, ele se apresentará como mineiro. Não é à toa. Desde a redemocratização, todos os presidentes eleitos venceram no estado, o segundo maior colégio eleitoral do país, com 15,5 milhões de votos (10,6% do total), atrás apenas de São Paulo. De cada dez votos em jogo, um é de Minas. "Minas é fundamental para qualquer eleição presidencial. Junto do Rio, são dois estados que podem definir a eleição, porque é quase certo que o Centro-Oeste e o Sul vão apoiar o Bolsonaro, enquanto o Nordeste vai estar com o ex-presidente Lula. É o Sudeste que provavelmente vai virar esse jogo, na direção de um ou de outro ou alavancando uma candidatura de terceira via", declara Felipe Nunes. Ele acrescenta que, apesar de Pacheco ter apenas 1% de intenção de voto, seu baixo conhecimento e sua baixa rejeição lhe garantem um alto potencial de crescimento. "Se ele será ou não candidato, é outra questão. Vai depender da capacidade de articulação política

TWITTER @CIROGOMES

NA ESTRADA Ciro Gomes: o único político fora da polarização com a candidatura já confirmada

do próprio Kassab, de tirar outros *players* importantes do jogo, porque, como a gente sabe, não tem espaço para todo mundo", arremata Nunes.

Os tais *players* por enquanto não dão sinais de que pretendem desistir. Doria e Eduardo Leite vão disputar as prévias tucanas. Famoso nacionalmente pela atuação durante a pandemia, o ex-ministro Mandetta quer manter sua candidatura pelo DEM. Já o Podemos abriu as portas para o ex-juiz Sergio Moro, que numa eventual campanha poderá se apresentar como o candidato que mandou Lula para a prisão e deixou a gestão Bolsonaro acusando o presidente de interferir politicamente na Polícia Federal. Moro ainda não respondeu se abraçará a nova missão. O desafio de Rodrigo Pacheco é se destacar nesse balaio centrista e, se possível, ser o único representante desse espectro político. VEJA perguntou ao senador se ele disputará a Presidência da República. "Não sou candidato. A hipótese agora é de unificação nacional e esse tipo de movimento acaba atrapalhando", respondeu Pacheco. Não é candidato agora. Nada que o impeça de disputar a preferência do eleitorado em outubro de 2022, se a tão falada terceira via sair do papel. Os mineiros, mesmo os nascidos em Rondônia, trabalham em silêncio. ■

RICARDO RANGEL

DIA DA INDEPENDÊNCIA

As perspectivas para Jair Bolsonaro não são nada boas

O 7 DE SETEMBRO se aproxima e ninguém sabe o que esperar. A promessa bolsonarista era algo realmente perigoso, com muita gente armada, incluindo policiais, ameaça escancarada de invasão do Supremo e golpe de Estado. Mas o tom baixou, e o foco foi deslocado para uma defesa vaga da "liberdade" — não no conceito moderno, em que a liberdade de um termina onde começa a do outro, mas no da lei do mais forte: liberdade para desmatar, recusar máscaras e vacinas, comprar fuzil, mentir, difamar, ameaçar. É repugnante, mas não configura risco real.

A mudança de foco, entretanto, não tranquiliza. Ninguém controla uma turba depois de insuflada, e ela vem sendo insuflada há muito tempo, e o próprio Bolsonaro voltou a subir o tom. "Nunca outra oportunidade para o povo brasileiro foi ou será tão importante quanto esse nosso próximo 7 de setembro." "Chegou a hora de nós, no dia 7, nos tornarmos independentes para valer." "Esse norte será dado com muita força no próximo dia 7." "Eu tenho três alternativas: estar preso, estar morto ou a vitória." "Todo mundo tem que comprar fuzil." "Se você quer paz, prepare-se para a guerra." Em que pese Bolsonaro ser bravateiro, o recado é claro.

"As manifestações do 7 de setembro não têm o poder de melhorar a situação do presidente"

Além disso, o presidente é naturalmente beligerante, deixa-se açular com facilidade e age por impulso: uma vez no palanque, diz o que a multidão quer ouvir. Não é impossível que uma frase sua leve à invasão do Supremo ou do Congresso. (É bom lembrar que Trump jamais ordenou a seus fãs que invadissem o Capitólio: disse apenas que protestassem. O "protesto" foi o que se viu.)

A situação no Brasil é crítica. Aproximamo-nos dos 600 000 mortos, e vão morrer muitos mais antes que a pandemia esteja sob controle. O crescimento está comprometido, o desemprego está nas alturas, a inflação e os juros sobem, o risco de apagão é real. E há a CPI. Ninguém no governo tem competência ou credibilidade para reverter a situação.

Não apenas a esquerda reclama de Bolsonaro, mas também jornalistas, economistas, empresários, industriais, banqueiros, o setor moderno do agronegócio, até militares. E muitos mais. Ninguém mais aguenta tanto desgoverno, a popularidade do presidente cai, a rejeição sobe. A reeleição parece remota, e Bolsonaro dá mostras de que teme ser preso quando deixar o poder (não sem motivo, pois se multiplicam as acusações de que cometeu crimes).

As manifestações do 7 de setembro não têm o poder de melhorar a situação do presidente. Se fracassarem, ele se tornará ainda mais frágil do que está. Se forem grandes e pacíficas, Bolsonaro terá dado uma demonstração de força, mas isso não tornará o cenário menos crítico nem aumentará suas chances de vitória em 2022. Se houver arruaça à sua revelia, o clamor pelo impeachment crescerá.

E se, acuado, o presidente partir para o tudo ou nada e tentar o golpe, os militares, como já deixaram claro, não o seguirão. O dano será grande, mas Bolsonaro cairá. Em vez de ser preso no futuro, será preso agora. (O que não deixará de ser, de certa maneira, uma proclamação de independência — para ele e para todos.)

Não há boas perspectivas para Bolsonaro. ■

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

REAÇÃO Augusto Aras: "Ainda que seja legítimo esse debate, não vejo necessidade de mudar o modelo"

DESENCONTRO MARCADO

Congressistas querem alterar lei e indicar o corregedor que vai cuidar de processos disciplinares contra procuradores do Ministério Público **LARYSSA BORGES**

O PROCURADOR-GERAL da República, Augusto Aras, tem um excelente relacionamento com o Congresso. Isso ficou evidente no mês passado, quando sua recondução ao cargo foi aprovada com extrema facilidade. A boa convivência explica-se, em parte, por uma coincidência de opiniões. Aras sempre foi um crítico ferrenho dos métodos empregados pela Operação Lava-Jato, cujas investigações fisgaram ou perturbaram um naco considerável do Parlamento. No Supremo Tribunal Federal (STF), esse entendimento resultou na anulação dos processos que envolvem o ex-presidente Lula e, muito provavelmente, vai resultar também no arquivamento da maioria dos casos em que deputados e senadores são apontados como beneficiários de esquemas de corrupção. A aparente harmonia que prevalecia até agora entre as duas instituições, no entanto, está na iminência de sofrer uma fissura.

Nos últimos dias, o deputado Paulo Magalhães (PSD-BA) recebeu incontáveis pedidos de audiência de procuradores, promotores e políticos. A romaria é uma tentativa de estancar um movimento que, sem alarde, pretende alterar a Constituição para dar a deputados e senadores poderes para indicar a autoridade responsável por instaurar processos disciplinares contra os integrantes do Ministério Público. No sistema vigente, essa prerrogativa é do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP), que escolhe um procurador por meio de eleição direta entre os conselheiros. A proposta de mudança, que conta com o apoio de doze partidos de diferentes espectros políticos e o aval do presidente da Câmara, Arthur Lira (Progressistas-AL),

CLEIA VIANA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

ORIGEM Paulo Teixeira, do PT: o primeiro a propor a interferência externa

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

REVANCHE Força-tarefa da Lava-Jato: deputados querem punir procuradores

estabelece que o corregedor passará a ser indicado pelo Congresso.

O embate tem raízes na Lava-Jato. Deputados e senadores, especialmente os que foram investigados, acusam os procuradores de cometer arbitrariedades. O alvo principal das críticas é a então força-tarefa de Curitiba, onde começaram as apurações que deram origem ao maior escândalo de corrupção da história. Tramitam no CNMP várias representações contra os procuradores. Os parlamentares dizem que o corporativismo impede que esses processos avancem. Durante a Lava-Jato, houve, de fato, certos exageros em várias ações dos investigadores que realmente precisam ser apurados e, se for o caso, punidos de acordo com o que a lei prevê. Mas é fato também que há um desejo latente de revanchismo por parte de alguns políticos interessados na mudança.

A primeira tentativa de alterar a formação do colegiado de conselheiros partiu do deputado Paulo Teixeira (PT-SP). Se dependesse dele, o corregedor do CNMP nem precisaria ser do corpo funcional do Ministério Público. Poderia ser um delegado, um juiz e — por que não? — até um parlamentar. "Não é revanchismo, mas uma corporação não pode achar que está acima da lei. Há a compreensão de que esse conselho não tem dado respostas à altura a crimes que são praticados por promotores e procuradores, e o Deltan é um caso paradigmático", diz Teixeira. Deltan é o procurador Deltan Dallagnol, ex-coordenador da Lava-Jato em Curitiba, responsável, entre outras coisas, pela investigação que levou o ex-presidente Lula e outros petistas à cadeia. "Colocar um corregedor indicado pelo Congresso compromete a independência do MP. É a mesma coisa que colocar no Congresso um membro do Judiciário para apurar condutas internas dos deputados e senadores", diz Manoel Murrieta, presidente da Associação Nacional dos Membros do Ministério Público.

A punição de um procurador que cometeu atos ilegais em uma investigação não depende unicamente do corregedor do CNMP, mas, por ser o responsável por propor a abertura do processo, é ele quem dá ao colegiado o tom sobre a gravidade das acusações. Nos últimos dezoito meses, os conselheiros aplicaram dezesseis penas de suspensão, sete censuras, seis advertências e uma demissão. "Ainda que seja legítimo esse debate no Parlamento, e também uma prerrogativa do Congresso Nacional a análise de quaisquer alterações no âmbito da Constituição, não vejo necessidade de mudar o atual modelo de indicação da Corregedoria. Os conselheiros, em especial o corregedor, vêm cumprindo à risca seus deveres constitucionais e atuado, como há muito não se via, para conter eventuais abusos de membros do Ministério Público", disse Aras a VEJA. O procurador-geral terá de ser bem menos diplomático caso realmente queira convencer os parlamentares a abandonar a proposta que, por enquanto, aparenta não ser nada além de uma interferência deletéria disfarçada de bons propósitos. ■

ANDRÉ COELHO/FOLHAPRESS

FUNDO DO POÇO Roberto Caldas: "Suportei a farsa, a traição e o ódio calculado com finalidade financeira"

REVIRAVOLTA NOS TRIBUNAIS

O ex-juiz da Corte Interamericana de Direitos Humanos é absolvido das acusações de violência doméstica, ameaça e tentativa de homicídio feitas pela sua ex-mulher **LARYSSA BORGES**

RICO, PODEROSO e bem-sucedido, o advogado Roberto Caldas era uma autêntica estrela do mundo jurídico. Juiz da Corte Interamericana de Direitos Humanos, ele foi o segundo brasileiro a assumir a presidência da entidade, reconhecida por 24 países do continente. Também tinha no currículo passagem pela Comissão de Ética Pública da Presidência da República e pela Comissão de Erradicação do Trabalho Escravo — o que lhe conferia poder e influência no Brasil e no exterior. Bem relacionado, chegou a ser cotado algumas vezes para assumir uma cadeira no Supremo Tribunal Federal durante os governos petistas. Todo esse prestígio ruiu depois que sua ex-mulher procurou as autoridades, em 2018, e contou que sofreu espancamentos e humilhações durante os treze anos em que esteve casada com o juiz. As acusações de Michella Marys — que incluíram situações de tentativa de homicídio, ameaças e assédio sexual — fulminaram a carreira do advogado.

Em meio ao escândalo, Caldas perdeu o cargo na Corte Interamericana, seus clientes privados rescindiram contratos e seus sócios numa bem-sucedida banca de advocacia de Brasília desfizeram a parceria. No campo pessoal, ele teve de se afastar da ex-mulher e dos filhos. A OAB abriu um processo para cassar o seu registro profissional e a casa em que ele morava — uma mansão de 2 400 metros quadrados projetada pelo arquiteto Ruy Ohtake e avaliada em 50 milhões de reais — foi vandalizada. Nos últimos três anos, o advogado pouco colocou o pé na rua, por receio de sofrer ataques. Na época, VEJA publicou os relatos perturbadores que a ex-esposa fez à Justiça, entre eles o de que Caldas teria tentado matá-la com uma faca. Pois o caso sofreu uma reviravolta. Agora é o advogado que acusa a ex-mulher.

Para provar ter sido vítima de atos abusivos por parte do marido, Michella gravou o ex-companheiro por seis anos, fotografou supostas escoriações resultantes de agressões e entregou o material à Justiça. Testemunhos formais de funcionários completaram um

SERGIO DUTTI

VULNERABILIDADE Michella Marys, a ex-mulher: "A Justiça não me protegeu"

barulhento processo de separação, no qual o casal também disputou um patrimônio estimado em 20 milhões de reais, além da mansão. Sem trabalho fixo desde que o escândalo eclodiu, Caldas passou os últimos anos se defendendo das acusações. Nesse período, ele anexou aos processos relatos de outro ex-marido de Michella, que afirmou ter sido agredido por ela, depoimentos de empregados domésticos que se disseram pressionados pela ex-esposa para testemunhar contra ele e provas de que as imagens das câmeras de segurança da casa, que poderiam revelar o que acontecia no interior da residência, foram apagadas por determinação da ex-mulher.

"Suportei a farsa, a traição e o ódio calculado com finalidade financeira. Suportei o linchamento moral baseado em meras acusações, sem provas. Fotos e áudios montados, recortados, corrompidos, divulgados como se fossem provas indiscutíveis. Vídeos que me inocentavam foram apagados. Mentiras em série. Conheci a condenação pela opinião pública, que não me permitiu defesa nem contraditório", disse Caldas a VEJA. No mês passado, o ex-juiz foi absolvido das acusações de ameaça, constrangimento ilegal e agressão. Outras onze imputações, incluindo as mais graves, como tentativa de homicídio, já haviam sido rejeitadas. O Tribunal de Justiça do DF considerou, entre outros pontos, que não existia prova dos crimes ou havia dúvida razoável sobre a veracidade das informações contidas nos áudios, mensagens e fotos apresentadas por Michella. A palavra da vítima, concluíram os desembargadores, não deveria ser tomada como absoluta, embora seja em muitos casos o principal elemento de corroboração de um tipo de crime que normalmente ocorre intramuros — e sem testemunhas.

A ex-mulher e duas babás que testemunharam contra Caldas foram indiciadas pela suspeita de apresentarem falsas acusações à Justiça. O advogado de Michella, Pedro Calmon Filho, recorreu contra as absolvições. "O marido da Maria da Penha também foi absolvido duas vezes e a mulher estava em uma cadeira de rodas", disse ele em referência à mulher que inspirou a lei que criou mecanismos de combate à violência doméstica. A VEJA Michella Marys afirmou que a absolvição do ex-companheiro é uma demonstração da vulnerabilidade feminina. "A Justiça não me protegeu, amanhã não protegerá a filha de alguma outra pessoa." Livre das acusações, Caldas diz que seu objetivo agora é tentar reconstruir a vida e a carreira e, se possível, retornar à Corte Interamericana de Direitos Humanos. O recomeço nunca é fácil. ■

REPRODUÇÃO

LITÍGIO A mansão onde morava o casal: avaliada em 50 milhões de reais

O CAPITAL VAI A

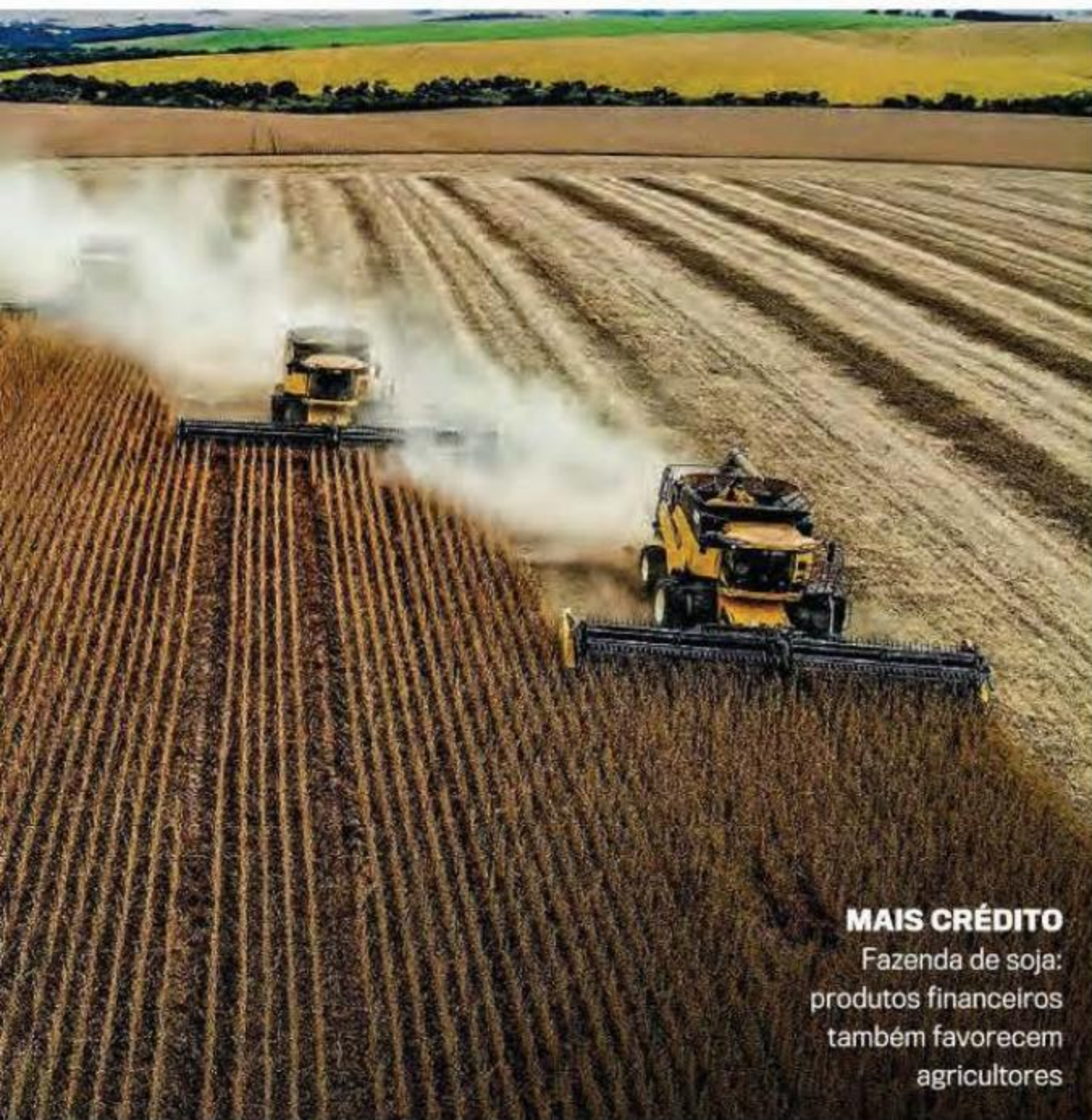
A importância do agronegócio atrai a atenção do mercado financeiro e impulsiona opções de investimentos lastreadas no setor de melhor desempenho na economia dos últimos anos

LUISA PURCHIO

A meca do mercado financeiro brasileiro, a Avenida Faria Lima, em São Paulo, nunca foi próxima do mundo rural — e não apenas geograficamente. À parte algumas grandes empresas processadoras de produtos agropecuários com ações na bolsa de valores, como JBS, Marfrig e BRF, eram poucas as opções para o investidor comum apostar o seu dinheiro no que é produzido nas fazendas. Para um país com forte vocação agrária, é uma imensa lacuna. Afinal, enquanto a produção dos outros setores caiu com a pandemia, a agricultura se expandiu. Em 2020, o PIB agrário foi de 1,98 trilhão de reais, 26,6% do total produzido pelo país. No primeiro trimestre deste ano, em relação ao mesmo período do ano anterior, o Brasil cresceu 1,2%, enquanto a agropecuária, 5,3%.

Tamanho impulso, alimentado pela alta demanda internacional por commodities e pela desvalorização do real, chamou a atenção dos investidores e levou à expansão de produtos financeiros que já existiam e também à criação de novas opções ligadas ao agronegócio. Entre os papéis já disponíveis, as Cédulas de Produto Rural (CPRs), títulos negociados na bolsa que representam um produto agropecuário que será entregue no futuro, cresceram em volume negociado de 22 bilhões de reais para 56 bilhões de reais, entre dezembro de 2020 e julho de 2021. O volume negociado de Certificados de Recebíveis do Agronegócio (CRAs), outra modalidade de investimento ofertada por securitizadoras, passou de 48,8 bilhões de reais para 57,8 bilhões de reais, entre agosto de 2020 e agosto de 2021.

Além dessas opções, um novo produto financeiro criado a partir de uma lei sancionada em março se revela altamente promissor. Trata-se dos Fundos de Investimento nas Cadeias Produtivas Agroindustriais (Fiagro), que dotou o setor agropecuário de uma regulamentação própria e introduziu estímulos tributários como incentivo à modernização a partir de ativos negociáveis em bolsa. É um mecanismo de investimento semelhante aos fundos imobiliários, que ajudaram a transformar o setor de imóveis nos últimos anos, permitindo aos investidores aplicar recursos no segmento sem precisar necessariamente comprar apartamen-

AO CAMPO

MAIS CRÉDITO Fazenda de soja: produtos financeiros também favorecem agricultores

LEO OTERO/FOLHAPRESS

CRESCIMENTO Bolsa: maior negociação de papéis ligados à agropecuária

RENATO S. CERQUEIRA/FUTURA PRESS

tos e prédios comerciais. "Além de ser uma nova opção de investimento, o Fiagro desburocratiza e democratiza o acesso ao crédito rural, pois as outras possibilidades disponíveis para os produtores traziam muitas exigências e intermediários, o que impactava no custo final do produto", explica Larissa Wachholz, que acaba de deixar o cargo de assessora especial da ministra da Agricultura, Tereza Cristina, para abrir com executivos do ramo a Flora Capital, assessoria financeira dedicada à estruturação de Fiagros.

No último semestre, sete Fiagros foram protocolados na CVM, em um volume total de 2,1 bilhões de reais, e eles chegarão ao mercado em poucas semanas. Um deles pertence à Riza Asset Management, o primeiro a ser distribuído para o investidor de varejo. Mas, já em outubro do ano passado, a gestora se antecipou à tendência com o fundo Riza Terrax, com patrimônio de 1,07 bilhão de reais e composto por catorze fazendas, que combinam 51777 hectares de área total e 35 800 hectares de área de plantio. Como não havia ainda uma regulamentação específica à época, o fundo foi enquadrado como imobiliário e investe na compra de terras para arrendá-las ao próprio produtor ou a um produtor terceiro, além de buscar terras com preços abaixo do cotado por seus modelos de avaliação. "Existia uma carência muito grande de financiamento de longo prazo. Os produtores queriam linhas de dez anos para expandir e consolidar a produção, mas os mecanismos de fomento dos bancos têm limitações", diz Daniel Lemos, CEO da Riza. Neste ano, até julho, o fundo rendeu 5,22%. Outra instituição que resolveu apostar no ramo foi o BTG Pactual, que, de fevereiro a maio deste ano, já realizou onze aquisições de estruturas de armazenamento e terminais no valor de 555 milhões de reais. Anteriormente tão distante do mundo das altas finanças, o campo finalmente ganha a atenção que lhe é devida. ■

SCANIA

TRANSIÇÃO Ônibus e caminhão movidos a eletricidade: opção mais limpa e sustentável que os modelos a diesel

MARCHA ACELERADA

Os carros elétricos ainda são poucos e caros no Brasil, mas as montadoras já preparam veículos pesados sem motor a combustão feitos no país **SÉRGIO FIGUEIREDO**

DE TEMPOS EM TEMPOS o mundo dos negócios costuma ser chacoalhado por uma mudança radical, capaz de virar do avesso setores inteiros da economia. É o que acontece exatamente neste momento na indústria automobilística. A popularidade dos carros elétricos tem promovido uma abrupta virada que promete deixar no passado a chamada era do petróleo, iniciada nos primórdios do século XX. Um reflexo dessa brutal transformação é a montadora americana Tesla, criada há dezoito anos pelo empreendedor serial Elon Musk para produzir unicamente veículos elétricos. Com capacidade de produção de meio milhão de carros por ano, a empresa valia no dia 1º, quarta-feira, 736 bilhões de dólares, dez vezes mais que a General Motors, fundada há 113 anos e que fabrica 6,8 milhões de automóveis por ano. A guinada para os motores elétricos é tão forte que algumas montadoras já preveem um processo de aposentadoria de motores a gasolina nos países ricos a partir da próxima década — a Volvo, por exemplo, deve deixar de fabricar carros a combustão a partir de 2030.

A transformação que segue a plena potência nos países ricos ainda ocorre em escala reduzida no Brasil. Entre janeiro e abril, a comercialização de carros elétricos (todos importados e com valor acima de 300 000 reais) foi de apenas 426 unidades, número que sobe para 7 290 se incluídos na conta os híbridos (alguns já produzidos localmente). Mas isso não significa que o Brasil esteja ausente do processo de transição dos combustíveis fósseis

OFERECIMENTO

UM LONGO CAMINHO

Veloz nos países ricos, a troca de veículos movidos a combustíveis fósseis por elétricos é mais lenta em nações emergentes como o Brasil

Unidades em circulação no mundo em 2020

MOTOR A COMBUSTÃO

1,4 BILHÃO

ELÉTRICOS DE PASSAGEIROS
(incluindo híbridos)

10 MILHÕES

COLETIVOS E UTILITÁRIOS ELÉTRICOS
(vans, ônibus e caminhões)

1 MILHÃO

Fontes: *International Energy Agency e WardsAuto*

BYD

LÍDER Ônibus da chinesa BYD também no Reino Unido: maior do mundo

para a energia limpa. Por aqui, algumas montadoras adotaram uma estratégia peculiar para diminuir as emissões de poluentes por meio da eletricidade e optaram por oferecer veículos como ônibus e caminhões, atualmente movidos a óleo diesel, um dos mais poluentes combustíveis derivados do petróleo. A Volkswagen anunciou recentemente que iniciará a produção dos primeiros caminhões elétricos de entrega urbana do Brasil, enquanto a também alemã Mercedes-Benz promete para 2022 a chegada dos primeiros ônibus elétricos fabricados no país (nada a ver com os velhos trólebus conectados a fios no passado e que rodam ainda hoje em alguns lugares).

Com autonomia de 200 a 250 quilômetros, o e-bus e o e-truck são o primeiro passo em direção ao que os especialistas chamam de eletromobilidade coletiva. Dadas as especificidades do país, analistas do setor reconhecem que a opção pelos veículos de grande porte é a mais conveniente. “O ônibus, por exemplo, opera em um ambiente controlado, com rotas preestabelecidas, e justifica o investimento, pois representa um ganho enorme para a sociedade na redução de poluição ambiental e sonora”, diz Daniel Schnaider, presidente da empresa especializada em gestão de frotas Pointer by PowerFleet.

A estratégia dos ônibus e caminhões elétricos procura seguir a experiência mais bem-sucedida desse segmento, ocorrida na cidade de Shenzen, na China. Capital da indústria de software e de alta tecnologia localizada nos arredores de Hong Kong, a metrópole chinesa substituiu toda a sua frota de 16 000 ônibus com motor a combustão por equivalentes elétricos. Agora, avança na requalificação da frota de táxis, optando, mais uma vez, por um modelo de transporte que atende o maior número de pessoas em detrimento do deslocamento individual. Tamanha iniciativa só foi possível graças a uma política pública agressiva voltada para a redução drástica na emissão de carbono, uma vez que os ônibus elétricos podem chegar a custar três vezes mais do que um coletivo convencional — o que significa algo próximo de 1 milhão de reais, considerando-se o valor de um modelo básico produzido pela Mercedes-Benz no Brasil. A fabricante dos ônibus de Shenzen, a BYD, é hoje a maior montadora global desse segmento. Seus veículos equipam tanto a frota da cidade de Londres, em uma versão de dois andares, como rodam em testes piloto no Brasil. Por aqui, um veículo da BYD iniciou no último dia 27 uma temporada de avaliação no Paraná, operando uma linha intermunicipal entre Curitiba e Ponta Grossa, em um percurso de 117 quilômetros. Os carros reluzentes da Tesla e seus congêneres feitos por outras montadoras podem parecer um sonho distante para os brasileiros, mas os ônibus (e, em breve, os caminhões) elétricos já são uma realidade. ■

AGORA É COM ELES

Encerrada a longa ocupação, tanto americanos quanto afegãos precisam se adaptar ao novo cenário, no qual um se encontra desgarrado do outro pela primeira vez em duas décadas

JULIA BRAUN

Faltando um minuto para a meia-noite de segunda-feira, 30 de agosto, 24 horas antes do prazo final, no tom esverdeado das lentes de visão noturna, o general Chris Donahue, comandante da 82ª Divisão Aerotransportada, subiu a rampa da aeronave militar e se tornou o último soldado americano a entrar no último avião de carga entre as dezenas que decolaram, um atrás do outro, levando cerca de 3000 tropas e esvaziando o aeroporto de Cabul, no Afeganistão — uma imagem divulgada pelo próprio Comando Central para marcar o fim definitivo de vinte desgastantes anos de ocupação, a mais longa guerra da história dos Estados Unidos. Ato contínuo, sob o brilho de todas as luzes acesas, militantes do Talibã, a força que assumiu o governo afegão, adentraram a área sorridentes, dando tiros para o alto e caminhando até a pista para observar, extasiados, os modernos helicópteros Black Hawk deixados para trás, parte dos 85 bilhões de dólares em equipamento militar que o grupo radical no poder ganhou de mão beijada.

Na nova etapa que se inicia, os Estados Unidos sem Afeganistão terão de engolir a humilhação da saída atabalhoada e o horror do atentado terrorista de última hora, que matou treze soldados americanos (além de 170 civis), e esperar, de dedos cruzados, que o fim da drenagem de vidas e recursos em prol de uma causa perdida consiga, com o tempo, apagar a péssima impressão deixada pela operação. Por sua vez, o Afeganistão sem Estados Unidos tem pela frente o desafio de um governo do qual todo mundo espera o pior, a julgar pela barbárie medieval instalada no domínio prévio do Talibã, uma economia em frangalhos com todas as reservas de moedas estrangeiras depositadas em bancos hostis e grupos terroristas à espreita para abocanhar pontos isolados que lhes sirvam de refúgio. “O terrorismo segue sendo um elemento central da política internacional e assim permanecerá por muitos anos. A ocupação americana do Afeganistão era uma ferramenta de controle que agora terá de ser substituída”, diz Will Walldorf, da Universidade Wake Forest, da Carolina do Norte.

JACK HOLT/US CENTCOM/AFP

O DESEMBARQUE DE CABUL

O general Donahue entra no último avião: o passo final da desocupação americana

MARCUS YAM/LOS ANGELES TIMES/GETTY IMAGES

ENFIM, SÓS Forças do Talibã ocupam o aeroporto e dão tiros para o alto: dominação sem obstáculos

Outro foco de preocupação em aberto são os cerca de 100 000 afegãos que não conseguiram ir embora (calcula-se que 116 000 pessoas tenham sido evacuadas) e temem punição por terem prestado serviços aos Estados Unidos e a outras potências ocidentais. Somando-se esse contingente à população que simplesmente não quer a volta dos mulás retrógrados e radicais — por mais que o Talibã insista que não é mais o mesmo —, a previsão é que a crise produza até o fim do ano mais de meio milhão de refugiados, com potencial de provocar nova onda migratória na direção da Europa — o que deixa os governos do continente de cabelo em pé. Enquanto os aliados dos Estados Unidos decidem como vão lidar com a nova situação — a maioria ainda hesita em reconhecer o novo governo afegão —, seus rivais tratam de ocupar espaços.

Antes mesmo da retirada americana, a China já recebia mulás afegãos com rapapés e ofertas de negócios — embora a fronteira entre os dois países tenha menos de 100 quilômetros, o Afeganistão é peça-chave para as ambições geopolíticas chinesas e um entreposto importante na ambiciosa Nova Rota da Seda. Da mesma forma, a Rússia, que na encarnação URSS era a inimiga número 1 do Talibã (foi para combater o invasor soviético que o grupo se formou), quer enterrar desavenças e trabalhar em conjunto para conter focos de terrorismo nos ex-satélites asiáticos. Até o xiita Irã, adversário natural dos sunitas talibãs, está fornecendo apoio financeiro e militar aos vizinhos, sob a pragmática justificativa de que o inimigo de seu inimigo é seu amigo.

Encerrada a desocupação, Joe Biden fez um discurso defendendo com unhas e dentes a ação, que qualificou de "grande sucesso". "A principal missão de um presidente não é proteger a América das ameaças de 2001, mas das ameaças de 2021 e do futuro", declarou, sem convencer ninguém — o apoio ao fim da guerra no Afeganistão (quem pode ser contra?), que era de 69% da população, desabou 20 pontos nas últimas duas semanas. "Se a atividade terrorista no país aumentar e a situação dos direitos dos afegãos piorar, o desempenho do Partido Democrata pode ser prejudicado nas eleições legislativas do ano que vem", aponta Ross Harrison, do Instituto Oriente Médio (MEI), de Washington. O futuro, como se vê, não está fácil para ninguém. ■

CADÊ A COMIDA QUE ESTAVA AQUI?

A escassez geral de produtos e de mão de obra resultante da pandemia, somada aos efeitos do Brexit, começa a esvaziar prateleiras nos supermercados britânicos **CAIO SAAD**

MATTHEW HORWOOD/GETTY IMAGES

CONHECIDA por servir seu cardápio de fast-food em áreas remotas e de difícil acesso — exemplo: a base militar americana na Baía de Guantánamo, em Cuba —, a rede McDonald's tomou uma providência inusitada nos últimos dias de agosto: em pleno Reino Unido, suspendeu a venda de milk-shake nas 1 250 lojas por falta de matéria-prima. É uma amostra, das mais dramáticas para aficionados, da escassez de produtos que tem afetado o mundo inteiro por causa da pandemia e que se abate com vigor redobrado na ilha britânica pós-Brexit. Seja pelo caos que se instalou nos transportes, seja pela mão de obra barata que acordou para sua importância e se recusa a voltar ao trabalho nas mesmas condições, seja pela pura e simples suspensão da produção durante meses, o fato é que, à medida que o planeta começa a girar como antes, serviços e indústrias esperneiam para suprir a demanda renovada. O gargalo é geral, mas se estreita mais ainda no reino divorciado da União Europeia, de onde se calcula que 1 milhão de moradores estrangeiros tenham ido embora desde a virada da página final da separação, em 31 de janeiro de 2020 — a maior queda anual da população residente desde a II Guerra Mundial.

O nó mais crucial está no setor de transportes: a força de trabalho, de 600 000 motoristas pré-pandemia, minguou e as empresas estão tendo enorme dificuldade para preencher cerca de 100 000 vagas de necessidade premente. Como o Brexit acabou com a livre circulação entre a ilha e o continente, os motoristas precisam encarar uma enorme burocracia e longas filas na fronteira, o que atrasa a chegada de mercadorias e reduz os ganhos (eles são pagos por quilometragem) — fatores que tornam o Reino Unido um mercado pouco atraente para entregas. Dentro do país, o interesse pela profissão também está caindo. Segundo a associação de transportadoras, 25 000 pessoas a menos fizeram exame de habilitação para dirigir caminhão neste ano. Preocupado com o desabastecimento e as prateleiras vazias nos supermercados, o governo flexibilizou a jornada de trabalho, elevando o limite diário de nove para onze horas ao volante duas vezes por semana. "Isso permitirá que motoristas de veículos pesados façam viagens um pouco mais longas", diz o comunicado, ressaltando que a exceção só deve ser usada quando não comprometer a segurança. Até agora, a medida não surtiu muito efeito.

A falta de mão de obra também emperra o setor de alimentação. A Associação Britânica de Produtores de Carne, com 15% de funcionários a menos, cogitou convocar presidiários para atuar no processamento, mas a proposta foi vetada. "As regras de imigração adotadas depois do Brexit fecharam abruptamente o acesso ao mercado britânico de estrangeiros com experiência e competências específicas", explica Rick Allen, executivo-chefe da associação de produtores do setor que emprega mais de 75 000 pessoas e movimenta 8,2 bilhões de libras por ano. A produção de aves e derivados passa pelos mesmos transtornos — segundo o Conselho Britânico de Avicultura, 7 000 vagas (um em cada seis empregos) ficaram vazias com a volta de trabalhadores estrangeiros para o continente.

A rede Nando's, que faz sucesso com seu péssimo frango apimentado, acaba de fechar 45 lojas por causa da falta de matéria-prima. A criação de perus se reduziu e já se antecipam

BUROCRACIA Fila de caminhões na alfândega: entregas atrasadas

EM FALTA
Sumiço das frutas frescas: o setor de alimentos não consegue preencher as vagas

GARETH FULLER/PA IMAGES/GETTY IMAGES

problemas de fornecimento para as festas de fim de ano. "O tempo passa rápido. Estamos nos aproximando do movimento intenso do Natal e Ano-Novo, quando uma cadeia confiável de suprimento é vital", alerta Richard Walker, diretor da rede de supermercados Iceland. Do outro lado da queda de braço, o governo insiste na tecla de que as empresas precisam achar meios de atrair britânicos para os postos vagos. "Contratar estrangeiros é uma solução temporária, de curto prazo", afirma o ministro do Comércio, Kwasi Kwarteng.

Os atrasos no setor de transportes resultam, no momento, em estoques 21% abaixo do nível esperado de vendas no varejo, a menor proporção desde que o índice passou a ser medido, em 1983. O comércio de materiais de construção está igualmente comprometido — o prazo de entrega passou de uns poucos dias para até três meses. Montadoras de automóveis deixam de produzir por falta de peças. "As empresas precisam se planejar para a nova situação", diz Alex Hersham, diretor-executivo da empresa de logística Zencargo. Aos consumidores, resta torcer para o abastecimento se regularizar — ou começar a mudar de hábitos. A VEJA, o McDonald's informou que não há previsão de retorno dos milk-shakes às lojas britânicas. ■

BELA HERDEIRA

Às vésperas do início do Festival de Veneza, a grife Dolce&Gabbana embarcou modelos, celebridades – Jennifer Lopez, Helen Mirren, Kourtney Kardashian – e imprensa para três dias de espetacular festança na Praça São Marcos, especialmente reservada. No sábado, exibiu sua coleção de joias no magnífico Palazzo Ducale. No domingo, ponto alto da celebração, instalou uma passarela sobre as águas para o desfile de moda feminina – com destaque para a lindinha **LENI KLUM,** 17 anos, filha da lindona Heidi Klum, modelo que virou apresentadora. O encerramento, na segunda-feira, foi apoteótico por motivos alheios ao show: em pleno desfile de moda masculina, uma torrencial chuva de granizo fez os famosos perderem a pose e sair correndo para se abrigar do vendaval.

INSTAGRAM @HEIDIKLUM

MUITO BARULHO POR NADA

Era para ser apenas a parte mais visível da exposição que os irmãos **OTÁVIO** e **GUSTAVO PANDOLFO,** 47 anos, da dupla Osgemeos, vão inaugurar no dia 17, em Curitiba. Mas, ao grafitar a fachada do Museu Oscar Niemeyer, os artistas despertaram a fúria de Paulo Niemeyer, bisneto do arquiteto. Inconformado com o

RECLAMAR É A ALMA DO NEGÓCIO

Aos 67 anos e cinquenta de carreira, o premiado dramaturgo **GERALD THOMAS** pediu a amigos, em vídeo, que "parem de dar conselhos" e comprem seus desenhos e ilustrações, para poder pagar 23 000 dólares e não ser despejado do apartamento onde mora, em Nova York.

Qual a história desse vídeo? Ele vazou. Mandei para uma única pessoa, um amigo, que disse ter divulgado para me ajudar. Na hora fiquei com raiva, mas no fim das contas foi bom. Vendi muito, a jato. Em 24 horas compraram nove trabalhos, um deles enorme, de 10 000 dólares.

Deu para pagar a dívida? Daria, mas quem vai pagar é o governo ameri-

INSTAGRAM @GERALDTHOMAS1

Q CJFASHION.COM

tendências para se inspirar

FASHION

O e-commerce do Cidade Jardim no seu celular.

JHSF

BRITTA PEDERSEN/DPA/AFP; DANIEL CASTELLANO/AFP

que considerou um desrespeito à obra do mestre das curvas – de quem seguiu os passos profissionais –, Niemeyer bisneto desancou o trabalho da dupla e agora ameaça acionar a Justiça para que o desenho seja apagado imediatamente. "Isso só vai acontecer em abril de 2022, quando acabar a exposição", decreta Juliana Vosnika, diretora-presidente do museu, que sai em defesa dos artistas. "Eles têm um trabalho brilhante e o grafite, além de temporário, foi elogiado por outras pessoas da própria família Niemeyer."

OPS, MANDEI POR ENGANO

FELIPE FITTIPALDI

Por essa os 850 000 seguidores de **NEY MATOGROSSO** no Instagram não esperavam. De repente, não mais que de repente, eis que surge na conta pessoal do cantor de 80 anos recém-completados um nude da linha da cintura para baixo, destacando uma certa parte da anatomia masculina em estado de absoluta animação. A imagem foi apagada em céleres vinte minutos, insuflando o rumor de que a conta tinha sido hackeada e a foto era de outra pessoa. Nada disso – era dele mesmo. Ney, autor declarado da selfie comprometedora, atrapalhou-se na hora de enviar o clique para um amigo. "Queria mandar por WhatsApp, mas apertei o botão errado e publiquei por engano", contou ele a VEJA. Como os prints da tela são eternos, a imagem viralizada continua a correr mundo.

cano. Eu dei entrada no Programa de Assistência Emergencial, um sistema de proteção ao inquilino. Coisa de país organizado. Imagina se no Brasil teria algo desse tipo? Jamais. Não se pode comparar o Brasil com os Estados Unidos e muito menos com a Europa, que consegue ser ainda mais organizada. Só não gosto de Portugal.

Por quê? Não tenho paciência para Portugal, para aquele mau humor deles, aquela cara sempre para baixo. São uns boçais, grossos, mal-educados. É um povo nostálgico, que fica com aquele papo de "o mar, o mar". A Espanha, por exemplo, tem Dalí, Miró.

Pensa em voltar a morar aqui? Como é chata essa pergunta. Meu amor, eu nunca morei no Brasil, só até os 14 anos, com meus pais. Sozinho, adulto, nunca tive apartamento aí. Quando vou, me hospedo em hotel e fico no máximo três meses com visto de trabalho.

Também não gosta do Brasil? Eu gosto, mas sempre detestei o governo brasileiro. Não consigo me entusiasmar com aquele bando de bigodudos que falam grosso em Brasília, naqueles ternos horríveis, aquela coisa cinza tenebrosa. O brasileiro não é apaixonado pelo Brasil, só pelos times de futebol mesmo e olhe lá. ■

Baixe agora. Disponível para Android e iOS.

+ de 600 marcas nacionais e internacionais

serviço exclusivo concierge
o que você precisar, o concierge compra e leva até você.

entrega em todo o Brasil
e em até 4 horas em São Paulo

moda | decoração | kids | gastronomia | beleza | pets

CABEÇA FEITA

Estudo mundial constata o aumento explosivo de sintomas de ansiedade e depressão entre crianças e adolescentes, resultado direto dos efeitos perversos da pandemia

GIULIA VIDALE E **SABRINA BRITO**

ISOLADA Longe dos amigos: no confinamento forçado, a vida dos pequenos ficou imprevisível e cheia de incertezas

As crianças e adolescentes vivem uma contradição nesta pandemia. Se eles são mais resistentes à ação nefasta do vírus do que os adultos, suas mentes estão entre as vítimas preferenciais do cenário atual. Um dos mais completos estudos já realizados sobre os efeitos da Covid-19 na saúde psicológica identificou o aumento explosivo de sintomas de ansiedade e depressão entre jovens, considerando desde a primeira infância até pouco antes de se tornarem maiores de idade. O levantamento coordenado pela Universidade de Calgary, do Canadá, compilou informações de 29 estudos que abordaram os desígnios mentais de 80 000 pequenos participantes de diversas partes do mundo, inclusive da América do Sul. O porcentual de jovens ansiosos saltou de 11,6% antes da pandemia para 25,2% agora — trata-se de um aumento superior a 100%. Para ficar claro: um em cada quadro jovens desenvolveu algum tipo de ansiedade enquanto o novo coronavírus se multiplicava pelo mundo. Os depressivos eram 12,9% nos tempos pré-Covid e são 20,5% atualmente.

A juventude é um período único da vida. Nessa fase, são comuns rompantes de felicidade entremeados com momentos de angústia, tudo junto e misturado em uma sinfonia de pensamentos típicos da tenra idade. Os psicólogos dizem que, nesse período mágico, os jovens precisam de rotina, ordem e equilíbrio — tudo aquilo que a pandemia aniquilou de forma repentina. A vida ficou imprevisível, cheia de incertezas. Com as restrições de circulação, o convívio social foi abruptamente interrompido. Amigos de escola, colegas de clube, parceiros de baladinhas para os adolescentes, todos eles saíram de cena, e a tela do smartphone, computador ou TV passou a ser, durante um bom tempo, o único ponto de contato com o mundo lá fora. "Estar socialmente isolado, afastado dos amigos, das rotinas escolares e das interações sociais revelou ser muito duro para os jovens", diz Sheri Madigan, uma das autoras do estudo.

Os meses de isolamento foram, de fato, terríveis. Rejane Tardelli, mãe de Maria Fernanda, de 12 anos, e João Guilherme, de 14, identificou uma mudança negativa no humor dos filhos desde o começo da pandemia. Para entender o problema, ela agendou consultas com uma psicóloga para toda a família — e, sim, a crise se devia ao isolamento imposto pelo vírus. Maria Fernanda conta que, com a suspensão da escola e das aulas de futebol, tênis e skate, a vida piorou. "Fiquei mais triste mesmo", resume a garota. Ela teve de trocar o contato com amigos e colegas por brincadeiras com o cachorro e mais tempo online, em sites como o YouTube.

A volta às aulas pode ser um antídoto contra a ansiedade e a depressão. As escolas obviamente favorecem o contato próximo entre os jovens, mas elas também estão atentas aos incômodos mentais. Segundo Claudia Santos Ferreira, psicóloga do Colégio Pensi, no Rio de Janeiro, a procura dos estudantes por conversas ou atendimentos cresceu de modo significativo desde o começo da pandemia, inclusive entre crianças com menos de 10 anos. "Entre nossos alunos, aumentaram muito as queixas daquilo que os menores chamam de tristeza e os mais velhos, de depressão", afirma Claudia. "Eles têm falado frequentemente sobre dificuldades nas relações com os colegas, da sensação de isolamento e do frequente desinteresse pelos estudos."

O fenômeno é notado em diversos colégios. Meire Nocito, diretora educacional do Visconde de Porto Seguro, de São Paulo, reforça o papel

EFEITO DA PANDEMIA

Os resultados do estudo que avaliou dados de 80 000 jovens de diversos países

No mundo, os sintomas de ansiedade entre crianças e adolescentes mais que dobraram na comparação entre o período atual e o pré-pandemia

A taxa de depressão aumentou

1,6 vez

No Brasil,

1 em cada 4 crianças

e adolescentes apresentou ansiedade ou depressão durante a crise do novo coronavírus

No mundo,

1 em cada 6 jovens

teve algum transtorno mental durante a pandemia

Fontes: *Universidade de Calgary, USP e Kaiser Family Foundation*

OZGURDONMAZ/GETTY IMAGES

PARA CUIDAR DA SAÚDE MENTAL

Como identificar o problema e ajudar crianças e adolescentes

SINAIS DE ALERTA

- Irritabilidade
- Preocupação excessiva
- Medo
- Alterações de sono ou na alimentação
- Apatia
- Tristeza
- Falta de vontade e de energia para as atividades do dia a dia e de lazer
- Queda do interesse em hobbies
- Isolamento
- Piora do desempenho escolar

O QUE FAZER

- Ser um bom exemplo: manter a calma, ficar menos tempo no celular e cuidar da própria saúde mental
- Escutar e conversar com os filhos
- Promover o contato social com amigos e familiares
- Limitar o tempo de tela das crianças e adolescentes
- Manter uma rotina
- Promover e se envolver com brincadeiras e atividades ao ar livre
- Ajudar os filhos a encontrar maneiras positivas de expressar sentimentos como medo e tristeza

Fontes: *Brae Anne McArthur (Universidade de Calgary), Guilherme Polanczyk (USP), Isabel da Silva Kahn Marin (PUC-SP), Sociedade Brasileira de Pediatria e OMS*

RUBENS CAVALLARI/FOLHAPRESS

MARKUS SCHOLZ/PA IMAGES/GETTY IMAGES

NA BALADA Velhos tempos: jovens precisam de intenso convívio social

THE DAILY ARCHIVES

PRESENTE E PASSADO Garoto na escola *(à esq.)* e vítimas da II Guerra: nas grandes crises, as crianças sempre são as primeiras a sofrer

vital do retorno às aulas presenciais. "Na escola, o jovem tem autonomia, ao contrário do ambiente doméstico, onde fica muito vinculado à família", diz. "Em tempos de pandemia, ele precisa estar em um lugar onde aprende a lidar sozinho com conflitos." Brae Anne McArthur, uma das pesquisadoras que conduziu o estudo da Universidade de Calgary, concorda com esse ponto de vista. "Sabemos que jovens se dão bem com rotinas claras", diz. "Por isso, o retorno à escola e a atividades extracurriculares é muito importante, podendo acrescentar mais pontos de apoio à saúde mental de crianças e adolescentes."

A história ensina que as grandes crises costumam ser devastadoras para as novas gerações. Durante a II Guerra, crianças da então Prússia Oriental foram separadas de suas famílias e, para escapar da morte, vagaram por florestas durante meses. Devido aos hábitos selvagens que acabaram adquirindo, receberam o apelido de crianças-lobo. Durante anos, esses ex-andarilhos, mesmo depois de reintegrados à sociedade, conviveram com os danos psicológicos provocados pela experiência traumatizante. Um famoso estudo dessa época reforçou a importância da manutenção de laços familiares. Durante os confrontos, milhares de crianças foram retiradas de Londres e outras cidades para morar em lares adotivos no interior da Inglaterra. Segundo a pesquisa, os jovens que ficaram com suas famílias, mesmo debaixo de bombardeio, eram mais "felizes" — na medida do possível, ressalte-se — do que os exilados.

O curioso é que, na pandemia do século XXI, muitos laços familiares foram revigorados graças ao confinamento forçado. Para muitas famílias, o período dentro de casa ajudou a aproximar pais e filhos. "Algumas crianças relataram que essa fase trouxe aspectos positivos e oportunidade de crescimento", diz Guilherme Polanczyk, psiquiatra de crianças e adolescentes e professor da USP. Isso certamente ocorreu em muitos lares, mas o quadro geral mostra que a pandemia provocou estragos que deverão ser duradouros. Na psicologia, um evento traumático ocorrido hoje vai reverberar apenas amanhã, em um processo que pode levar meses ou anos. Seja como for, apenas o futuro será capaz de dimensionar o real estrago provocado por um vírus que obrigou a sociedade a se reorganizar, alterando hábitos enraizados. É certo que as crianças e adolescentes sofreram, só não se sabe exatamente quanto. Mas é certo também que vão se restabelecer. ■

BEIJINHO, BEIJINHO, TCHAU, TCHAU

A pandemia aboliu o costume nacional – e de boa parte do mundo – de cumprimentar pessoas com um ou mais beijos no rosto. Há quem diga que é para sempre. Será? **DUDA GOMES** E **ERNESTO NEVES**

NA REVOLUÇÃO de costumes que a pandemia desencadeou pelo mundo, uma das transformações mais notáveis ocorreu no modo como as pessoas se cumprimentam. Tirando as mãos juntas na frente do peito, à moda indiana, e a inclinação de cabeça e torso, típica dos orientais, todos os outros gestos de saudação mais usados foram abolidos em nome da prevenção contra o novo coronavírus. À medida que a vacinação e o conhecimento das situações de contágio avançam, dá para imaginar que um rápido aperto de mão ou um abraço com rostos bem afastados têm chance de reaver seu lugar no encontro entre duas pessoas. Mas e o beijinho no rosto, aquele manancial de partículas despejadas justamente das redondezas da boca, nariz e olhos, as áreas mais críticas da contaminação? Deste, ninguém arrisca, por enquanto, a prever a volta — nem os franceses, seus maiores divulgadores. Em uma pesquisa do Instituto Francês de Opinião Pública feita com a imunização já avançada no país, 78% dos entrevistados se disseram dispostos a dispensar permanentemente *la bise*, como o gesto é conhecido, ao cumprimentar pessoas que pouco ou nada conhecem. Mais: 50% pretendem evitar beijos na bochecha até na relação com os mais próximos.

Os franceses não inventaram o beijinho como cumprimento, mas foi da França que ele se espalhou pelo mundo. Atribui-se o sucesso de *la bise* no país à calorosa cultura latina e à tendência francesa de conferir significado aos gestos — ao se beijarem, as duas pessoas se colocam em pé de igualdade e transmitem uma mensagem de sociabilidade e acolhimento.

CONTATOS IMEDIATOS

Difundido desde a Antiguidade, o beijo como cumprimento até agora resistiu ao tempo e à doença

27 a.C. - 475 d.C.

IMPÉRIO ROMANO

Chamado de ***basium,*** era usado para expressar cortesia e polidez. Chegou à França na guerra de Roma contra os gauleses e lá se popularizou de vez

1300

PESTE NEGRA

Os beijinhos sumiram temporariamente quando se percebeu que ajudavam a disseminar a **peste bubônica,** epidemia que matou um terço dos europeus

FRANÇOIS MORI/AFP

LA BISE Macron, pré-Covid, cumprimenta Merkel à moda francesa: agora, a grande maioria da população garante que não vai retomar o costume

"Há dois tipos de cultura no mundo: a que valoriza o contato físico e a que o inibe. Na França, sempre predominou o apreço pela proximidade", diz Dominique Picard, especialista em relações sociais da Université Sorbonne Paris Nord. Quer dizer, até a Covid-19 fazer seu estrago e o beijo na bochecha ganhar a pecha de vilão. Mesmo estando 65% dos franceses imunizados, o presidente Emmanuel Macron, beijoqueiro contumaz inclusive de senhoras que não foram criadas assim, como a chanceler alemã Angela Merkel e a ex-primeira-dama americana Melania Trump, se viu soterrado em críticas ao tentar reabilitar o cumprimento beijando (de máscara) dois veteranos da II Guerra Mundial, em uma cerimônia em junho. "Acho que esse gesto não volta tão cedo. Mas sou otimista e confio que vai acabar reaparecendo, afinal o toque é inerente à condição humana e fundamental para o desenvolvimento cognitivo", anima-se David Le Breton, antropólogo da Universidade de Estrasburgo.

No Brasil, onde chegar por último em um jantar de família impunha o ritual de dar a volta na mesa beijando um por um os presentes, a pandemia extinguiu esse tipo de cumprimento e a rejeição a ele segue firme e forte. Muita gente se declara, inclusive, favorável a sua interdição definitiva, a não ser em ocasiões especiais. "Ago-

1789

REVOLUÇÃO FRANCESA

Reabilitada, ***la bise*** ganhou contornos políticos ao se tornar uma saudação patriótica à igualdade e à fraternidade

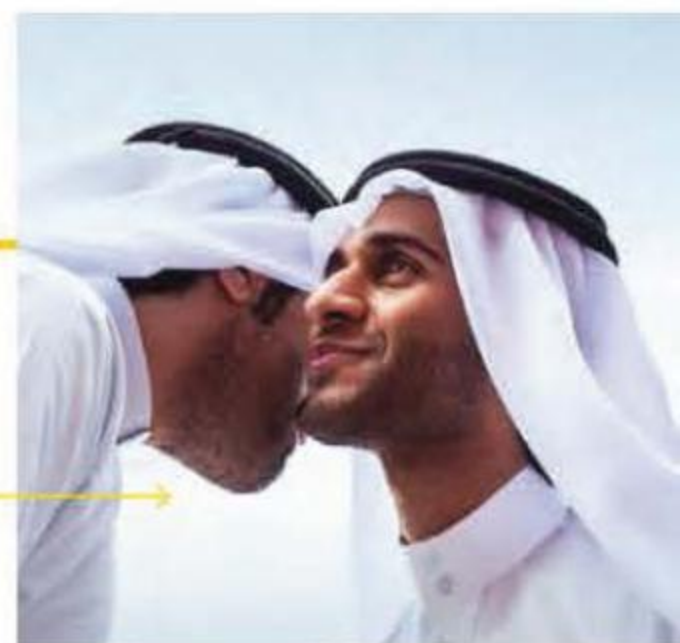
Anos 1960

ADESÃO DO BRASIL

O cumprimento com beijo chegou aqui com a corte de dom João VI, mas virou preferência nacional na era da liberação dos costumes

Século XXI

BEIJINHO SEM TER FIM

A virada do século consagrou os beijos como saudação por excelência nas culturas latinas e entre homens no **Oriente Médio,** mas seguem vistos com estranheza por britânicos, americanos e asiáticos

AFETIVIDADE Gisele Bündchen beija o marido, Tom Brady: o contato físico faz parte da cultura dos povos latinos

ra, eu beijo meus filhos e meu marido. E ponto-final", decreta a funcionária pública Cláudia Teresa Guimarães, 57 anos, do Rio de Janeiro. Na mesma linha, a estudante Ana Clara Lopes, 24 anos, de Campos dos Goytacazes, no interior fluminense, encarou o fim da obrigatoriedade de beijar quem encontrar pela frente como uma espécie de libertação. Fica apenas no soquinho com os conhecidos. "Parei para refletir e me dei conta de que se trata de um excesso de contato físico", afirma.

A ciência corrobora a tese de que a beijação indiscriminada não é saudável. O beijo permite que gotículas de saliva repousem na face da outra pessoa, facilitando a disseminação de vírus e bactérias — um gesto rápido que abre portas não só para o novo coronavírus, mas para uma série de outros agentes causadores de enfermidades como gripes, herpes, caxumba, catapora e conjuntivite. Edimilson Migowski, professor de doenças infecciosas da UFRJ e presidente do comitê científico de enfrentamento da Covid do estado do Rio, está entre os que acreditam que o beijinho na bochecha

E+/GETTY IMAGES

DISTÂNCIA Japonesas se cumprimentam: inclinação em sinal de respeito

SHUTERSTOCK

NAMASTÊ Mãos juntas na frente do peito: saudação indiana liberada na pandemia

sairá de moda por um bom tempo, talvez para sempre. Como as vacinas não são 100% eficazes, diz, a doença permanecerá ativa mesmo em países onde boa parte da população já estiver imunizada, fazendo dos protocolos anti-Covid cuidados duradouros. “Duvido que aquele beijo social volte a ser regra. Ficou deselegante expor o outro ao risco”, aposta Migowski.

Pode até ser que o beijinho suma do mapa — mas os registros da história não apontam nessa direção. A origem documentada do cumprimento usando o rosto — no caso, esfregando narizes — está na Índia: textos em sânscrito datados de 1500 a.C. sugerem essa forma primitiva de saudação. A prática se internacionalizou por volta de 326 a.C., quando o exército de Alexandre, o Grande, ocupou partes da Índia e, seguindo adiante, apresentou o esfrega-narizes a povos do Oriente Médio. O cumprimento, já transmutado em beijo, viria a ganhar espaço e prestígio como ritual afetivo no Império Romano *(veja a linha do tempo nas págs. 62 e 63).* Coube aos romanos categorizar o gesto, dando nome de *saevium* à versão amorosa, de *osculum* nos atos religiosos e de *baseum* nas manifestações de polidez e cortesia — este, o ponto de partida do beijinho-cumprimento de hoje em dia. À medida que o Império se expandia, os romanos, tal qual missionários do beijo, foram transplantando o costume para os limites de seus domínios. Na França, acredita-se que tenha chegado durante as guerras travadas com os gauleses, povo de origem celta que ocupava boa parte da região. A popularização definitiva se deu quando o beijo no rosto foi abraçado pela Igreja Católica como símbolo do cristianismo.

No período em que a peste bubônica dizimava a população da Europa, a partir de 1300, o beijo na bochecha entrou em recesso devido — então como agora — ao seu potencial de transmissão da doença. O gesto atravessou a Idade Média nas sombras, identificado pela mesma Igreja como ato pecaminoso, símbolo de sensualidade e sujeira. O trauma deixado pela peste negra durou quase 500 anos, mas enfim aconteceu: o beijinho voltou, e justamente na França. Da Revolução Francesa, em 1789, em diante, beijinhos no rosto representavam os três ideais da nascente república: fraternidade, igualdade e liberdade. O liberou geral viria com a rebelião dos jovens, nos anos 1960 — o beijinho deixou o círculo mais íntimo e familiar e ganhou o mundo. Ou melhor, parte dele — os Estados Unidos e a Europa não latina até hoje torcem o nariz. Na virada para o século XXI, as bochechas brasileiras, tal qual as de muitas outras nacionalidades, passavam o dia inteiro recebendo beijos. Isso acabou. Fica a pergunta: até quando? ■

O GATO SUBIU NO TELHADO

Cada vez mais presente em casas brasileiras de todas as classes sociais, os aparelhos ilegais da TV Box são a evolução da pirataria – um crime cercado de riscos **LUIZ FELIPE CASTRO**

ISTOCK/GETTY IMAGES

NA LINGUAGEM popular, fazer um gato — ou gambiarra — significa furtar energia elétrica com uma ligação clandestina. Surgiu daí o "gatonet", termo usado para definir o acesso ilegal a canais de TV pagos. No início, a prática se resumia à instalação de antenas paralelas e decodificadores, uma forma encontrada por parte da população para ter acesso ao conteúdo das TVs por assinatura a um preço bem mais acessível. A pirataria evoluiu na mesma medida que o hábito de parar diante de uma ou mais telas em busca de entretenimento. Na era do streaming e dos serviços sob demanda, o gato surfou as ondas da internet e chegou a bairros nobres. A nova febre são as chamadas TVs Box , que oferecem um cardápio praticamente ilimitado.

VERSÃO 2.0 Cardápio ilimitado: aparelho de BTV dá acesso a canais e filmes, com mensalidade gratuita

A TV Box, aparelho que tem esse nome por ter formato de caixa, não é ilegal por si só. Uma vez conectado na internet, o dispositivo é capaz de transformar uma TV comum em smart TV, dando acesso a canais e plataformas de streaming. Entre as opções homologadas pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) — legalizadas, portanto —, há modelos da Apple, da Xiaomi e das operadoras, mas não são esses que vêm dando dor de cabeça para as autoridades. O queridinho dos piratas é o BTV, um receptor que dá acesso a uma lista de IPTV (sistema de transmissão de sinal de TV via internet) com mais de 300 canais brasileiros e estrangeiros, alguns em 4K e HD, além de milhares de séries, filmes (incluindo os recém-lançados) e plataformas de games.

Trata-se de um espetacular furto de sinais. A mensalidade? Gratuita. Basta comprar o aparelho produzido na China, vendido na faixa de 1 200 reais, ligá-lo ao cabo HDMI, conectar a internet via wi-fi ou cabo, e preparar a pipoca. Há ainda outras opções de TV Box, com mensalidades na casa dos 30 reais, uma ninharia perto dos pacotes básicos de operadoras como Claro/Net, Sky e Vivo. A alternativa parece interessante para muita gente, mas não custa lembrar que, ao comprar esse tipo de equipamento, um cidadão está faltando com a ética e alimentando a contrafação.

A PIRATARIA EM NÚMEROS

A "Gatonet" gera prejuízos bilionários à economia brasileira

15,5 bilhões de reais
por ano é o impacto financeiro da pirataria de TV. Só de imposto, o governo deixa de arrecadar **2 bilhões de reais por ano**

33 milhões
de brasileiros consomem conteúdo de TV por assinatura por um ou mais **meios ilegais**

4,2 milhões
de contas de TV por assinatura **foram canceladas** no Brasil, por opção do cliente ou inadimplência, nos últimos cinco anos

150 000
postos de trabalho **podem ser extintos** em dez anos caso não haja um combate eficaz do problema

10 000 reais
de multa e até quatro anos de prisão pode ser a pena para quem **compra ou vende** produtos piratas

Fontes: *Ancine, ABTA e Anatel*

O cerco contra a pirataria tem aumentado. Desde o início de 2020 , o Plano de Ação de Combate à Pirataria, criado pela Anatel, apreendeu 2,7 milhões de produtos piratas, sendo 851 000 TVs Box. "Temos combatido, seja com campanhas de conscientização, seja com repressão, a falsa impressão de legalidade", diz Eduardo Carneiro, coordenador de Combate à Pirataria da Ancine. "No passado, havia a visão romântica de que a pirataria é uma espécie de Robin Hood, que tira dos ricos para dar aos pobres, mas não passa de crime organizado."

De acordo com o Código Penal, violações de direitos autorais estão sujeitas a multas e até quatro anos de reclusão, embora no Brasil sejam raríssimas as punições desse tipo. Vendedores e compradores também podem ser denunciados por contrabando, crime contra as relações de consumo e concorrência desleal. Os esforços da Anatel, em conjunto com a Receita Federal, Rede Globo, operadoras e redes sociais, concentram-se no momento em impedir a entrada e bloquear esses aparelhos.

É importante ressaltar que os riscos vão além da esfera criminal. Seja nas TVs Box, seja em sites ilegais, que respondem por 60% da pirataria no país, há registros de ataques hackers, com roubo de dados pessoais, e até explosões dos aparelhos. "Fizemos um trabalho de engenharia reversa que comprovou que, por meio dessas caixas, é possível acessar câmeras e microfones de todos os aparelhos conectados à rede", diz Wilson Wellisch, superintendente de fiscalização da Anatel. "É um fato: hackers estão roubando dados por meio da TV Box." O gatonet 2.0 pode funcionar num primeiro momento, mas uma hora ou outra ele subirá no telhado. ■

POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO

MADE IN CHINA Apreensões: mais de 800 tipos de TV Box já entraram no país

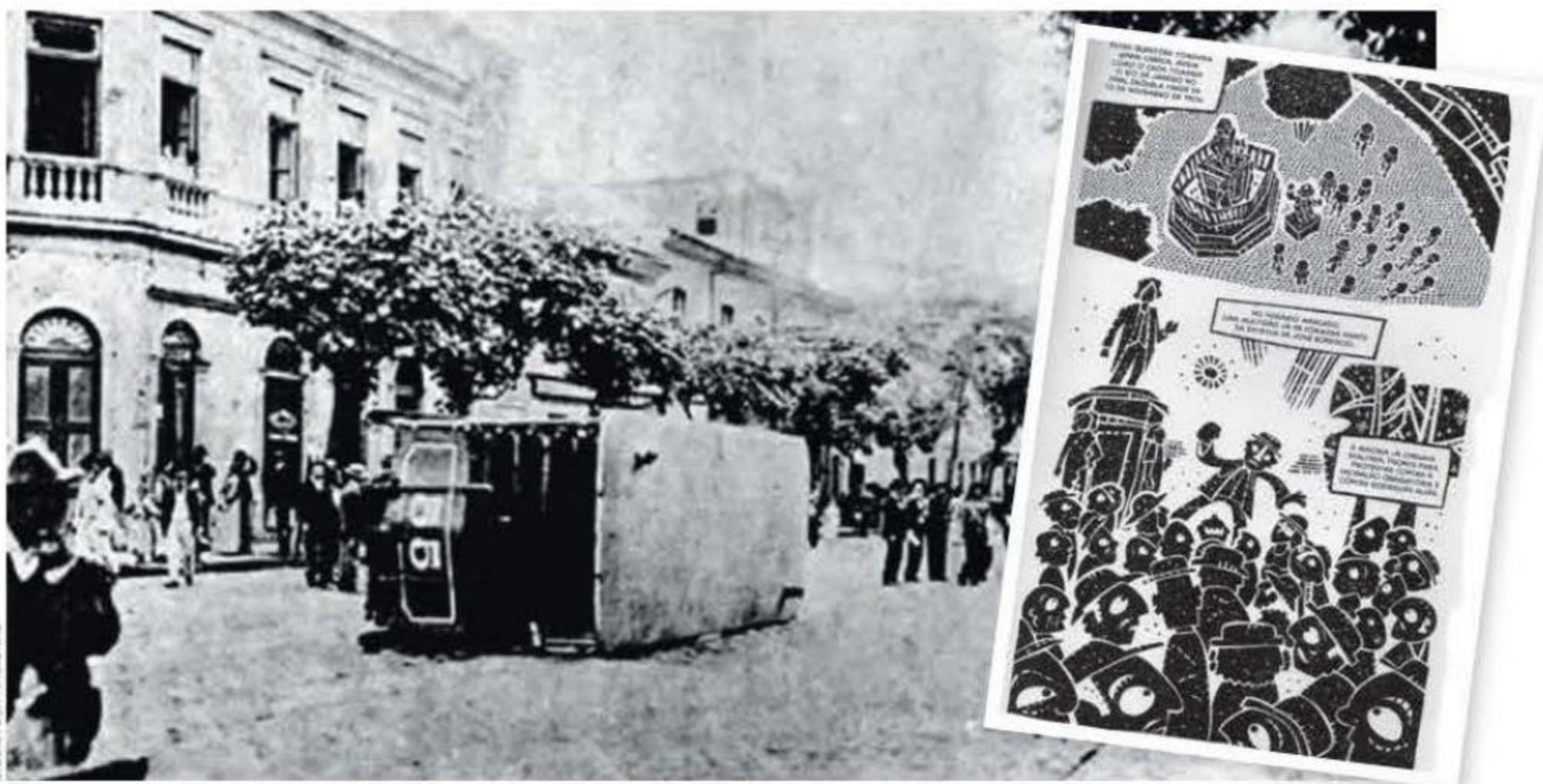
BOB HENRIQUES/MAGNUM PHOTOS/FOTOARENA

VOZ ATIVA Martin Luther King na versão real e ilustrada: olhar crítico

A HISTÓRIA EM QUADRINHOS

A nova tendência do mercado editorial é o lançamento de HQs baseadas em acontecimentos e personagens reais, resgatando os grandes fatos do passado **ALESSANDRO GIANNINI**

NA GRAPHIC NOVEL *Revolta da Vacina* (Darkside), um jovem cearense se muda de Fortaleza para o Rio de Janeiro no início do século XX para tentar a carreira como ilustrador na imprensa. Zelito, o protagonista, desembarca na então capital federal em 1904, em meio a uma crise sanitária sem precedentes, causada pela proliferação de doenças como varíola, febre amarela e peste bubônica. Enquanto vive seu drama, procurando espaço em vários jornais, o personagem testemunha a revolta da população contra o programa de vacinação obrigatória imposto pelo médico sanitarista Oswaldo Cruz. Para o autor da obra, André Diniz, a vacina teve

BIBLIOTECA NACIONAL

AULA A Revolta da Vacina, em 1904, no Rio, e sua representação em HQ: material didático nas escolas

resistência da população carioca naquele período por razões mais justificáveis do que acontece hoje em plena pandemia de Covid-19. "Faltava informação e habilidade política, além de a ideia da imunização em massa ser algo totalmente novo para aquela época", diz ele. Quadrinhos como o de Diniz, que põem a história do Brasil e do mundo em perspectiva, têm proliferado nas livrarias.

São cada vez mais comuns trabalhos que abordam fatos históricos, como *Guerra 1939-1945* (Conrad), de Julius Ckvalheiyro, sobre a participação de pracinhas brasileiros no combate ao nazismo durante a II Guerra, ou que são ambientados em determinado evento ou período, como o premiado *Angola Janga* (Veneta), de Marcelo D'Salete, que acompanha negros escravizados em fuga no ocaso do Quilombo dos Palmares, no século XVII. A diferença entre as duas vertentes é o foco. No primeiro caso, a prioridade é contar o episódio. No segundo, a trama envolvendo os personagens. A novidade é que, com o crescimento do volume de histórias em quadrinhos nacionais publicado anualmente, aumenta-se a percepção de que o filão esteja sendo muito bem explorado. "O que há é maior quantidade de produções em quadrinhos e, por consequência, maior volume de publicações com algum desses caminhos históricos", diz Paulo Ramos, professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo.

Outra linha que vem ganhando relevância entre quadrinistas é a das biografias históricas. Lançamento recente, *King* (Veneta), do americano Ho Che Anderson, passa em revista a vida e obra do prêmio Nobel da Paz e ativista pelos direitos civis Martin Luther King Jr. (1929-1968), da infância, em Atlanta, até o assassinato, em Memphis. Gestada ao longo de vinte anos, a obra foge do tom reverente e lança um olhar crítico sobre a complexa trajetória do pastor batista, mostrando um homem, ao mesmo tempo, corajoso e também molestado por angústias e dúvidas morais. Um paralelo com o Brasil é *Carolina* (Veneta), de Sirlene Barbosa (roteiro) e João Pinheiro (desenhos), que conta a história de Carolina de Jesus (1914-1977), escritora conhecida pelo livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelad*a, publicado originalmente em 1960.

Em todos os casos, os quadrinhos de temática histórica têm servido como material de apoio em sala de aula. A tendência era a de olhar obras que abordassem apenas os grandes fatos históricos. De uns anos para cá, têm sido exploradas também produções ambientadas em momentos específicos. Um diferencial é que elas dão voz a figuras negligenciadas, como índios, negros e pobres. "É uma maneira de inserir o fato na realidade do aluno", diz Ramos. Outra possibilidade, de acordo com o editor de quadrinhos Marcelo Alencar, é explicar aos estudantes que a história é capaz de ser apresentada de diversas maneiras. "Ela pode ser contada segundo interesses, ideologias e crenças diversas", diz Alencar. As HQs não são apenas divertidas, mas, acima de tudo, têm lições valiosas a oferecer. ■

TIMOTHY A. CLARY/AFP

IMERSÃO Mundo Google: o gigante das buscas na internet inaugurou sua primeira loja no bairro de Chelsea, em Nova York

DE PORTAS ABERTAS

Empresas nascidas no ambiente digital contrariam a lógica de mercado e investem em lojas físicas. O objetivo é complementar seus serviços e fortalecer a marca **LUIZ FELIPE CASTRO**

O VAREJO tradicional, aquele de porta para a rua, de grandes magazines e de shopping centers, parecia imune a crises — até que o e-commerce (lojas virtuais) e o marketplace (shoppings on-line multimarcas) vieram para sacudir estruturas consolidadas. Já não era mais necessário sair de casa para comprar e, dessa forma, consolidou-se a noção de que nenhum varejista sobreviveria se não estivesse também no digital, o que de fato aconteceu. Em todo o mundo, inclusive no Brasil, milhares de lojas fecharam as portas. Entretanto, passado o furacão que derrubou os mais fracos e tendo o grande varejo absorvido o baque, empresas nascidas no ambiente digital começaram a trilhar o caminho inverso, abrindo pontos de venda semelhantes aos que ajudaram a tombar.

A estratégia tem como base o conceito de marketing conhecido como omnichannel: a convergência de todos os canais de uma empresa, expondo e vendendo produtos em qualquer lugar. O caso mais emblemático é o do Google, que recentemente inaugurou em Nova York sua primeira loja. Emulando o espírito da empresa, ela é ecologicamente correta, com piso e mobília feitos de material reciclado, e funciona como um showroom. A imersão do cliente é feita em salas temáticas, e uma delas, inclusive, fornece assistência técnica.

Outra grande da internet a fazer uso dessa estratégia é a Amazon. O império do multibilionário Jeff Bezos já havia investido na criação de minimercados e lojas de conveniência, e agora prepara a inauguração de lojas de departamento. As primeiras unidades, com cerca de 2 800 metros quadrados, serão abertas

na Califórnia e em Ohio. Assim, a empresa americana segue o rastro de sua rival chinesa, a Alibaba, que também abriu espaços físicos na Ásia.

No caso do Google, que vende serviços digitais, o objetivo é reforçar a marca. Já a Amazon quer estar presente no comércio local, porém de forma cirúrgica. “Essas empresas não vão abrir centenas de lojas, mas focar em mercados-chave”, explica Eduardo Terra, presidente da Sociedade Brasileira de Varejo e Consumo. Segundo Terra, a Amazon se comporta como um banco que consolidou sua plataforma digital, mas quer ter agências em bairros estratégicos.

No modelo omnichannel, o consumidor pode comprar on-line e retirar nas lojas, assim como pode experimentar o produto no local e comprar depois on-line. Trocas e devoluções também podem ser feitas por esse corredor de mão dupla, que começa a ser tendência no Brasil — e não apenas entre os gigantes da tecnologia. Recentemente, o clube de assinatura de vinhos Wine inaugurou duas lojas no Rio. Cada unidade tem mais de 380 rótulos e está integrada ao aplicativo do clube. “Nossos espaços físicos são mais do que pontos de venda, são locais de relacionamento e convívio”, diz a diretora de marketing Laura Barros.

ERIC NORIYUKI YAMASHITA

ADEGA Wine: o clube de vinhos on-line abriu lojas no Leblon e na Barra da Tijuca

Outro bom exemplo é o da Amaro, loja feminina de moda e beleza. Fundada em 2012 como e-commerce, ela inaugurou lojas nas quais os clientes podem testar o produto antes da compra. “Nossa categoria demanda o toque, o contato, o ato de provar”, diz Dominique Oliver, CEO da Amaro, que vê no espaço físico uma forma de proporcionar experiências agradáveis às clientes, de forma que elas tenham contato com o produto em um ambiente aconchegante, bem iluminado e com assessoria especializada.

Mesmo em tempos pandêmicos, não há dúvida de que ainda existe um tipo de consumidor bastante impactado por aspectos sensoriais. Victor Noda, CEO da Mobly, conta que decidiu abrir megastores quando percebeu que as pessoas ligavam querendo ver presencialmente o sofá ou a cadeira que queriam comprar. “Era uma necessidade que nosso cliente já sinalizava”, diz Noda. Aparentemente, estavam certos aqueles que, com o advento da internet, disseram que o futuro do comércio não seria físico nem inteiramente digital, mas algo fincado entre os dois. ■

CAMINHO INVERSO

As empresas nascidas no ambiente digital que estão investindo em lojas físicas

No fim de junho, a multinacional de serviços on-line inaugurou sua primeira loja física, no bairro de Chelsea, em Nova York (EUA). O local é uma espécie de showroom, com salas de jogos e espaços para testes de produtos como os celulares Pixel

amazon

Depois de abrir pequenos mercados nos EUA e no Reino Unido, sem filas nem caixas e com pagamento por meio de aplicativo, agora o gigante do comércio eletrônico pretende abrir megalojas físicas de varejo, com 2 800 metros quadrados, na Califórnia e em Ohio

MOBLY

A empresa brasileira, fundada em 2011 e listada na bolsa desde fevereiro passado, é hoje líder nacional do segmento de móveis e decoração, com mais de 200 000 artigos disponíveis. Em dois anos, já abriu doze lojas físicas, entre megastores, outlets e lojas compactas

WINE

O clube brasileiro de assinatura de vinhos, com mais de 270 000 sócios, abriu recentemente mais duas lojas físicas no Rio, chegando a treze em todo o país. As outras estão em São Paulo, Campinas, Curitiba, Belo Horizonte, Fortaleza, Goiânia, Porto Alegre, Recife e Vitória

PETROEUROS FUTEBOL CLUBE

O dinheiro de mecenas das Arábias opõe as agremiações de novos ricos contra times mais tradicionais, mas empobrecidos **ALEXANDRE SENECHAL**

QUEM GOSTA de bom futebol já pode transformar o home office em arquibancada: a Champions League da temporada de 2021 e 2022, que começa em 14 de setembro, tem tudo para ser espetacular, dada a movimentação de grandes nomes, com Lionel Messi agora no PSG, Jack Grealish no Manchester City, Romelu Lukaku no Chelsea e Cristiano Ronaldo no Manchester United *(veja no quadro abaixo)*. Será também o marco definitivo de um tempo peculiar: o da força do di-

YOAN VALAT/EPA/EFE

MICHAEL REGAN/GETTY IMAGES

O CRAQUE É O DINHEIRO

Equipes sem grande tradição dão as cartas, turbinadas por investimentos estrangeiros

OS "NOVOS" RICOS...

MANCHESTER CITY
Fundação: 16/4/1894

Dono:
Mansour bin Zayed Al Nahyan, membro da família real dos Emirados Árabes Unidos, presidente de fundos de investimento e dono de grupos petrolíferos

Nova estrela:
Jack Grealish, contratado por **117,5 milhões de euros**

Nunca venceu a Liga dos Campeões

PARIS SAINT-GERMAIN
Fundação: 12/8/1970

Dono:
Nasser bin Ghanim Al-Khelaifi, CEO da Qatar Sports Investments (QSI, na sigla em inglês), fundo de investimentos ligado ao governo do Catar

Nova estrela:
Lionel Messi, contratado de graça após o final do contrato com o Barcelona

Nunca venceu a Liga dos Campeões

CHELSEA
Fundação: 10/3/1905

Dono:
Roman Abramovich, empresário do ramo de aço, mineração e dono de uma fortuna de 14,5 bilhões de dólares

Nova estrela:
Romelu Lukaku, contratado por **115 milhões de euros**

Depois que o russo adquiriu o clube, o Chelsea venceu duas vezes a Liga dos Campeões: em 2012 e na mais recente edição, em 2021

ROBBIE JAY BARRATT/AMA/GETTY IMAGES

nheiro das companhias de petróleo recontando a história do mais popular dos esportes. Circula nas redes sociais um jocoso apelido para o torneio: PetroChampions. Nada chama mais atenção, na fase inicial, do que um clássico dos tempos modernos: o PSG do empresário do Catar Nasser bin Ghanim Al-Khelaifi contra o Manchester City do xeque Mansour bin Zayed Al Nahyan, dos Emirados Árabes. Em 66 anos da competição, nenhuma das duas equipes ergueu a cobiçada taça europeia. Não têm, portanto, o "peso da camisa" de clubes tradicionais como o Barcelona e os italianos Inter de Milão e a Juventus (dez títulos somados), atropelados por desmandos financeiros e pela crise multiplicada pela pandemia.

A nova ordem tem uma cara: os clubes usam o futebol ancorado no ouro negro como plataforma para outros negócios, sobretudo atrelados às redes sociais e a empresas de comunicação. As cinco maiores ligas (Inglaterra, Alemanha, Espanha, Itália e França) movimentaram 3 bilhões de euros nesta janela de transferências de olho em voos mais longos fora de campo. "Times como o Milan, apesar de terem dinheiro chinês, ainda dependem em demasia do antigo modelo, calcado em bons resultados dentro de campo", diz Bruno Maia, da agência 14, especializada em negócios na indústria do esporte. A riqueza, é natural, produz gols e lances espetaculares, uma festa para os olhos. Mas há imenso risco embutido: o desequilíbrio, com os troféus circulando sempre pelas mesmas mãos. O torcedor não gosta disso. Há evidente prazer em ter seu time fortalecido, transformado em seleção, mas a graça do futebol é o permanente vaivém. Provocou imensa grita, portanto, no início do ano, a ideia da formação de uma Superliga na Europa, que mal nasceu e foi enterrada viva.

O campeonato da elite propunha que os quinze clubes fundadores tivessem lugar cativo — outras cinco vagas seriam disputadas. Não colou. "Criada pelos pobres, roubada pelos ricos", dizia um dos cartazes expostos por fãs do Manchester United, ao criticar a liga da nata da nata. E então foi tudo para a gaveta, até segunda ordem. Ressalte-se, contudo, que a desistência foi vitória de Pirro para quem briga contra a exagerada riqueza. O dinheiro manda. Não há nada de muito errado, nada de desonesto, é apenas a regra do jogo. Não por acaso, a Copa do Mundo de 2022 será no Catar, porque é bom negócio, tão bom que a Fifa fechou os olhos para as acusações de trabalho análogo ao de escravo na construção dos estádios. ■

PAU BARRENA/AFP

VALERIO PENNICINO/GETTY IMAGES

...E OS TRADICIONAIS "POBRES"

BARCELONA
Fundação: 29/11/1899

Situação atual:
Vive grave crise financeira, potencializada pela pandemia, e não pôde renovar o contrato de Messi porque o acordo não respeitaria as regras do fair play financeiro do Campeonato Espanhol

Principal perda:
Lionel Messi deixou o clube de graça rumo ao PSG

Venceu a Liga dos Campeões cinco vezes: 1992, 2006, 2009, 2011 e 2015

INTER DE MILÃO
Fundação: 9/3/1908

Situação atual:
Depois de conquistar o título italiano pela primeira vez em uma década, teve de vender vários jogadores por causa dos problemas financeiros do grupo chinês Suning, que comanda o clube

Principal perda:
Romelu Lukaku, vendido para o Chelsea

Venceu a Liga dos Campeões três vezes: 1964, 1965 e 2010

MARCO LUZZANI/GETTY IMAGES

JUVENTUS
Fundação: 1/11/1897

Situação atual:
Entrou em séria crise financeira por causa da pandemia e precisou negociar jogadores de salários altos para manter o caixa equilibrado

Principal perda:
Cristiano Ronaldo, vendido para o Manchester United por "módicos" **15 milhões de euros***

Venceu a Liga dos Campeões duas vezes: 1985 e 1996

*A negociação pode chegar a 23 milhões de euros se o jogador cumprir metas dentro de campo

O CUBO DO APOCALIPSE

Mais de 600 artefatos cúbicos de urânio foram tirados da Alemanha no fim da II Guerra – agora cientistas americanos querem rastrear a origem de um deles **ALESSANDRO GIANNINI**

JOHN T. CONSOLI/UNIVERSITY OF MARYLAND

MITO E REALIDADE
O cubo de Heisenberg, do programa nuclear nazista: Hitler teria a bomba atômica

NO DIA 23 de abril de 1945, tropas americanas e britânicas adentraram a pequena cidade de Haigerloch, no sul da Alemanha. Àquela altura, o regime nazista já estava prostrado e o conflito na Europa, praticamente liquidado. Mesmo assim, os soldados ainda tinham uma missão a cumprir: encontrar o laboratório onde, segundo o serviço de Inteligência aliado, físicos alemães estavam em vias de conseguir enriquecer urânio, gerando combustível para uma arma cuja fabricação mudaria o rumo da guerra. Em uma instalação secreta, os militares acharam o reator e mais de 600 cubos de urânio, com 5 centímetros de largura cada um, que seriam recolhidos e tirados da Alemanha. Ainda hoje o paradeiro dos artefatos é uma incógnita: parte pode ter sido usada na bomba atômica americana — detonada no Deserto do Novo México em 16 de julho daquele ano e sobre Hiroshima menos de um mês depois. Outro montante estaria nas mãos de colecionadores, mas pelo menos um exemplar aparentemente foi parar no Pacific Northwest National Laboratory (PNNL), localizado no estado de Washington. Agora, os cientistas desse laboratório anunciaram um novo método para identificar a origem do urânio. O objetivo, além de comprovar a procedência do histórico cubo, é aplicar o método no rastreamento de material radioativo obtido ilegalmente e coibir seu contrabando.

Engana-se quem pensa que o esforço militar contra o Reich foi exagerado e que a Alemanha capitularia com o tempo. Entre 1938 e 1939, antes mesmo de Hitler invadir a Polônia, os químicos Otto Hahn e Fritz Strassmann descobriram o caminho para a fissão nuclear, que desprende uma quantidade enorme de energia no processo. Durante a II Guerra Mundial, quando os americanos ainda nem aventavam a ideia, cientistas alemães já estudavam maneiras de enriquecer

urânio com o intento de obter a reação em cadeia que levaria à bomba atômica. Dois nomes se destacavam à época: o físico Kurt Diebner e seu colega mais famoso, Werner Heisenberg, pai da mecânica quântica e ganhador do Prêmio Nobel de Física. Heisenberg estava tão próximo de atingir seu objetivo que, até hoje, se especula se ele não teria falhado de propósito para sabotar os nazistas. Já no estertor das batalhas, a fim de se esconder do inimigo, o cientista transferiu — ou foi forçado a transferir — seu laboratório para um depósito de cerveja em Haigerloch. O reator rudimentar de Heisenberg consistia em um tanque onde o urânio, separado em cubos, era mergulhado em água pesada.

Quando as tropas aliadas chegaram a Haigerloch, localizaram o laboratório, os equipamentos e, é claro, os cubos. A ideia era explodir o depósito, mas um pároco da cidade convenceu o comandante americano a apenas inutilizar o local. No mesmo espaço está hoje instalado o Museu Atomkeller, que conta a história do programa nuclear alemão e exibe uma réplica do reator original. Acredita-se que, além dos cubos encontrados no laboratório de Heisenberg, outros 600 teriam sido manufaturados para Diebner. Se não forem enriquecidos, eles são apenas matéria bruta inerte — apesar de toda a lenda que os cerca. Os cientistas do PNNL ainda não podem cravar que o cubo com o qual trabalham é um dos que foram usados nas experiências de Heisenberg ou Diebner. Antes de tudo, eles precisam rastrear a origem para depois compará-lo a outros artefatos feitos na II Guerra. Só assim poderão ter certeza de quais foram utilizados no programa nazista e saber, entre outras coisas, por que o genial Heisenberg teria fracassado.

Para provar a tese, Jon Schwantes e Brittany Robertson, cientistas americanos que lideram o estudo, vão usar um método de datação que estima a idade de um objeto avaliando os produtos de decomposição encontrados nele. O cubo que está sendo estudado foi enviado ao PNNL pelo Departamento de Energia dos Estados Unidos em meados dos anos 1990, mas sem informações sobre sua fonte. Os primeiros testes, realizados recentemente, evidenciam que o objeto é do mesmo período do programa nuclear nazista. Como parte de sua pesquisa, Brittany está tentando cotejar traços de elementos encontrados nas análises com amostras de minas de urânio. Caso combinem, será possível determinar de onde os nazistas extraíram o elemento. Minas na antiga Checoslováquia e no Congo eram ambas acessíveis aos nazistas naquele período.

É de fato aterrador pensar qual seria o desfecho do maior conflito mundial da história caso os nazistas tivessem herdado o trabalho de mentes tão brilhantes. Com os foguetes V2 para transportar a bomba, o mundo viveria outra realidade, talvez similar à distopia apresentada em *O Homem do Castelo Alto,* romance do premiado Philip K. Dick, escrito em 1962 e transformado em série de TV em 2015. É factível considerar que Heisenberg tenha falhado não por altruísmo, mas devido a um erro de cálculo, o qual, por sua vez, poderia ter sido corrigido por algum outro gênio alemão, como, por exemplo, Albert Einstein. Mas Einstein, o maior físico de todos os tempos, de origem judaica, emigrou da Alemanha após a ascensão de Hitler, em 1933 — a decisão mais sábia que tomou na vida. ■

ANDREA STARR/PNNL

PESQUISA A cientista Brittany Robertson e seu prêmio: a origem do urânio

PROFIMEDIA.COM

GÊNIO INDECISO Heisenberg: o físico pode ter se autossabotado

JENNIFER SINCO KELLEHER/AP/IMAGEPLUS

RECRUTADO NA PANDEMIA O robô Spot a serviço da polícia de Honolulu, no Havaí: uso contestado de verba pública

O NOVO MELHOR AMIGO

Cães cibernéticos já são usados em ambientes de alto risco na indústria petroquímica e de mineração, mas sua aquisição por forças policiais gera polêmica **SÉRGIO FIGUEIREDO**

A PASSEATA no centro de Dallas, no estado americano do Texas, transcorria de forma pacífica, apesar do motivo do protesto: a morte de dois negros por policiais brancos na Louisiana e em Minnesota. A paz acabou quando Micah Johnson — um jovem negro de 25 anos munido de fuzil — disparou contra a polícia, ferindo sete guardas e matando outros cinco. Depois de uma infrutífera negociação, Johnson, acantonado em uma garagem próxima, recebeu a visita de um robô de controle remoto que explodiu ali mesmo, tirando sua vida. Essa ação sem precedente, ocorrida em julho de 2016, atiçou a imaginação das pessoas. Afinal, se a polícia podia fazer aquilo com uma máquina comum, até onde ela iria com um robô inteligente? Um ano e meio depois do caso Dallas, a série *Black Mirror* projetou, em um de seus episódios, a imagem de um cão-robô perseguindo sua vítima — cena perturbadora, porém restrita ao terreno da ficção, pelo menos segundo as empresas que estão fabricando o novo melhor amigo do homem.

A robótica, é bom lembrar, já faz parte do cotidiano, seja em fábricas automatizadas, seja dentro de casa. Algoritmos são chamados de robôs e estão espalhados pela internet. Nada disso, porém, é tão interessante quanto as máquinas da Boston Dynamics, empresa americana fundada em 1992 e hoje controlada pela sul-coreana Hyundai, que tem milhões de visualizações toda vez que posta vídeos de seu robô humanoide Atlas dançando ou vencendo obstáculos. Do laboratório da Boston, já saiu uma dezena de

ANYBOTICS AG

BOSTON DYNAMICS

XIAOMI

ELES, OS ROBÔS
O ANYmal, da ANYbotics *(acima)*, é capaz de subir e descer escadas com desenvoltura; o BigDog, protótipo de carga da Boston Dynamics *(ao lado)*, que não chegou a ser comercializado; e o CyberDog, da Xiaomi *(abaixo)*: aparência ameaçadora

modelos, incluindo o BigDog, um quadrúpede de carga que nunca chegou a ser comercializado. O sucesso do momento, vendido por 74 500 dólares — preço que pode dobrar com os opcionais —, é Spot, um cão-robô com mais de 500 unidades em operação, prestando serviço para empresas de atividades insalubres e para a polícia — não sem causar polêmica, é verdade.

Recentemente, o departamento de polícia de Honolulu, no Havaí, adquiriu uma unidade completa por 150 000 dólares, utilizando recursos do fundo de combate à Covid-19. Desde então, Spot vem sendo usado para monitorar assentamentos de desabrigados que contraíram o coronavírus. Ele é capaz de conferir a temperatura da pessoa escaneando os olhos a 2 metros de distância. Leva água e comida para os sem-teto e se torna um elo de comunicação com eles. A polícia se mostra satisfeita com o resultado, mas não os munícipes, incomodados com o investimento feito em um robô com verba que poderia ser doada à população empobrecida pela crise. Em Nova York, Spot — rebatizado de DigiDog pela polícia local — foi usado em operações em conjuntos habitacionais, provocando a revolta de comunidades que ainda se lembram do caso Dallas. Segundo a União Americana pelas Liberdades Civis, é questão de tempo até que as forças de segurança sejam tentadas a armar os cães. Sob pressão, a polícia de Nova York achou por bem devolver o equipamento.

A Boston não está sozinha no mercado. A empresa suíça ANYbotics já vendeu vinte unidades de seu cão cibernético, batizado de ANYmal, e espera comercializar dez vezes mais nos próximos três anos. Ela tem clientes de peso como a petrolífera Petronas e a mineradora brasileira Vale, para as quais vende unidades customizadas por 165 000 dólares. VEJA conversou com Cheila Marques, gerente da ANYbotics, que esclareceu que o cão-robô é ideal para ambientes de alto risco, como plataformas de petróleo e indústrias químicas: "Ele sobe e desce escadas, agacha-se, tem sensores e pode inspecionar lugares de difícil acesso". Perguntada sobre o uso militar do ANYmal, Cheila diz que essa modalidade contraria o estatuto da companhia.

Não se sabe se a chinesa Xiaomi terá a mesma postura antibelicista com o CyberDog, anunciado há poucos dias. Ainda na fase de protótipo, ele tem um aspecto futurista e até mesmo ameaçador. Ainda não está claro onde será empregado, mas, segundo a empresa, serão produzidas inicialmente 1 000 unidades destinadas a "entusiastas da robótica". O fato é que as três marcas ainda estão no estágio preliminar da inteligência artificial, no qual dispositivos dependem da intervenção humana. Isso deverá mudar nas próximas décadas, quando serão lançados robôs totalmente autônomos. Até lá, é bom que os parâmetros morais de uso tenham sido configurados — de preferência, universalmente. ■

BYE, BYE, PIZZA!

A polêmica dieta cetogênica, que induz à queima de gordura pelo corte radical de carboidratos, volta a ganhar força e atrai de famosos a anônimos que desejam perder peso **SIMONE BLANES**

HÁ DIETAS que não sobrevivem a uma temporada na moda. Foi assim com a da lua, cujo princípio era beber somente líquidos durante 24 horas quando o satélite natural da Terra muda de fase, e com várias outras que propunham semelhantes despautérios. Não é o que acontece com a dieta cetogênica, baseada na severa restrição de consumo de carboidratos e no aumento expressivo de ingestão de proteínas e gorduras. Há pelo menos cinco anos, o regime passa ao largo do sobe e desce entre as preferências e, desde o ano passado, permanece na primeira posição da lista das top diets, segundo levantamento da Pollock Communications, agência americana de relações públicas especializada no atendimento a empresas do setor de alimentos. E a previsão, de acordo com a pesquisa realizada com nutricionistas e nutrólogos dos Estados Unidos, é a de que a keto diet reinará absoluta por muitos anos.

O segredo de tamanho sucesso em um universo tão competitivo quanto o das dietas está na rápida perda de peso promovida pela cetogênica. Adele, a cantora inglesa, perdeu 45 quilos em seis meses. Kourtney Kardashian, uma das integrantes da família que hipnotiza seguidores nas redes sociais, mantém seus 45 quilos com a dieta. A modelo Sasha Meneghel, a filha de Xuxa, eliminou 8 quilos. Ao mesmo tempo, o que para os adeptos é uma vitória a ser comemorada — sem pizza, claro — representa na opinião de boa parte dos médicos algo que pode não ser tão bom assim para a saúde. A pitada de controvérsia dá o toque final à receita de popularidade.

CLAUDIA TOTIR/GETTY IMAGES

CARDÁPIO Sugestão de almoço: muita proteína de carne bovina e vegetais

A cetogênica surgiu no início do século XX como opção para o tratamento da epilepsia, doença neurológica que leva a movimentos descontrolados e crises convulsivas. A proposta mais conhecida é a do médico americano Russell Wilder, que jogou luz ao termo cetogênico quando desenvolveu esse regime que promove condições metabólicas semelhantes às induzidas pelo jejum prolongado. Nessa condição, sem a energia proveniente da glicose fornecida pelos carboidratos, o corpo utiliza o combus-

CADÊ O PÃOZINHO?

No cardápio da cetogênica, quase não entra carboidrato

O CAFÉ DA MANHÃ PODE SER:

ovos cremosos com espinafre e tomate

PROPORÇÕES DE CONSUMO/DIA E ALIMENTOS SUGERIDOS

70% a 90% de gorduras

Óleos vegetais como óleo de coco, azeite de oliva, castanhas, amêndoas e nozes, queijos e manteiga

20% ou o restante de proteínas

Ovo, carnes bovina e suína, frango, peixes e frutos do mar

TOTAL DE CALORIAS POR DIA

1000 a 1400

IMPORTANTE SABER QUE...

...ninguém deve aderir a qualquer dieta alimentar sem a orientação de um médico

RECEITAS Gianecchini e a chef Dani: o preparo criativo dos pratos é fundamental

TZ ASSESSORIA/COLLAB PRODUÇÕES

tível dos corpos cetônicos, produtos fabricados a partir da transformação da gordura em glicose. A gordura, até então armazenada, vai sendo queimada. Ao determinar a restrição aos *carbs*, a dieta de sucesso desencadeia mecanismo semelhante. A orientação é ingerir diariamente até 10% do nutriente, cinco vezes a menos do sugerido para uma alimentação balanceada. Como nossa reserva de glicose dura no máximo 36 horas, após esse período o organismo entra em cetose e obtém seu combustível da gordura guardada ou ingerida.

No cardápio da keto, há muita proteína e gorduras saudáveis, como as encontradas em óleos vegetais. O que não pode são doces, pães, alimentos processados. Analisada por esse aspecto, a dieta é saudável. "Os açúcares promovem processos inflamatórios. A dieta elimina esse risco", diz o médico nutrólogo Pablo Llompart, que indica o regime. Por outro lado, várias pesquisas sugerem que a ausência de carboidratos e o excesso de gordura causam problemas cardiovasculares e hepáticos. "A cetogênica pode ter consequências prejudiciais a longo prazo", afirma a cardiologista Sara Seidelmann, do Hospital Brigham and Women's, em Boston, e autora de um estudo sobre os padrões alimentares de mais de 400 000 pessoas no mundo.

Há ao menos um consenso: a perda rápida de peso serve como estímulo para a adesão a um estilo saudável de vida. O difícil é segui-la por muito tempo. Além de cansaço e alterações de humor nos primeiros dias, o cardápio pode enjoar. "É preciso aprender a deixar a comida do dia a dia saborosa. Assim, fica mais fácil fazer a dieta sem entrar em desespero no terceiro dia", aconselha a chef Dani Faria Lima, que cuida do cardápio do ator Reynaldo Gianecchini, novo adepto da cetogênica. Mais duas orientações: ser acompanhado por um médico e resistir ao cheirinho de pão quentinho no café da manhã. Difícil. ■

NÃO ACHEI QUE FOSSE SAIR

Depois de ser internado com Covid-19, Jorge Aragão fala da música que compôs na cama do hospital

TUDO COMEÇOU em 3 de outubro de 2020, em um show que fiz em Natal. Foi uma apresentação linda, com número limitado de pessoas e a casa seguindo os protocolos de distanciamento social impostos pela pandemia. Mas, no camarim, um dos músicos me disse que estava sentindo perda de olfato e paladar. Não cheguei a ficar muito perto dele, que logo depois testou positivo para a Covid-19. Após alguns dias, comecei a sentir a garganta arranhando e fiquei com uma tosse fraca. Fui medir a temperatura, estava com um pouco de febre. Corri para o hospital da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, de onde já saí tantas vezes são e salvo. Só que, nas outras vezes, entrei lá como cardiopata.

Agora era diferente. O medo que senti não se aproximava de nenhuma outra situação que tinha vivido. Desconfiaram de Covid-19. Fiz o teste e foi confirmado. Fiquei internado durante quinze dias. Foi sofrido. Você fica muito debilitado. A respiração falha. Só o esforço de passar de uma maca para a outra causa um cansaço extremo, como se tivesse disputado uma corrida de longa distância. Tenho muitas comorbidades, o que torna tudo mais complicado: minha idade é de risco, sou gordo, tenho problemas cardíacos e uma situação próxima de diabetes. Não há quem não pense o pior! Tive medo de morrer. Qualquer um tem. Você começa a se preocupar ao sentir falta de ar e perceber que pode ser o final. Sinceramente não achei que fosse sair. De 2002 até agora, passei por muitos procedimentos no coração. Mas, mesmo sabendo que, em todas essas vezes, estavam entrando no meu coração para que eu pudesse ser salvo, nada se compara ao susto que tomei com a internação por causa do vírus. Com o coração, os médicos estão lidando com algo que conhecem. Sobre o novo coronavírus, a medicina está aprendendo agora, durante o processo. Mas, quando a ciência lhe dá a mão, tem de ir.

No hospital, a música sempre esteve comigo. Várias vezes me pegava cantarolando enquanto lutava para sobreviver de uma doença que você enfrenta solitariamente. É assustador você achar que pode partir sem se despedir das pessoas que ama. Foi essa solidão que me fez escrever, na cama do hospital, a música *2020 d.C.* Ela fala sobre a minha história. Um dos trechos diz: "Eu sobrevivi ao ano enfeitiçado, / quase pondo à prova a minha fé em Deus. / Mas nada nem ninguém nos capacita tanto do que essa mesma fé viral, / nesse mesmo Deus. / O que eu aprendi jamais se perderá e é tudo que desejo dar aos filhos meus". Agora, quase um ano depois, voltei aos palcos e abro meu show *Novos Tempos* com essa canção. Venci a Covid-19, por Deus! Hoje, só penso em valorizar o trabalho dos profissionais de saúde que salvam vidas.

Quando voltei para casa, abri novamente a porta para a vida. Eu me sinto um sobrevivente, feliz e realizado. Meu maior desejo é ser longevo, com saúde plena. Estou falando e respirando naturalmente, reabilitado. E assumi a responsabilidade de me cuidar mais, por mim e por todos os que amo. Meus hábitos mudaram. A alimentação, a hora de dormir, até mesmo a maneira de fazer música. Sempre fui da madrugada, mas tudo se transformou. Tenho certeza de que não foi só o Jorge que mudou. É o povo todo que está mais consciente porque viu que, independentemente de classe, de cor, credo, todos estão na linha de perigo. O vírus que está por aí não tem cheiro, cor, e você pode pegá-lo de alguém da sua família. Vejo que tudo isso causou mudanças na humanidade, no comportamento, nos cuidados de higiene. Principalmente, vejo a consciência de que é preciso cuidar do próximo. É muito difícil entender o que está acontecendo, mas tudo isso me fortalece. ■

Depoimento dado a Simone Blanes

ESCRITO NAS ESTRELAS

Em sua primeira obra de não ficção, o pop star da literatura juvenil John Green revela os dilemas de uma pessoa com TOC na pandemia e expõe belas razões para não perder a fé na humanidade

RAQUEL CARNEIRO

A proximidade do fim do mundo, ou melhor, da extinção da espécie humana, é um medo que persegue John Green desde a infância. Aos 10 anos, em visita a um planetário na Flórida, ele ouviu pela primeira vez que, daqui a bilhões de anos, o Sol se tornará uma estrela gigante vermelha que sugará a Terra. A imagem do planeta derretendo não o abandonou desde então. O pavor se somaria a outro: diagnosticado com transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), Green padece de um temor irrefreável de doenças contagiosas. A palavra pandemia já era parte de seu vocabulário bem antes de 2020 tornar seu receio realidade. Engana-se, porém, quem achou que um escritor assim teria seu confortável bunker equipado para o Apocalipse. Enquanto as prateleiras dos supermercados americanos ficavam vazias — com papéis higiênicos esgotados —, às vésperas do *lockdown*, Green estocava latas de seu refrigerante favorito. "Apesar de me preocupar com pandemias a vida toda, não sabia como me preparar para uma", disse, aos risos, em entrevista via Skype a VEJA *(leia abaixo)*.

Autor de romances adolescentes que agregam prestígio a popularidade, caso do comovente *A Culpa É das Estrelas* (2012), que sozinho corresponde à metade dos 50 milhões de livros vendidos por Green no mundo, o americano de 44 anos revelou sofrer do transtorno no lançamento de *Tartarugas Até Lá Embaixo*, romance de 2017 protagonizado por uma adolescente com TOC. Nasceu daí uma especulação equivocada: o livro foi lido como uma autobiografia disfarçada.

Para desfazer a confusão — e também organizar em sua mente o período caótico da pandemia —, Green escreveu ***Antropoceno: Notas sobre a Vida na Terra***, seu primeiro livro de não ficção, que acaba de chegar ao Brasil. Inspirado no podcast *The Anthropocene Reviewed*, também produzido pelo autor, o livro contém 45 ensaios em

"EXISTE HUMOR EM MEIO AO CAOS"

John Green falou a VEJA sobre o novo livro, saúde mental na pandemia e sua esperança nos jovens de hoje.

***Antropoceno* é quase uma autobiografia. Era essa a intenção?** Em parte, sim. Sou reservado, logo é comum que me associem aos meus protagonistas. Mas não sou meus personagens. Apareço na escrita por meio dos sentimentos, desde o modo de lidar com a paixão até a dor da perda.

Quão difícil foi se abrir sobre sua saúde mental? Ainda há muito estigma, mas sou a prova de que uma pessoa com um sério transtorno mental pode ter uma vida boa, produtiva e saudável se ti-

INSTAGRAM @JOHNGREENWRITESBOOKS

GILBERTO TADDAY

AUTOR DO BEM Green: o americano virou celebridade dos livros e da internet

ANTROPOCENO: NOTAS SOBRE A VIDA NA TERRA, de John Green (tradução de Alexandre Raposo e Ulisses Teixeira; Intrínseca; 384 páginas; 49,90 reais e 34,90 reais em e-book)

que Green fala de assuntos relacionados à atual era geológica — ou seja, o período em que o ser humano vem dominando o planeta. Entre análises e pílulas sobre sua vida pessoal, o autor se dedica a resgatar a esperança perdida na humanidade. "A vida pode ser injusta. Nossos governantes podem ser cruéis e indiferentes. Mas a beleza do mundo também é real. Vale a pena lutar por ele", diz.

À primeira vista, os temas dos ensaios parecem triviais: vão de ursinhos de pelúcia a cachorros-quentes. Nas mãos de Green, porém, o frugal dá mote a divagações espertas, com sua característica mistura de humor com melancolia. Irônico, ele usa a praxe de classificar tudo com uma a cinco estrelas como régua — uma al-

ver acesso a um bom tratamento médico.

Como é ter TOC em uma pandemia? Eu já estava preocupado quando os primeiros casos de Covid-19 surgiram na China. Comprei sessenta latas de Diet Dr Pepper, meu refrigerante favorito, para o *lockdown (risos)*. Apesar de me preocupar com pandemias a vida toda, eu claramente não sabia como me preparar para uma real. A questão é dentro da minha cabeça. Os pensamentos que não controlo.

DOBRADINHA Hank e John Green: os irmãos fazem sucesso no YouTube

Como assim? Eu convivo desde sempre com um medo irracional de doenças infecciosas. Com essa pandemia, tive noção de quão vulnerável e frágil eu sou, assim como são frágeis o sistema de saúde americano e nosso senso de comunidade.

Essa falta de senso social estaria relacionada ao movimento antivacina? Pois é. Não entendo essas pessoas. Meu irmão, Hank, é mais paciente para conversar com elas. Tenho até me afastado das redes sociais. Eu me sinto exausto. As pessoas não querem dialogar.

Mas você é uma celebridade na internet. Eu era um entusiasta da internet. Ela me permitiu a conexão com o mundo inteiro. Mas fui ingênuo em não prever o ambiente perverso que ela se tornaria.

TWENTIETH CENTURY FOX

PARA CHORAR Filme *A Culpa É das Estrelas*: o amor entre jovens com câncer

PARAMOUNT PICTURES

OUSADO Série *Quem É Você, Alasca?*: polêmica na literatura e sucesso na TV

finetada na obsessão moderna de reduzir as experiências da vida a itens que cabem em rankings. Procurar estranhos no Google, por exemplo, ganha 4,5 estrelas. Ele conta, em seguida, como, após décadas, descobriu na internet o destino da última família que assessorou quando atuava como capelão de um hospital infantil. A experiência difícil fez com que desistisse do seminário anglicano e do desejo de ser bispo — e instigou-o a ter interesse em escrever para adolescentes.

O sucesso não demorou. Em 2005, ele conquistou o público com *Quem É Você, Alasca?* Dez anos depois, o romance sobre jovens em um internato entrou na mira de pais conservadores e foi banido de escolas pelo "conteúdo sexual". A celeuma teve efeito reverso: a obra ganhou adaptação para a TV, lançada no Brasil pela HBO Max. Mas foi *A Culpa É das Estrelas*, romance entre dois jovens com câncer, que converteu Green em pop star da literatura teen e da internet. Além dos 11 milhões de seguidores nas redes, ele e seu irmão, Hank, bateram 2 bilhões de visualizações em seus canais conjuntos no YouTube. Hoje, Green vive com a mulher, curadora de arte, e um casal de filhos de 11 e 8 anos. A caçula, aliás, foi a única na família a ter Covid, na volta às aulas. Ela se curou — e papai vai sobrevivendo à pandemia. ■

O livro fala sobre a necessidade que todos têm de emitir opiniões. É um problema vindo das redes? Sim, minha meta é justamente ter menos opiniões. Nós nos sentimos obrigados a palpitar sobre tudo. Sento num banco e penso: quantas estrelas esse banco merece? As experiências mudam se você as vive pensando em como vai avaliá-las.

Pretende voltar a escrever romances para jovens? Quero escrever outro romance. Para adolescentes? Não sei. Estou ficando velho. Mas é gratificante ter um lugar à mesa de alguém que está formando seus valores. Tenho esperança nos jovens.

Apesar do momento caótico, seu livro tem muito humor. Como acertar o ponto? Fui capelão em um hospital infantil, o lugar mais triste do mundo. Aprendi que existe humor em meio ao caos. A vida é assim. Ela é engraçada e melancólica, é linda e assustadora. Precisamos conviver com tudo isso.

Missão difícil para tempos de crise, não? Depende de onde você coloca sua atenção. Aprendi a valorizar pequenas coisas. Precisamos lembrar quanto a humanidade é incrível. Como fizemos músicas lindas, obras de arte, como é amar alguém. Somos a coisa mais interessante que este planeta já abrigou.

PERIGOSA
A atriz catalã: choro compulsivo ao fazer cenas finais da série bem-sucedida

O PRÓXIMO ASSALTO

Com o fim do hit espanhol *La Casa de Papel*, que estreia sua última temporada na Netflix, a atriz Úrsula Corberó despede-se da adorável bandida Tokio e mira o sucesso em Hollywood

NAS ÚLTIMAS gravações de *La Casa de Papel*, a atriz Úrsula Corberó deu um show peculiar. Chorava tão compulsivamente no set que atrapalhou as cenas dos colegas e, mesmo diante da câmera, soluçava feito criança. "Eu não conseguia parar. Meu estômago até doía", contou a VEJA. O pranto tinha motivo: com a primeira parte disponível na Netflix a partir desta sexta-feira, 3, a quinta temporada será o ponto-final do rocambolesco drama criminal espanhol. Úrsula vai aposentar o macacão vermelho e a indefectível máscara do pintor Salvador Dalí. Mas suas lágrimas foram de gratidão: nada será como antes para a atriz após viver a rebelde assaltante Tokio.

A personagem foi um ponto de virada na carreira da catalã de 32 anos e fez dela um exemplo vivo da força da Netflix para projetar estrelas globalizadas. Desde a compra dos direitos de exibição pela plataforma, em 2017, *La Casa de Papel* se tornou sua série de língua não inglesa mais vista — e passou de empreitada fracassada de uma emissora local a hit mundial de orçamento triplicado, abrindo caminho para que outras produções internacionais conquistassem espaço no catálogo. A trama é uma paella dura de engolir, mas seu sucesso se explica pelo charme visual e pelo carisma do elenco — no qual Tokio figura como adereço mais vistoso. Graças à sua popularidade, a atriz soma mais de 21 milhões de seguidores nas redes sociais e chegou até a protagonizar um clipe da cantora Dua Lipa. Agora, faz sua estreia no cinemão de Hollywood na pele da carismática vilã Baronesa de *G.I. Joe Origens: Snake Eyes*, terceiro filme da franquia.

Com coleira sensual e óculos de estilo gatinho, a Baronesa coroa uma sucessão de tipos femininos periclitantes. Em seu primeiro sucesso, na série *Física o Química* (2008-2011), Úrsula vivia uma adolescente bulímica. No hit da Netflix, Tokio é tão imprudente que traz mais problemas que soluções aos bandidos. Já a oficial de Inteligência Baronesa sente prazer em ser cruel. "Gosto de viver mulheres que cometem erros", diz Úrsula, que teve de aprender inglês a toque de caixa para fazer o filme da Marvel. Esforço ao qual ela jura ter se devotado com muita autocobrança: desde os 6 anos, afinal, almeja viver o "sonho americano". Armas para tomar Hollywood de assalto é que não lhe faltam. ■

Tamara Nassif

FOTOS MARIO PEREZ/HBO

PARAÍSO INFERNAL O ótimo Bartlett *(à esq.)*, como o gerente, e os hóspedes: o lugar é lindo, mas as pessoas...

A ILHA DA HIPOCRISIA

Com *The White Lotus*, sobre as tortuosas relações dos hóspedes de um resort no Havaí, a HBO mostra que, quando o material é bom, público e crítica cuidam da promoção **ISABELA BOSCOV**

DE UMA HORA para a outra, só se fala em ***The White Lotus*** (Estados Unidos, 2021), a série em seis episódios disponível na HBO Max sobre as relações tortuosas e torturantes dos hóspedes de um resort no Havaí com os funcionários que os recepcionam, e entre eles mesmos. Assim, a seco, não parece ser o tipo de coisa capaz de incendiar o Twitter. Tampouco é fácil categorizar essa criação brilhante do diretor e roteirista Mike White; a rubrica "comédia" soa insuficiente, ou até enganosa, quando há tanta sátira, desespero e drama saturando as múltiplas tramas. Aliás, White fragmenta tanto seu foco que também não faz sentido eleger nomes principais entre o elenco excelente formado por Connie Britton, Steve Zahn, Murray Bartlett, Alexandra Daddario, Jake Lacy, Sydney Sweeney e Molly Shannon, entre outros — ainda que Jennifer Coolidge, ícone do imaginário adolescente como a mãe voluptuosa de *American Pie*, roube sistematicamente a cena como a triste, carente e pateticamente esperançosa Tanya, a mulher de meia-idade em luto pela mãe horrorosa (palavras dela) que se apega à fisioterapeuta do spa, a resignada Belinda (Natasha Rothwell).

ESTOURO Jennifer Coolidge: estelar como a carente e grudenta Tanya

Do ponto de vista promocional, portanto, *The White Lotus* poderia constituir um pesadelo. Mas a HBO, que a produziu, tem se mostrado enge-

nhosa na arte de fazer séries como *I May Destroy You, Years and Years, Succession* e *Mare of Easttown* "acontecerem" aos poucos e como que espontaneamente, preservando para o espectador a sensação cada vez mais rara de descoberta e de fazer parte de um círculo de iniciados que se alarga à medida que a novidade é transmitida de um entusiasta para outro.

Enquanto o gigante Netflix trabalha inundando a plataforma de novos títulos e escolhendo uns poucos para campanhas maciças, a HBO quase sempre prefere jogar um jogo longo. Por tradição, não foge de projetos "complicados" e produz em ritmo seletivo, com forte curadoria, para que a marca não se dilua. Desde a concepção, assim, costuma lidar com aquele tipo de material que gera muita repercussão não paga e de grande credibilidade: boca a boca entre o público, e resenhas na primeira linha da imprensa. Aí, é preciso ter algo que poucas empresas do ramo têm — paciência para esperar que os resultados se avolumem. Mas *The White Lotus* assanhou de tal maneira a crítica que já se encontram até análises da simbologia dos papéis de parede que decoram as suítes do resort havaiano.

Sempre há um ou outro tiro no pé, como a fraca *Nove Desconhecidos*. Mas, casado ao acervo da Warner e à estratégia desta de lançar seus filmes quase simultaneamente com a estreia nos cinemas, o conteúdo da HBO tem sido decisivo para a HBO Max superar o início trêmulo e acelerar entre os assinantes, além de distinguir-se da concorrência. Pela qualidade frequente e porque, em razão de sucessos como *Big Little Lies, The Undoing, Succession* e a própria *White Lotus*, ela ganhou fama de ser a casa daquilo que se chama de "problemas de gente branca e rica". Quando a dramaturgia é boa, até eles parecem prementes. ■

WALCYR CARRASCO

A XEPA DO INSTAGRAM

De batom a biscoito, a publicidade na internet virou uma praga

EU CONCORDO com a publicidade. Base da nossa sociedade de consumo. Digo isso para não ficar semelhante a um esquerdista dos velhos tempos para quem anunciar já era, em si, um pecado. Hoje vivemos sob a era dos *influencers*. E me pergunto: não há responsabilidade sobre o que eles dizem? Abro meu celular, passo por uma figura pública comendo biscoitos, dizendo que são deliciosos. É uma ação paga, claro. Mas ela comeu os biscoitos, ou só está dizendo pela graninha? Na publicidade tradicional, há um projeto que envolve inúmeras pessoas, e se exige responsabilidade. Quando alguém fura, há inclusive processos. Toda a estrutura pressiona para proteger o consumidor. Mas e os *influencers?*

Dizem o que querem. Não digo que sejam coisas ruins. A maioria fala de biscoitos, cosméticos, dá a dica de comidinhas... A minha pergunta é: a *influencer* usou aquele produto? Desfrutou a comidinha? Eu tenho um contato relativo com o mundo de *influencers*. Sei que ganham por ações pagas, e muitos faturam alto. Cada batom apresentado, cada unha pintada. Mas eles usam os produtos? Experimentam pelo menos? Ou só na hora de gravar?

"Os *influencers* ganham por ações pagas, e muitos faturam alto. Mas eles usam os produtos?"

Quando eu era pequeno, aprendi que devo ter responsabilidade sobre o que falo. Na publicidade tradicional também já vimos gente que "não bebe" fazendo propaganda de cerveja — inclusive a Sandy. Não colou. Mas no dia a dia da internet está desenfreado. Às vezes — acho pior — disfarçado. A personalidade faz uma foto descontraída e lá no canto tem o produto. Como que por acaso. Eu mesmo, confesso, já fiz post com chocolates. Sinto a consciência em paz porque sou guloso e adorava a marca. Mas exagerei dando mordidas de hipopótamo em um ovo de Páscoa. Eu comeria aquele chocolate de novo? Todos os anos. Comeria outro? Daquele jeito? Exagerei. Ou seja, a palavra tem valor. Só que esse valor passou a ser medido em preços. As pessoas ficam ricas ou pelo menos vivem bem falando de coisas que não experimentam, não conhecem. E se um produto fizer mal?

O contato dos *influencers* com o produto é rápido, só na hora da gravação, na maior parte das vezes. Não têm a menor ideia do que estão dizendo. Criam um mundo falso, de um cotidiano recheado de produtos que não conhecem. As pessoas que os seguem pagam a conta.

Eu não sei dizer. Mas a gente não deveria pensar em cobrar responsabilidade social dos *influencers?* Tipo: que no mínimo conhecessem o produto que alardeiam? Não digo que se tenha de usar o produto todo dia, mas, antes de falar bem, não teriam de conviver com ele?

São questões novas que estão surgindo com a força do Instagram. Eu me lembro que, no passado, tudo que um jovem ator queria fazer era uma peça de teatro. Muitos não pensam mais nisso. Querem bons posts bem pagos, e com isso viver. São objetivos de vida, não tenho nada a dizer. Mas essa nova publicidade motiva um estilo de vida, de consumo rápido e crenças em testemunhos positivos.

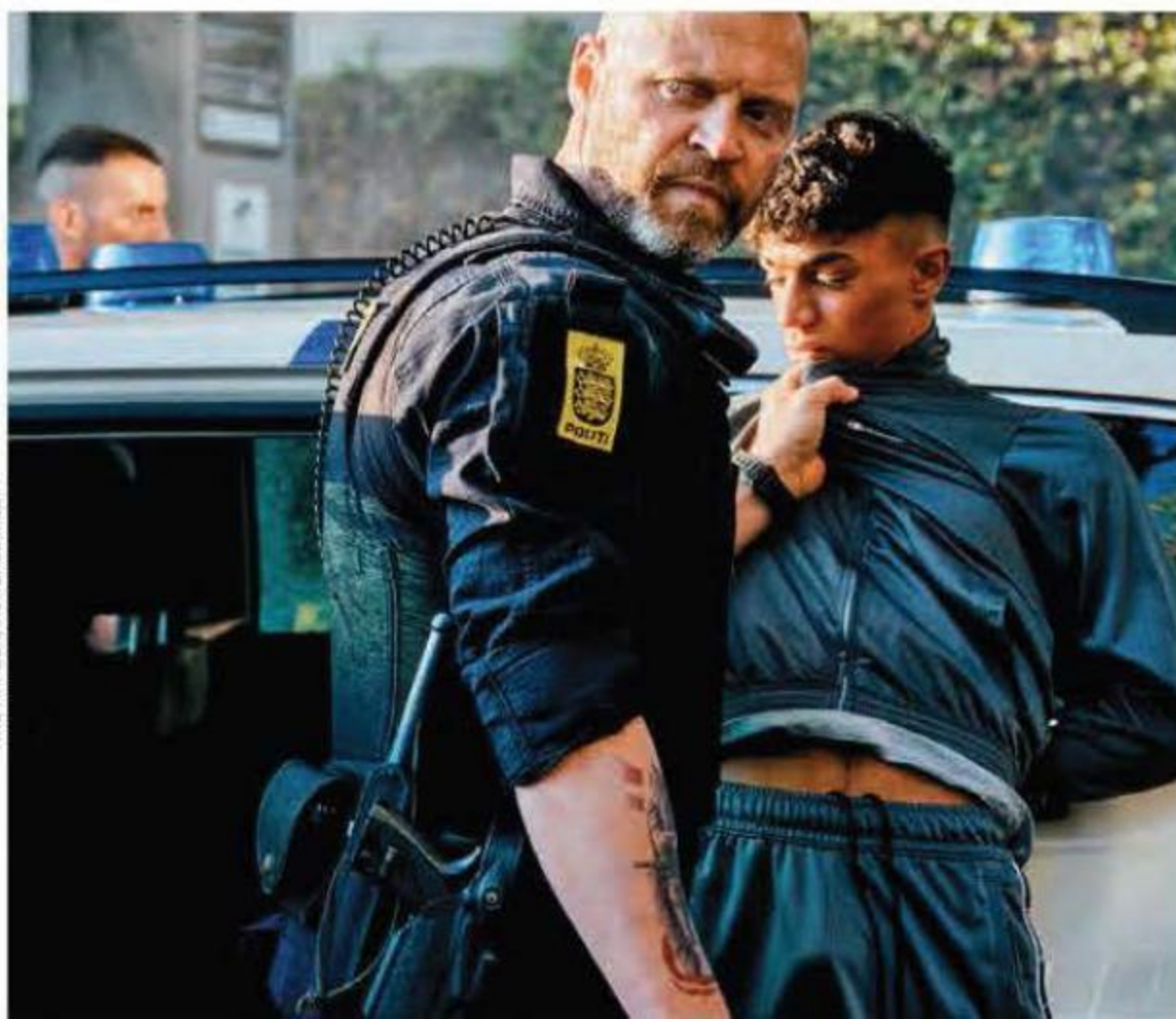
Testemunhos nos quais as pessoas nem sabem do que estão falando. ■

DISCO

IF I CAN'T HAVE LOVE, I WANT POWER, **de Halsey (disponível nas plataformas de streaming)**

Em 2015, então aos 21 anos, a americana Halsey cantava para milhares de jovens na turnê mundial de seu álbum de estreia, *Badlands,* quando sentiu um mal-estar: era um aborto espontâneo. Após o trauma, o sonho da maternidade foi enfim realizado no último mês de julho. Embora a amalucadinha artista pop tenha dado à luz o pequeno Ender, contentamento não é bem o clima deste seu quarto disco. Feito em meio à gravidez e produzido por Trent Reznor e Atticus Ross, da banda Nine Inch Nails, o álbum é uma ponte entre passado e futuro: os vocais fofos de Halsey se fundem ao rock eletrônico e industrial em letras confessionais. Em *Easier Than Lying,* ela esbraveja contra pessoas que a teriam enganado na vida; enquanto isso, a energética *Honey* traz o roqueiro Dave Grohl na bateria. A pungência da maternidade surge em *Ya'aburnee*, expressão árabe que designa não querer viver mais que um ente querido. Uma perfeita mescla de doçura e contundência.

INSTAGRAM @IAMHALSEY

MENINA MALUQUINHA Halsey: álbum contundente gravado durante a gravidez

TINE HARDEN/MONGREL MEDIA

FILME

ZONA DE CONFRONTO ***(Shorta*, Dinamarca, 2020. Disponível no NOW e outras plataformas)**

Como resultado de um caso gritante de abuso policial, um jovem muçulmano está em coma — e sua comunidade, na periferia de Copenhague, à beira de um levante. A morte do rapaz é esperada a qualquer momento, e a recomendação aos patrulheiros é manter distância do bairro. Esquentado, truculento e racista, o veterano Mike (Jacob Lohmann) desobedece a

EXPLOSIVO *Zona de Confronto:* abuso policial e racismo na Dinamarca

LIVRO

FACHADA, **de Elisabeth Sanxay Holding (tradução de Stephanie Fernandes; DBA; 256 páginas; 59,90 reais e 44,90 em e-book)**

Perto dos 50 anos de idade, Lucia Holle não pode mais se dar ao luxo de ser uma mera dona de casa numa família abastada do subúrbio de Nova York. Com o marido lutando na II Guerra, um pai idoso e dois filhos, ela precisa assumir tarefas ingratas, geralmente relacionadas ao patriarca. Certo dia, ela enfrenta o homem mais velho e casado que se envolveu com sua filha de 17 anos. Após o ultimato que dá ao sujeito, ele aparece morto no barco da família. Lucia controla o pavor para decidir o que fazer com o corpo e, assim, proteger sua família de um processo judicial. “Tinha a engenhosidade de uma mãe, a mulher doméstica, acostumada com emergências”, diz o narrador sobre a protagonista. Clássico do suspense noir, de 1947, o livro deixa de lado o olhar comum de protagonistas masculinos do gênero policial para dar voz a uma mulher que, como tantas outras em tempos de escassez e caos, encontra dentro de si a força e a malícia típicas das sobreviventes.

---

ordem; seu parceiro, o comedido Jens (Simon Sears), não tenta impedi-lo: já está na mira dos colegas por ser testemunha da agressão que motivou o tumulto — o qual vai escalar de forma explosiva, deixando a dupla exposta e isolada em território hostil, com o auxílio apenas de Amos (Tarek Zayat), um garoto que Mike maltratou. Partindo do clichê do mau policial *versus* o bom policial, os diretores Frederik Louis Hviid e Anders Ølholm desconstroem os estereótipos de maneiras imprevistas e não raro trágicas. A dupla filma com perícia notável e um senso de ritmo sufocante. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO** Taylor Jenkins Reid [1 | 22#] PARALELA
2. **A GAROTA DO LAGO** Charlie Donlea [2 | 105#] FARO EDITORIAL
3. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS** George Orwell [6 | 158#] VÁRIAS EDITORAS
4. **TORTO ARADO** Itamar Vieira Junior [8 | 34#] TODAVIA
5. **TETO PARA DOIS** Beth O'Leary [5 | 36#] INTRÍNSECA
6. **BOX – GEORGE ORWELL** George Orwell [9 | 2] PRINCIPIS
7. **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES** Colleen Hoover [7 | 4#] GALERA RECORD
8. **DAISY JONES AND THE SIX** Taylor Jenkins Reid [4 | 7#] PARALELA
9. **O DIÁRIO DO CHAVES** Roberto Gómez Bolaños [0 | 1] PIPOCA E NANQUIM
10. **BOX – TRILOGIA O SENHOR DOS ANÉIS** J. R. R. Tolkien [0 | 22#] HARPERCOLLINS BRASIL

NÃO FICÇÃO

1. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [1 | 72#] ROCCO
2. **POLÍTICA É PARA TODOS** Gabriela Prioli [0 | 2#] COMPANHIA DAS LETRAS
3. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari [3 | 238#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
4. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK** Anne Frank [2 | 245#] VÁRIAS EDITORAS
5. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 2** Laurentino Gomes [4 | 12] GLOBO LIVROS
6. **RÁPIDO E DEVAGAR** Daniel Kahneman [5 | 128#] OBJETIVA
7. **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE** Tori Telfer [7 | 36#] DARKSIDE
8. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA** Djamila Ribeiro [8 | 82] COMPANHIA DAS LETRAS
9. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 1** Laurentino Gomes [0 | 61#] GLOBO LIVROS
10. **MEDITAÇÕES** Marco Aurélio [0 | 8#] VÁRIAS EDITORAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA** George S. Clason [2 | 45#] HARPERCOLLINS BRASIL
2. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO** Napoleon Hill [5 | 123#] CITADEL
3. **O PODER DO HÁBITO** Charles Duhigg [4 | 247#] OBJETIVA
4. **DO MIL AO MILHÃO** Thiago Nigro [6 | 135#] HARPERCOLLINS BRASIL
5. **PAI RICO, PAI POBRE – PARA JOVENS** Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [10 | 47#] ALTA BOOKS
6. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA** T. Harv Eker [8 | 337#] SEXTANTE
7. **A NOVA BATALHA** Reginaldo Manzotti [0 | 10#] PETRA
8. **QUEM PENSA ENRIQUECE** Napoleon Hill [0 | 68#] CITADEL
9. **A CORAGEM DE SER IMPERFEITO** Brené Brown [0 | 48#] SEXTANTE
10. **MINDSET** Carol S. Dweck [1 | 97#] OBJETIVA

INFANTOJUVENIL

1. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL** Casey McQuiston [1 | 25#] SEGUINTE
2. **MENTIROSOS** E. Lockhart [2 | 17] SEGUINTE
3. **AMOR & GELATO** Jenna Evans Welch [3 | 10#] INTRÍNSECA
4. **ARISTÓTELES E DANTE DESCOBREM OS SEGREDOS DO UNIVERSO** Benjamin Alire Sáenz [6 | 7#] SEGUINTE
5. **UM DE NÓS ESTÁ MENTINDO** Karen M. McManus [4 | 13#] GALERA RECORD
6. **A RAINHA VERMELHA** Victoria Aveyard [0 | 70#] SEGUINTE
7. **BOX – O POVO DO AR** Holly Black [0 | 2#] GALERA RECORD
8. **CORALINE** Neil Gaiman [5 | 34#] INTRÍNSECA
9. **CORTE DE ESPINHOS E ROSAS** Sarah J. Maas [10 | 44#] GALERA RECORD
10. **A SELEÇÃO** Kiera Cass [0 | 88#] SEGUINTE

Pesquisa: **Yandeh** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Argumento, Blooks, Disal, Janela Livraria, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** 30porcento, Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Nobel Mais Shopping, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** MultiLivros, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

PELE DE CORDEIRO

É CLÁSSICA a cena do bandido que bate a carteira do transeunte e sai gritando "pega ladrão" para tentar enganar a polícia e assumir o lugar da vítima. A imagem é muito usada para ilustrar inversão de valores em discursos políticos e se adéqua perfeitamente ao figurino adotado pelo presidente Jair Bolsonaro e companhia nos preparativos das manifestações do próximo dia 7.

A data pode ou não prenunciar um setembro negro. Vai depender de as multidões — sim, a coisa está sendo preparada para impressionar — incorporarem a troca de papéis mostrando-se convincentes na transmutação de defensores da repressão em vítimas da opressão.

Será bonito de ver. A começar do capitão da banda, será preciso uma dose oceânica de autocontrole geral. Os ativistas de variadas causas, entre caminhoneiros, evangélicos, policiais, militares, ruralistas e motociclistas, terão de evitar dar um pio sequer sobre a deposição de ministros do Supremo Tribunal Federal "na marra".

Falar em quarteladas e invasões, nem pensar. A palavra "golpe" poderá ser dita, desde que aplicada na contramão, para firmar fileiras contra os que lhes querem tolher a liberdade de se expressar violentamente em prol de um país de administração militar.

Nesse Brasil tido como ideal a imprensa é risonha e franca, o Legislativo aprova impeachments de juízes desafetos, não importuna o governo com CPIs, e o Judiciário faz as vontades do presidente. De acordo com a novilíngua da turma, na independência dessa gente é que germina o autoritarismo, viceja a intolerância.

Ameaças explícitas à possibilidade de não realização de eleições em 2022 devido à rejeição do voto impresso na Câmara ficam de fora do manual. Ora, ora, ninguém quer melar se o resultado for adverso, não é mesmo? Vai se falar no assunto, mas apenas como garantia de maior segurança, jamais para desqualificar o sistema em vigor nem colocar a Justiça Eleitoral sob suspeita a fim de sustentar a escrita da fraude anunciada.

"Batedores da carteira da democracia gritam 'pega ladrão' em tardia e inútil troca de papéis"

O guia da ocasião dita que nada há de impróprio ou intimidador na presença de policiais como manifestantes em defesa da democracia que lhes convém. Afinal, estarão à paisana e, se porventura comparecerem armados, estarão no direito de cidadãos autorizados ao porte e de todo modo precavidos para quaisquer eventualidades.

Parte nobre do roteiro é a afirmação em prol da legalidade. Para efeito de propaganda enganosa fica combinado que aos militantes da causa bolsonarista não interessa nenhum tipo de ruptura, mas... ninguém é de ferro. A palavra de ordem é o respeito à Constituição, mas... tudo tem limite. São palavras ditas e repetidas pelo chefe a quem o futuro se desvenda como morte, prisão ou vitória. Só não põe em cena a derrota, num indicativo de que não vai dar trégua.

E aí mora o xis da questão. A conjunção "mas" introduz frases de significado oposto ao dito na oração anterior, funciona como senha a autorizar de maneira dissimulada a exacerbação. Esta, por mais que o momento seja de gritar "pega ladrão", abriga sem disfarces a natureza do escorpião.

Daí a razão do estado de alerta permanente — mais que isso, crescente — das autoridades, em cujos radares já entrou a possibilidade de o presidente da República não cumprir decisões judiciais, tachando-as de "ilegais". Leva-se em conta também a hipótese de Bolsonaro não atender a pedidos de ajuda de governadores para conter possíveis distúrbios no ambiente eleitoral.

Diante disso, estaria criado o desejado (por ele) impasse para o qual, apontam ex-ministros da Defesa, não haveria previsão legal. A solução estaria, segundo recente artigo do ministro Ricardo Lewandowski, na aplicação de preceitos da Constituição contra patrocinadores da quebra da legalidade. Em tese, tudo certo. Na prática, porém, uma situação de excepcionalidade estreita o espaço da tomada de decisões referidas na lei. Em circunstância de insegurança pública, a sociedade pode se tornar mais tolerante a medidas autoritárias.

Jair Bolsonaro cultiva viva a perspectiva de ruptura, por mais improvável que seja. Ele é fruto da desorganização social, do extremismo político e da desarticulação dos partidos. Não tem interesse algum em organizar nem pacificar. Planta nascida do lodo, é no ambiente do pântano que o presidente do Brasil vê suas chances de sobreviver. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA